

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO EM HISTÓRIA

Aldonei Machado

A Cidade no Dial
Florianópolis nas Ondas Médias e Curtas do Rádio
(Décadas de 40 e 50)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História, sob orientação da Profª Drª Maria Teresa Santos Cunha.

Florianópolis/SC, Abril de 1999.

**A CIDADE NO DIAL: FLORIANÓPOLIS NAS ONDAS
MÉDIAS E CURTAS DO RÁDIO (DÉCADAS DE 40 E 50)**

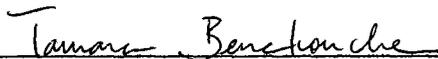
ALDONEI MACHADO

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de MESTRE EM HISTÓRIA DO BRASIL

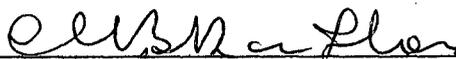
BANCA EXAMINADORA



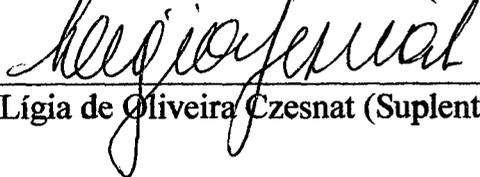
Prof.^ª. Dr.^ª. Maria Teresa Santos Cunha (Orientadora) (UFSC)



Prof.^ª. Dr.^ª. Tamara Benakouche (UFSC)



Prof.^ª. Dr.^ª. Maria Bernardete Ramos Flores (UFSC)



Prof.^ª. M.Sc. Lígia de Oliveira Czesnat (Suplente) (UFSC)

Florianópolis, 23 de abril de 1999.

Resumo

MACHADO, Aldonei. A Cidade no Dial. Florianópolis nas Ondas Médias e Curtas do Rádio. (Décadas de 40 e 50). Florianópolis, 1999. 145p. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Profª Drª Maria Teresa Santos Cunha.

Data de Defesa: 23/04/99

Tece e conta alguns fragmentos da história do rádio florianopolitano, mas, principalmente, conta um fragmento da história de Florianópolis através das suas duas primeiras emissoras de rádio - Guarujá e Diário da Manhã - as quais foram inauguradas durante as décadas de 40 e 50. Analisa a radiodifusão em seus inícios em Florianópolis, discute a relação das emissoras locais com as transformações urbanas ocorridas na cidade e suas imbricações enquanto símbolo de modernidade. Mostra que a radiodifusão, ao invadir e circular pelas ruas, praças, teatros, bares e lares, transformou o cotidiano de muitas pessoas, fomentando também a criação de novos ambientes e diferentes relações culturais e de sociabilidades. Discute a incipiência de uma indústria cultural em Florianópolis, bem como inseri o rádio local em contextos históricos mais amplos, pois através dos microfones das rádios tentava-se 'civilizar pessoas', plasmar valores e condutas sociais, além de discutir idéias e problemas que perpassavam a própria cidade.

Palavras-chave: Rádio; Florianópolis; Modernidade; Sociabilidade, Indústria Cultural.

Abstract

This dissertation intends to weave and tell some fragments of Florianópolis history through the radio waves, specially through its two first radio broadcasting stations - Guarujá and Diário da Manhã - which were launched on the 40's and 50's. On the first chapter, the objective was to think the radio-diffusion in its beginning in Florianópolis, analyzing the relation of the local radio broadcasting station with the urban transformations happened in the city, its overlapping while modernity symbol. On the second, it is tried to show the radio-diffusion, when invades and circulates on the streets, squares, theaters, bars and homes, transformed the daily living of many people when stimulated the creation of new environments and different cultural relations and the sociability. The last chapter will try to think the incipient of a cultural industry in Florianópolis, as well as to insert the local radio in broaden historical contexts, because through the microphones the radios to "civilize people", to mold values and social behavior, besides it was discussed ideas and problems that went by the city itself.

Key-Words: Rádio; Modernity; Florianópolis; Sociability; Cultural Industry.

Agradecimentos

Foram muitas as pessoas que contribuíram, de alguma maneira, para a realização desta dissertação. Algumas deram apoio, orientação e inúmeros votos de confiança e de sucesso. Outras acalmaram meus ânimos, oferecendo, pacientemente, seus ouvidos. Outras, ainda, demonstraram entender a minha ausência em alguns momentos da vida cotidiana. Sou grato, ou melhor, sou gratíssimo a todas estas pessoas.

Agradecimentos especiais à Prof^a Maria Teresa. Nossa relação começou na graduação, mais precisamente na Prática de Ensino em História. Com sua orientação, fiz esta dissertação. Com seus ensinamentos e suas experiências, aprendi algumas coisas da vida. Maria Teresa foi mais do que professora/orientadora, foi amiga, conselheira e cúmplice nas horas certas.

À Prof^a Lígia Czesnat, que também, desde a minha graduação, vem contribuindo para o meu aprimoramento na profissão escolhida. Durante nossa convivência, em algumas ocasiões, ela me chamava de "embaçado". Mal sabia ela o quanto isto me encorajava a seguir em frente.

Agradeço também aos "meus" entrevistados(as): Antunes e Nivalda Severo, Acy Cabral Teive, Gustavo Neves Filho, Maria Ana Machado, Teresa Rosa e Cláudio 'Zininho' Barbosa - este último *in memoriam*. Através dos seus preciosos depoimentos foi possível tecer esta dissertação. Aproveito e peço-lhes desculpas por invadir suas vidas com minhas perguntas e meu gravador.

Aos professores(as) do Programa de Pós-Graduação em História: Maria Bernardete, Joana, Élio e Dante. As leituras, críticas e sugestões oferecidas por estas pessoas foram de suma importância para o desenvolvimento da dissertação.

Aos meninos e meninas do mestrado: Luciana, Émerson, Vanderlei, Erondy, Lili, Cláudia e Santino. Nossa convivência foi interessante, cheia de altos e baixos, marcada por momentos de angústia, mas também recheada de alegrias, debates, festinhas, almoços no Restaurante Universitário e algumas cervejas.

Aos funcionários(as) do Programa de Pós-Graduação em História, da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina e da Fundação Franklin Cascaes, que com toda disposição, atenderam-me quando solicitados.

Apesar de todas as dificuldades financeiras e sociais que assolam nosso país, agradeço ao povo brasileiro, que além de garantir a minha entrada e a minha permanência numa universidade pública e de qualidade, permitiu-me também, durante a graduação e o mestrado, uma bolsa de estudos.

*"A franja da encosta é cor de laranja
Capim, rosa, chá.
O mel desses olhos luz
Mel de cor ímpar (...)
Teu cabelo preto, explícito objeto
Castanhos lábios.
Ou, pra ser exato, lábios cor de açaí.
E aqui trem das cores,
Sábios projetos,
Tocar na central,
Num céu de um azul celeste celestial."*

*Caetano Veloso em "Trem das Cores (Para Sônia)"
ou, também, para Luciana. Esta pessoa que se
tornou, nos últimos dois anos, amiga e companheira
das minhas aventuras e desventuras.*

*À Dona Maria Ana, mãe e fonte de quase toda
inspiração.*

SUMÁRIO

Introdução 09

Capítulo I

Euforias, experiências e resistências: o rádio em Florianópolis e a gênese de uma moderna conquista 20

Capítulo II

Rádio: criando e recriando espaços na cidade 64

Capítulo III

O rádio discutindo idéias, formando valores e criando estrelas em Florianópolis 98

Considerações Finais 133

Fontes 138

Introdução:

*“Nunca me esqueci daquela noite de Ano Novo em que Tia Bea me acordou para ver 1944 chegar. E nunca me esqueci daquelas pessoas ou daquelas vozes que costumávamos ouvir no rádio. No entanto, a verdade é que, com a passagem de cada Ano Novo, aquelas vozes pareciam ficar cada vez mais fracas.”*¹

Através das palavras acima descritas, podemos pensar o quanto a radiodifusão marcou e alterou a vida de muitos indivíduos norte-americanos a partir dos anos 30 e, principalmente, durante a década de 40. Entretendo e emocionando, tal veículo era capaz de arrancar suspiros de uma adolescente, apaixonada pelas vozes dos cantores românticos, bem como levar o menino Woody a sonhar e a comprar o anel mágico do seu super-herói predileto. Mesmo levando-se em conta que era tempo de guerra na Europa, o rádio, constantemente sintonizado, também mantinha as pessoas a par dos acontecimentos ocorridos com as nações beligerantes, apesar dos intensos blecautes, da deficiência de energia e, é claro, da fraca potência dos aparelhos transmissores e receptores.²

Também no Brasil, praticamente na mesma época, o rádio vai paulatinamente assumindo um caráter de aparelho comunicativo, e assim, como na família do pequeno Woody Allen, também vai proporcionando uma série de novas emoções, lazeres e informações, ou seja, vai transformando sensivelmente os padrões de vida de inúmeros brasileiros, os quais ousaram encarar com seus ouvidos as ondas hertz.

¹ Fala de Woody Allen no longa-metragem *Radio Days*. Estados Unidos, 1987.

² Ver longa-metragem *Radio Days* & AVANCINI, Marta. No Tempo em que o Rádio era Rei. In: *História & Perspectiva – Revista do Curso de História*. Universidade Federal de Uberlândia, nº 03, jul/dez de 1990. p. 113.

Mas, afinal, que emoções e transformações são estas que permitem que várias pessoas lembrem, com tanta ênfase, a época de ouro da radiodifusão, tanto no Brasil como no mundo? O que leva minha mãe e outras pessoas por volta dos sessenta ou setenta anos a comentarem, com tanto brilho nos olhos, sobre as radionovelas e seus personagens, os quais, quase sempre, viviam amores proibidos? O que as permite cantarolar, com tanta emoção, diversas músicas - sambas, boleros, marchinhas - as quais eram embaladas por vozes graves e que, em muitas ocasiões, elas próprias se apaixonavam sem ao menos conhecerem os rostos de seus donos? O que leva, ainda na atualidade, inúmeros senhores a assistirem jogos de futebol pela televisão sem áudio, mas com o rádio de pilha grudado aos ouvidos? Serão apenas simples sessões de nostalgia em plena era da comunicação digital e virtual?

Na tentativa de responder tais questionamentos, podemos nos valer das reflexões do filósofo francês Edgar Morin, que nos diz que "as primeiras décadas do século XX são marcadas por um outro tipo de industrialização - a do espírito - através da qual as palavras e as imagens saem aos borbotões dos teletipos, das rotativas, das películas, das fitas magnéticas e das antenas de rádio e televisão."³ Neste sentido, podemos pensar que tanto Woody Allen como milhares de homens e mulheres viveram - e ainda vivem - um século marcado e caracterizado pelo surgimento e incremento de inúmeros veículos comunicativos, nos quais podemos incluir, sem dúvida alguma, a radiodifusão.

Assim, podemos dizer que quando o italiano Guglielmo Marconi e o alemão Henrich Hertz desenvolveram, no final do século XIX, as primeiras experiências com aparelhos que transmitiam e captavam vozes humanas a longa distância, mal sabiam

³ MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX – Neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990. p. 13.

que estavam por transformar o mundo da comunicação e das artes. Em última instância, podemos dizer que passados pouco mais de cem anos, a radiodifusão transformou-se em uma grande indústria. Indústria esta que diverte, manipula, (in)forma, emociona, comunica e educa. Arte esta que faz rir, chorar. Provoca angústia, medo, dor e alegria.

Pensamos também que não podemos considerar a radiodifusão como um fenômeno puramente isolado. Como qualquer atividade humana, faz-se necessário integrá-la aos processos culturais e sociais, os quais são construídos e desconstruídos cotidianamente. Tentar historicizar o rádio e suas influências sobre os indivíduos - influências postas aqui não como positivas ou negativas, mas sim como fomentadoras de transformações sociais e culturais - exige do pesquisador uma certa perspicácia para que o mesmo possa investigar, analisar, refletir e compreender os processos de gestação dos fenômenos da comunicação e, em última instância, a maneira como estes são apropriados pela sociedade. Faz-se necessário, portanto, estarmos atentos para podermos compreender a presença do rádio numa determinada sociedade e, é claro, num determinado contexto social e histórico.⁴

De acordo com as novas tendências da historiografia, "os historiadores das décadas de 60 e 70 abandonaram os mais tradicionais relatos históricos de líderes políticos e instituições políticas e direcionaram seus interesses nas investigações da composição social e da vida cotidiana de operários, mulheres, criados, grupos étnicos e congêneres."⁵

Contudo, podemos dizer também que "uma das mais surpreendentes mudanças recentes no conteúdo da história tem sido o crescimento, bem repentino, do interesse nos sentimentos, nas emoções, nos padrões de comportamento, nos valores e nos

⁴ Ver PINTO, Virgílio Noya. **Comunicação e Cultura Brasileira**. São Paulo: Ática, 1986. p. 05

⁵ HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 02.

estados de espírito, levantando, assim, novas questões, experimentando novos métodos e pesquisando novas fontes."⁶ Por todas estas razões, consideramos que a radiodifusão vêm se tornando objeto de estudo na área da história e como tal vêm se constituindo como uma possibilidade de investigação pelas novas perspectivas de abordagem historiográfica.

É óbvio que não temos a menor pretensão de apresentar um trabalho acabado e com conclusões fechadas sobre tal temática, pois temos a certeza de que a produção historiográfica não se finda. Pelo contrário: ela cada vez mais se desdobra, se ramifica, em virtude das diferentes interpretações e das inúmeras formas de abordagem que os processos históricos estão passíveis de receber. Sentimos, então, que podemos nos valer das reflexões do historiador francês Georges Duby, o qual nos mostra que muitos historiadores perderam o sonho de realizar uma reconstrução integral e literal do passado, visto que a historiografia é construída a partir de fragmentos da própria história, ou, como nos fala Duby, dos 'farrapos de memória.'⁷

As reflexões de Duby acima mencionadas e o título deste trabalho remetem, metaforicamente, ao objetivo desta dissertação, ou seja, colher e selecionar alguns cacos, alguns farrapos de história e de memória para tecer e contar um fragmento da história do rádio em Florianópolis, analisando seus significados culturais e sociais e inserindo-o num determinado contexto histórico. Mas também, e principalmente, construir e contar um fragmento da história de Florianópolis pelo viés do rádio, pois o dial, substantivo inglês já aportuguesado, significa o ponteiro indicador que possui como função mostrar e sintonizar, para o ouvinte, uma determinada estação de rádio. Desta maneira, pensamos que a cidade

⁶ STONE, Laurence. **O Renascimento da Narrativa: reflexões sobre uma nova velha História.** Past and Present, nº 85, Novembro de 1979. pp. 14-19 (texto datilografado).

⁷ DUBY, Georges & LARDREAU, Guy. **A Memória e o que Ela Esquece: In: Diálogos Sobre a Nova História.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989. pp. 61-74.

de Florianópolis acaba passando, em parte, pelo dial, pois seus habitantes, ao sintonizarem as estações de rádio locais, poderiam entrar em contato com o que estava acontecendo na cidade. Através do éter e do dial, as pessoas que possuísem um aparelho de rádio faziam chegar aos seus lares as transformações sociais, culturais e urbanísticas da cidade, as diversas promoções e produtos oferecidos pelas lojas comerciais, os shows de música e de literatura que aconteciam nos locais de sociabilidades do centro urbano da cidade, as manifestações de arte produzidas pelos artistas locais, além, é claro, podiam entrar em contato com as notícias, os problemas, os embates e as questões que permeavam Florianópolis e, em última instância, o Brasil e o mundo. Enfim, podemos dizer que o rádio era fonte de lazer e informação para uma boa parcela da população de Florianópolis. Bastava torcer para que a energia elétrica não sumisse e girar/sintonizar alguns poucos botões daquelas grandes caixas de madeira que um imenso palco se abria, dando início, assim, a um grande show.

O espaço temporal escolhido perpassa as décadas de 40 e 50, pois em 1942 inaugura-se a primeira emissora de rádio de Florianópolis, a Empresa de Propaganda Guarujá Ltda, posteriormente rebatizada de Sociedade Rádio Guarujá Ltda. Somente no início e durante os anos 50, Florianópolis passa a ter outras emissoras através da inauguração das Rádios Diário da Manhã e Anita Garibaldi.

Aliado a estes fatores, a radiodifusão local, a partir dos anos 60, passa por um importante processo de transformação. Em função dos elevados custos dos programas de auditório, das radionovelas e dos programas musicais ao vivo, ocorreu um processo de desmantelamento dos quadros de artistas das emissoras locais e, principalmente, por que durante os anos 60 um novo meio de comunicação invade as casas das famílias florianopolitanas e catarinenses: as TV's Florianópolis, Coligadas, de Blumenau, Paraná, de

Curitiba e Piratini, de Porto Alegre,⁸ as quais trouxeram não só chiados, vozes e sons, mas também rostos, imagens, novos sonhos e novas realidades.

Para tecer esta história utilizamos como fontes alguns jornais que circularam em Florianópolis, principalmente os jornais O Estado, A Semana, A Gazeta e Diário da Manhã e da Tarde; depoimentos de pessoas - radialistas, artistas e ouvintes; fragmentos de programas e comerciais produzidos pelas rádios da cidade, além, é claro, de todo um conjunto de bibliografias específicas, literárias⁹ e teóricas que abordam tal tema.

Com relação a importância do jornais como fonte para o historiador, reportamo-nos às reflexões da crítica literária Bethânia Sampaio Mariani, que nos mostra que "analisar o discurso jornalístico é considerá-lo do ponto de vista do imaginário de uma época, pois o jornal se comporta como uma prática social produtora de sentidos, como também veicula, direta ou indiretamente, as várias vozes constitutivas - ou não - daquele imaginário. Em suma, o discurso jornalístico integra uma sociedade, sua história, legitimando um passado e criando uma memória a ser analisada no futuro."¹⁰

Por este viés, consideramos que a utilização dos jornais torna-se de suma importância para a produção historiográfica, visto que os mesmos divulgam, em sua linhas e entrelinhas, discursos, práticas sociais, acontecimentos e idéias, vivenciadas por determinados segmentos sociais em contextos históricos específicos. Através do jornal o

⁸ Ver PEREIRA, Moacir. *Imprensa e Poder - a comunicação em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli/FCC Edições, 1992. pp. 50-55 & MEDEIROS, Ricardo. *Dramas no Rádio: a radionovela em Florianópolis nas décadas de 50 e 60*. Florianópolis: Insular, 1998. pp. 34 -38.

⁹ É necessário esclarecer que utilizamos algumas crônicas escritas por autores catarinenses, sendo que as mesmas foram publicadas na forma de livros, em jornais de Florianópolis e/ou transmitidas pelas emissoras de rádio da cidade durante os anos 40 e 50. No entanto, salientamos também que consideramos tais crônicas enquanto acontecimento, representado por seus autores através de práticas simbólicas, ou seja, através da literatura, sendo que tanto estas práticas simbólicas como seus autores estavam inseridos em determinados contextos históricos.

¹⁰ MARIANI, Bethânia Sampaio Correa. Os Primórdios da Imprensa no Brasil - ou de como o discurso jornalístico constrói memória. In: ORLANDI, Eni. P. (org.) *O Discurso Fundador: a construção do país e a formação da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 1993. p. 33.

historiador poderá olhar um passado e defrontar-se com toda uma série de interesses, práticas e representações, visto que ele - o jornal - nunca estará totalmente isento de propósitos.

Nesta perspectiva, dos jornais consultamos e selecionamos determinadas matérias que tratavam sobre as emissoras de Florianópolis, numa tentativa de detectar possíveis programas, bem como reportagens e notícias, as quais variaram desde propagandas das casas comerciais que vendiam aparelhos receptores, passando por notas e matérias que anunciavam shows dos artistas do rádio e programas de auditório, até crônicas e artigos que abordavam a radiodifusão.

Um outro conjunto de fontes utilizadas para a elaboração desta dissertação perpassou os recursos inerentes à história oral. Para o historiador inglês Paul Thompson, a "utilização da história oral implica uma certa mudança de enfoque. Em determinados campos, a história oral pode ressaltar não apenas em uma mudança de enfoque, mas também na abertura de novas áreas importantes de investigação, as quais, geralmente, são desprezadas pelos historiadores tradicionais, como, por exemplo, a história cultural e social." ¹¹

Contudo, pensamos que a história oral é muito mais que uma técnica utilizada para a realização de entrevistas e coleta de depoimentos. Se a história é construída em torno e pelos indivíduos, acreditamos que a realização de entrevistas possibilita ao historiador lançar esses mesmos indivíduos para dentro da história, considerando, conseqüentemente, que todos possuem, agem e constroem os processos históricos.

Complementando e produzindo novos documentos, a história oral possibilita

¹¹ THOMPSON, Paul. *História Oral - a voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992. pp. 26-27.

trabalhar o objeto de estudo sob várias óticas, utilizando como ponto de partida o próprio agente histórico, ou seja, o entrevistado. Assim sendo, utilizamos entrevistas realizadas com sete pessoas - quatro homens e três mulheres - nascidas ou radicadas em Florianópolis, contando, todas, com cerca de sessenta e cinco anos de idade. Tais pessoas foram fontes importantes para a elaboração desta dissertação por que vivenciaram o espaço temporal priorizado e, principalmente, por que participaram, seja como ouvintes ou como integrantes do *cast* das emissoras de rádio de Florianópolis.

As reflexões feitas sobre as fontes selecionadas possibilitaram levantar algumas problemáticas, ensejando a estruturação da dissertação em três capítulos. Num primeiro momento, nosso objetivo é pensar o rádio em seus inícios, mostrar as primeiras experiências e as dificuldades encontradas pelas emissoras, sua relação com as modernas transformações urbanas ocorridas em Florianópolis e as resistências e os conflitos suscitados, pois o rádio, fazendo barulho, criando novos sons e ruídos, trazendo agitação, música e informação, passou a ser considerado como mais um elemento de modernidade para a cidade.

Tal modernidade, porém, pode ser caracterizada pela velocidade, pela urbanização e pelo avanço tecnológico nas áreas do transporte e da comunicação, que interferindo na sociedade, criaram novas relações sociais e abriram novas expectativas de vida para muitos indivíduos. No entanto, a inauguração de uma emissora de rádio em Florianópolis, enquanto avanço tecnológico, enquanto elemento de modernidade, ameaçou também atropelar, transformar e destruir a vida de outros tantos indivíduos, criando, desta maneira, paradoxos, preconceitos, resistências, conflitos e embates

No segundo capítulo, tentaremos mostrar como o rádio, caracterizado em seus inícios como um veículo de comunicação urbano, passa a se apropriar de outros

espaços já consagrados pela população de Florianópolis. Ao invadir e circular pelos bares, teatros e ruas e ao aumentar a cultura da praça, as emissoras locais acabaram por alterar o cotidiano da cidade, suscitando, assim, novos ambientes e novas sociabilidades para seus habitantes, como por exemplo, o ato de oferecer músicas, a reunião de pessoas em plena via pública para entrar em contato com as notícias e com os programas musicais e o envio e a troca de correspondências e de telefonemas entre ouvintes e radialistas.

Além disso, o rádio, ao adentrar na vida dos indivíduos, transformando-se em um veículo integrado às suas vidas, foi capaz de (re)organizar o cotidiano de determinados segmentos sociais da cidade, seja reordenando a esfera do trabalho no lar ou, até mesmo, criando novos grupos de pessoas, as quais compareciam aos programas de auditório e/ou realizavam visitas aos amigos e parentes para, juntos, ouvirem seus programas de rádio preferidos.

O terceiro e último capítulo tenta mostrar e inserir o rádio em contextos históricos mais amplos, indo ao encontro de projetos e processos que circulavam no corpo social. Através das ondas do rádio e das letras dos impressos, grupos sociais, principalmente as elites, as quais formavam os quadros das emissoras de rádio de Florianópolis, tentavam discutir idéias e problemas da cidade, bem como formar valores e ordenar as condutas e práticas sociais e culturais de homens, mulheres e crianças. Neste sentido, tentava-se, por exemplo, discutir e formar uma opinião pública sobre os problemas políticos da cidade, desqualificar a medicina popular e promover o que podemos chamar de uma medicalização social dos corpos, cultuar a aparência e a beleza de homens e mulheres, bem como civilizar as crianças no que tange à saúde e às práticas de polidez e boas maneiras. O rádio também torna-se um elemento importante para que possamos compreender a construção e a incipiência de uma indústria da cultura em Florianópolis,

visto que as emissoras da cidade, aliadas mais uma vez aos jornais, acabaram por fomentar e divulgar os trabalhos de inúmeros músicos, cantores(as), atores e atrizes, ensejando, portanto, a criação de estrelas locais, paixões e admirações via microfones e programas de auditório.

Concluindo este intróito, ao finalizarmos o trabalho, temos o estranho sentimento de que ficamos aquém de nossos desejos e, principalmente, aquém daquilo que o tema e a documentação prometiam. Enfim, conseguimos o possível. E dentro deste possível, nosso objetivo foi construir uma história de Florianópolis por um outro viés, tentando dialogar e jogar algumas luzes sobre as fontes selecionadas, pois, conforme Laurence Stone, "as novas tendências da historiografia ensinaram aos historiadores como um sistema social e seu conjunto de valores podem ser iluminados pelo 'método holofote', através do qual o historiador deve iluminar e registrar alguns detalhes de um único evento, levando em conta que este mesmo evento seja cuidadosamente inserido no seu contexto social e que muito cuidadosamente se analise seus significados culturais."¹²

¹² Laurence Stone. Op. Cit. p.14.

Capítulo I

Euforias, experiências e resistências: o rádio em Florianópolis e a gênese de uma moderna conquista

*"Nós somos as cantoras do rádio,
Levamos a vida a cantar.
De noite embalamos teu sono,
De manhã nós vamos te acordar.
Nós somos as cantoras do rádio,
Nossas canções, cruzando o espaço azul,
Vão reunindo, num grande abraço,
Corações de norte a sul."*

Cantores de Rádio

A marchinha 'Cantores de Rádio', criada em 1936 pelos compositores João de Barro, Lamartine Babo e Alberto Ribeiro¹³, e exaustivamente cantada durante a década de 40, é reconhecida pela historiografia como um marco na história da Música Popular Brasileira. No entanto, mais do que uma música, seus versos representam a fase áurea da radiodifusão no Brasil e, principalmente, revelam o caráter positivo deste veículo de comunicação, pois o rádio, pelo menos na opinião dos seus autores, poderia levar, aos amigos-ouvintes, a paz, a alegria e a união.

Este clima de entusiasmo perante o advento da radiodifusão no Brasil também pode ser vislumbrado em outros textos, como, por exemplo, na obra 'A Voz do Infinito', produzida em 1939, de autoria do escritor carioca Berilo Neves. Para este autor, "o rádio seria a onipotência feito som, pois quem descobriu no mecanismo do universo as ondas hertzianas agarrou, de uma só vez, as rédeas de ouro do carro do infinito. O rádio - continua Berilo Neves - mete-nos em casa, quase de graça, a terra inteira, com o rumor das suas cidades, o cantar dos seus artistas, os versos dos seus poetas e o esplendor das suas

¹³ MELLO, Zuzi Homem de & SEVERIANO, Jairo. *A Canção no Tempo – 85 Anos de Músicas Brasileiras. 1901/1957. Volume 01*. São Paulo: Editora 34, 1997. p. 148.

conquistas. Quem possui um aparelho de rádio é um dominador do mundo, um Alexandre dócil, que não precisa sair de casa para o ter a seus pés. Se Deus viesse de novo ao mundo não falaria do alto de uma nuvem, nem do corpo de um trovão, mas sim ao microfone."¹⁴

Podemos perceber também que sobre o tratamento dado ao rádio por seus primeiros profissionais é comum encontrarmos frases e expressões de efeito do tipo "tudo no rádio era nosso: o jardim de que eles estavam falando era o jardim que a gente gostaria de ter, a casa era a dos nossos sonhos, com as flores da nossa preferência"¹⁵, ou "o rádio: que abalo moral! Que meio para transformar o homem em poucos minutos."¹⁶

Todavia, o historiador Antônio Pedro, ao problematizar o rádio em São Paulo nos anos 20 e 30, utilizando como fontes textos de autores modernistas, nos alerta para não nos deixarmos levar pelo clima de euforia e entusiasmo promulgadas pelos primeiros profissionais do rádio brasileiro, visto que podem ensejar ao historiador dificuldades em separar os processos históricos dos envolvimento emocionais dos indivíduos.¹⁷ Sendo assim, podemos visualizar nas expressões e textos construídos por antigos profissionais do rádio um forte juízo de valor, baseado no saudosismo de um

¹⁴ NEVES, Berilo. *A Voz do Infinito*. In: MURCE, Renato. *Bastidores do Rádio*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. pp. 07-08.

¹⁵ LAGO, Mário. *Bagaço de Beira de Estrada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 53.
Mário Lago, ator e compositor, atuou também como radialista e escritor de radionovelas nas rádios Panamericana, Mayrink Veiga e Nacional do Rio de Janeiro nos anos 40 e 50.

¹⁶ PINTO, Roquette. In: MOREIRA, Sônia Virgínia. *O Rádio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991. p. 16.

Edgar Roquette Pinto, antropólogo, foi um dos pioneiros da radiodifusão brasileira.

¹⁷ O literato e modernista Mário de Andrade também não deixou de mostrar seu entusiasmo pela radiodifusão. Em sua obra '*Café – Conceção Melodramática*', tal autor deixa revelar a sua euforia perante o rádio quando este foi tomado pelos paulistanos rebeldes na luta contra o governo Vargas em 1932: "Alô! Alô!... Alô... Alô... Prezados ouvintes! O rádio é nosso! Inteiramente nosso! A revolução está prestes a se tornar vitoriosa! Já tomamos todas as estações de rádio da nossa magnífica capital! Guardem os rádios ligados, prezados ouvintes, enquanto esperamos notícias." Ver PEDRO, Antônio. *A Locomotiva no Ar: rádio na cidade de São Paulo – 1924/1934*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo, 1987. pp. 06-07 e p. 25. (Tese de Doutorado).

período idílico e, principalmente, numa certa idealização do rádio como veículo de comunicação.

Não é nosso objetivo negar que, em determinado momento da história contemporânea do Brasil, a radiodifusão chegou a ser a principal força em termos de comunicação de massa. Após passar por um período de expansão, "marcado especialmente pela introdução de anúncios publicitários nas programações, pelo aumento do número de emissoras e pela proliferação de aparelhos receptores, o rádio passou a ocupar um espaço cada vez maior na vida das pessoas, pois o mesmo, constantemente ligado, era capaz de informar, divertir e emocionar."¹⁸

Além disso, milhares de pessoas, em algum momento de suas vidas entraram em contato, de uma forma ou de outra, com a clássica expressão que o rádio - pelo menos no tempo de seus pais e avós - era uma verdadeira "mania nacional." Tal expressão, praticamente de domínio público e consagrada pela historiografia, afirma com todas as letras a introdução e a aceitação deste veículo de comunicação na vida do país, o qual "foi capaz não apenas de vender produtos e ditar modas, mas também de mobilizar as pessoas, ensejando, assim, a criação de um elo entre os indivíduos"¹⁹, sobretudo entre aqueles pertencentes às classes populares e às nascentes classes médias urbanas das principais capitais brasileiras durante as décadas de 30 e 40.

Pensamos, contudo, que para podermos compreender o entusiasmo e a euforia dos primeiros profissionais do rádio, alguns aqui mostrados, faz-se mister inserir tais expressões e textos no contexto histórico em que os mesmos foram produzidos. Na

¹⁸ AVANCINI, Marta. No Tempo em que o Rádio era Rei. Op. Cit. p. 113.

¹⁹ MIRANDA, Orlando. Nas Ondas Hertz a Sociedade de Massas. In: *Coleção Nosso Século – 1930/1945*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 72

perspectiva do filósofo francês Michel Foucault, um texto jamais encerra-se nas suas margens; um livro não se reduz no seu pequeno paralelepípedo; ele - o texto - só se constrói em um campo complexo de discursos.²⁰ Sendo assim, torna-se de suma importância, ao nos depararmos com uma produção textual, ir além das palavras do autor. É fundamental buscar analisar, interpretar e perceber os intertextos, as interferências, os desejos, os sentimentos de nostalgia, os diálogos e os projetos pessoais do autor. Devemos pensar que o historiador, o filósofo, o poeta, o literato, enfim, toda pessoa que desejar aventurar-se na construção de um texto sempre estará produzindo-o influenciado por sua época. O escritor pode ser considerado um indivíduo marcado pelo seu tempo, concebendo sua obra a partir de suas próprias experiências.

Neste sentido, podemos dizer que o surgimento das massas, da urbanização, da industrialização e do desenvolvimento tecnológico tornaram-se as principais manifestações de um modelo de sociedade que começou a se construir em meados do século XIX. O Brasil não fugiu a esta regra, visto que a partir dos anos 20 deste século começaram a ser difundidas, em especial no eixo Rio-São Paulo, uma série de inovações tecnológicas, como, por exemplo, a fotografia, o gramofone e o cinematógrafo, suscitando diversas alterações no comportamento de muitas pessoas que passaram a viver cotidianamente com estas novas tecnologias.²¹

Aliado aos fatores tecnológicos, podemos também vislumbrar que o Brasil, desde o final do século XIX até o fim da década de 30, passou por profundas transformações sociais e políticas, pois "a Abolição da Escravidão e a Proclamação da

²⁰ FOUCAULT, Michel. As unidades do Discurso. In: *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 26.

²¹ Ver SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras – literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

República abriram caminho para um conjunto de idéias que tinham como objetivo levar o Brasil a ingressar na era do capitalismo urbano-industrial. Surgem, então, uma série de projetos tentando civilizar e modernizar a sociedade brasileira, seja através da medicina (normatizando os corpos), da engenharia (reorganizando os espaços urbanos) e da educação (conformando e formando idéias).²²

É neste contexto que o rádio vai se inserir na sociedade brasileira, a qual, durante os anos 20, contava com uma população de 56,40% de analfabetos,²³ e que na opinião de Roquette Pinto, em seu livro 'Seixos Rolados', publicado em 1927, "a radiodifusão poderia servir à cultura daqueles que vivem em nossa terra, pois para nós, que assistimos a aurora do rádio, sentimo-nos como aqueles que conseguiram possuir e ler os primeiros livros. O T.S.F.²⁴ poderia representar um papel de guia diretor, de fecundador de almas, porque espalha a cultura, a informação, o ensino e o civismo, abrindo campo ao progresso, despertando em cada pessoa o desejo de aprender."²⁵

Ainda sobre as premissas educativas do rádio, é importante salientar como este caráter é representado na obra do escritor carioca Marques Rebêlo, que através de um romance retratando o Rio de Janeiro na década de 30, coloca para o leitor a visão positiva de um vendedor de aparelhos de rádio, sendo que para este "não existia objeto mais útil, pois tratava-se do mundo dentro de casa: informando, divertindo e instruindo."²⁶

²² HERSCHMANN, Micael & PEREIRA, Carlos A. Messeder. O Imaginário Moderno no Brasil. In: **A Invenção do Brasil Moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20 - 30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. pp. 09-42.

²³ CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de Massa Sem Massa**. São Paulo: Summus Editorial, 1986. p. 75.

²⁴ **Telefone Sem Fio, expressão atribuída à radiodifusão em seus primórdios.**

²⁵ PINTO, Roquette. In: GURGUEIRA, Fernando. **A Integração pelas Ondas: o rádio no Estado Novo**. São Paulo: Programa de Pós Graduação em História da Universidade de São Paulo, 1995. pp. 46-53. (Dissertação de Mestrado).

²⁶ REBÊLO, Marques. **A Estrela Sobe**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966. p. 144.

Podemos perceber, assim, o otimismo de muitos intelectuais perante o rádio, visto que este, diferentemente dos jornais, não precisaria de conhecimentos de leitura para ser consumido pela grande maioria da população brasileira. Tais intelectuais viam neste veículo de comunicação a possibilidade de fazê-lo funcionar como um 'livro falado',²⁷ levando conhecimento e educação para as pessoas e elevando o nível cultural das classes menos favorecidas, pois conforme o filósofo alemão Walter Benjamin, "o rádio, através de suas possibilidades técnicas, poderia dirigir-se na mesma hora a um número ilimitado de pessoas, orientando o saber em direção ao público, mas, ao mesmo tempo, o público em direção ao saber."²⁸ Ainda segundo Benjamin, "as formas tradicionais de popularização do conhecimento, como os livros, as palestras e os periódicos eram limitadas, não atingindo um grande alcance popular."²⁹ Nestas perspectivas, podemos pensar que tanto Walter Benjamin como Roquete Pinto visualizavam na oralidade do rádio e na sua capacidade tecnológica de atingir uma grande quantidade de ouvintes, um potencial educativo, possibilitando, assim, uma maior democratização e circulação do conhecimento cultural e científico.

No entanto, a partir das premissas até o momento mencionadas, temos a sensação de que muitas dimensões dos processos históricos precisam ser trabalhadas e que muitas questões ainda podem ser levantadas sobre a radiodifusão no Brasil, mesmo por que consideramos que qualquer temática de estudo "não é nunca a totalidade de todos os

²⁷ Tal expressão foi cunhada em função das atitudes dos primeiros radialistas no Brasil, os quais liam, ao microfone, as notícias dos jornais, ou ainda, de forma didática, liam poemas e romances, realizavam uma análise crítica da obra, bem como uma biografia dos respectivos autores. Ver TINHORÃO, José Ramos. *Música Popular – do gramofone ao rádio e TV*. São Paulo: Ática, 1981. p. 37

²⁸ BENJAMIN, Walter. *Dois Tipos de Popularidade – observações básicas sobre uma radiopeça*. In: *Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1986. p. 86.

²⁹ BENJAMIN, Walter. *Op. Cit.* p. 85.

fenômenos que podem ser observados em um tempo e em um meio, mas sempre alguns aspectos que são escolhidos mediante a pergunta que é feita."³⁰

Partindo destes pressupostos é que tentamos construir uma discussão, ou seja, tentar vislumbrar o rádio no seu início e, desta maneira, contrapor com a visão nostálgica e idealizada que geralmente se faz deste veículo de comunicação de massa. Visões estas que nos levam a pensar que tal veículo conseguiu abarcar e agradar por inteiro todos os segmentos sociais urbanos, tornando-se um elemento integrado no cotidiano dos indivíduos logo no seu início, tanto em Florianópolis como em outros centros do país. Contudo, ao mesmo tempo, tais visões, não se preocupam em mostrar ao leitor como se deu o processo de introdução deste veículo na sociedade, minimizando, assim, os conflitos, as experiências, bem como as fraturas, as resistências, as disputas e os antagonismos que os processos históricos estão passíveis de suscitar, visto que "a história pode ser considerada como um conjunto marcado por descontinuidades." ³¹

Pensamos, então, que se torna inevitável recorrermos às primeiras décadas deste século, mais especificamente ao ano de 1922, o qual é caracterizado como um ano ímpar na história do Brasil, pois em São Paulo, em fevereiro, acontecia a Semana de Arte Moderna. No Rio de Janeiro, em março, é fundado o PCB (Partido Comunista Brasileiro) e, em setembro, a historiografia registra a primeira transmissão oficial de radiodifusão no país, quando houve uma barulhenta exposição comemorativa ao Centenário da Independência no Rio de Janeiro, então Capital Federal. Neste evento, "pouca gente se interessou pelas demonstrações experimentais de radiodifusão, realizadas na Estação do Corcovado. Acredita-se que a causa principal deste desinteresse tenham sido os alto-

³⁰ VEYNE, Paul. **Como se Escreve a História**. Lisboa: Edições 70, 1987. p. 46.

³¹ VEYNE, Paul. Op. Cit. p. 19.

falantes instalados durante a exposição. Ouviam-se discursos e músicas reproduzidas no meio de um barulho infernal. Tudo era roufenho, distorcido e arranhando os ouvidos. Era, na verdade, uma curiosidade sem maiores consequências." ³²

Através das palavras do próprio Roquette Pinto, sendo ele um dos grandes entusiastas pela radiodifusão, podemos perceber que, para a maioria dos visitantes presentes na referida exposição, os sons, ruídos e as palavras do então Presidente da República na época, Sr. Epitácio Pessoa, foram recebidos com surpresa, pois, "como era possível uma pessoa falar de tão longe, sem fio, sem nada e todos podendo ouvir? Eram piores que São Tomé: vendo, ouvindo e não crendo."³³ Porém, podemos ir mais além e salientar que tal surpresa nada mais é que a expressão da desconfiança de muitos indivíduos frente ao novo, ou, mais especificamente, frente àqueles aparelhos capazes de reproduzir e amplificar vozes humanas.

Um dos primeiros setores sociais que demonstraram resistências a este novo veículo foram os jornais da época. Para a imprensa o rádio era um veículo loquaz, sem a perenidade da palavra impressa.³⁴ Em 1933, Renato Murce denuncia que "o rádio foi hostilizado de todos os modos, já que muitas pessoas ocupavam as colunas do jornais para criticar, áspera e maldosamente, tudo o que se fazia no *broadcasting*. Para muitos jornalistas nenhum programa prestava. Todos que trabalhavam no rádio eram ignorantes e analfabetos, cuja missão era deseducar o povo."³⁵

³² PINTO, Roquette. **Documentos Sonoros - 1900/1946**. São Paulo: RCA/Abril Cultural, 1980/1982.LP nº 001/69.

³³ MURCE, Renato. Op. Cit. p. 16.

Renato Murce, radialista carioca, atuou como cantor e programador da Nacional do Rio de Janeiro nos anos 50.

³⁴ SAROLDI, Luiz & VÍRGÍNIA, Sônia Moreira. **Rádio Nacional: o Brasil em Sintonia**. Rio de Janeiro: Funarte, 1984. p. 15.

³⁵ MURCE, Renato. Op. Cit. p. 42.

Estavam postas, assim, as primeiras tensões suscitadas com o advento da radiodifusão no Brasil. De um lado os jornais, tomando para si a primazia e a hegemonia da cultura e da informação, visto que muitos jornalistas consideravam que a linguagem escrita, culta e erudita estaria sendo prejudicada pela linguagem mais coloquial e sobrecarregada de gírias e expressões próprias dos profissionais do rádio. Do outro lado, um novo veículo de informação que, graças a sua capacidade técnica de transitar no plano sonoro e verbal, possuía a possibilidade de angariar um número maior de adeptos, pois, conforme Mário de Andrade, "a geografia do rádio não alcança as montanhas elevadas da cultura. Tal veículo transita pelos vales, pelos platôs largos e pelos litorais, criando uma linguagem particular, complexa, multifacetária, com palavras, ditos, sintaxes e expressões pertencentes as mais diferentes classes e comunidades."³⁶

Os debates e as disputas entre os jornalistas e os radialistas permaneceriam ainda por algum tempo, visto que em 1953, em nota publicada em jornal, "o Supremo Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro decidiu, em seção plena, que radialista não poderia ser considerado jornalista e como tal não poderia gozar dos benefícios que aqueles têm direito, tais como registro da categoria e isenção de impostos."³⁷

Sendo assim, podemos pensar que os preconceitos e as resistências manifestadas por muitos jornalistas representavam, além da luta pela hegemonia no campo da informação e da cultura, a luta pela sobrevivência profissional por parte daqueles que

³⁶ Com relação a esta polêmica, é interessante observar as reflexões de Mário de Andrade, o qual, em texto datado de 1940, responde as críticas ao rádio mostrando que a linguagem é algo muito particular do grupo que a emprega, pois cada grupo, regional ou profissional, se utiliza de uma linguagem própria e que, geralmente, não falamos como escrevemos, daí a necessidade dos radialistas em utilizar, criar e recriar determinadas expressões que lhes são muito próprias. Ver ANDRADE, Mário de. *A Língua Radiofônica*. In: *O Empalhador de Passarinhos – Contos*. Brasília: Livraria Martins Fontes/Instituto Nacional do Livro, 1972. pp. 206-210.

³⁷ Jornal O Estado. Florianópolis, 23 de abril de 1953, nº 11.670. p. 01.

ganhavam a vida trabalhando nos jornais. Porém, estes mesmos jornalistas não compreendiam, na época, que estavam vivendo o "turbilhão da modernidade, a qual, apesar de unir os indivíduos, os coloca num permanente processo de desintegração e de mudança, de luta e de contradição, de ambigüidade e de angústias."³⁸ Aliado a estes fatores, tais jornalistas jamais conseguiriam prever que esta mesma modernidade, que inquietava e ameaçava suas vidas profissionais, conseguiria abarcar e reservar espaços para todos os veículos de comunicação da época, como, por exemplo, o jornal, o cinema e o rádio.

Ainda perpassando as resistências e preconceitos, podemos nos reportar mais uma vez ao escritor Marques Rebêlo, o qual nos mostra a visão negativa de outros setores sociais perante os profissionais do rádio, como, por exemplo, a do farmacêutico Seu Menezes, que considerava o trabalho "numa estação de rádio não como profissão, mas como malandragem,"³⁹ bem como a da dona de casa Dona Antônia, sendo que esta afirmava que "esse negócio de rádio era uma pouca vergonha, uma grossa de uma bandalheira."⁴⁰

Apesar das surpresas e das resistências manifestadas por alguns segmentos sociais, a absoluta novidade deste meio de comunicação suscitava o interesse dos radialistas da época em difundir cada vez mais as ondas do rádio pelo Brasil, mesmo de forma amadora. Surgem, então, as primeiras rádio-clubes, financiadas por seus associados e possuindo o benemérito objetivo de difundir a cultura e educação pelo país. Até o final da década de 30 o Brasil contava com quarenta e duas emissoras, cujas programações baseavam-se em música clássica, óperas e textos instrutivos.⁴¹

³⁸ BERMAN, Marshal. **Tudo Que É Sólido Desmancha no Ar**. São Paulo: Cia das Letras, 1986. p. 15.

³⁹ REBÊLO, Marques. Op. Cit. p. 109.

⁴⁰ REBÊLO, Marques. Op. Cit. p. 124.

⁴¹ HAUSSEM, Dóris Fagundes. **Rádio e Política: tempos de Vargas e Perón**. Porto Alegre: Edipucrs, 1997. p. 06.

Em Santa Catarina, as ondas do rádio chegaram primeiramente à cidade de Blumenau. Acumulando as experiências ocorridas em outras cidades brasileiras, a emissora pioneira no território barriga-verde também foi organizada de maneira amadora e na forma de rádio-clube, conforme podemos perceber em seus estatutos:

"Art.01 - O Rádio Clube de Blumenau, sociedade civil de radiodifusão, fundada aos 18 de Março de 1934, compor-se-á de número ilimitado de sócios, sem distinção de nacionalidade, crenças políticas ou religiosas.

Art.02 - Destinar-se-á a:

- *Estreitar as relações entre amadores e interessados em assuntos de rádio;*
- *Criar em suas dependências uma biblioteca, um laboratório para estudos e experiências e uma sala para cursos e conferências;*
- *Apoiar qualquer iniciativa, tanto oficial quanto particular que vise o desenvolvimento da radiodifusão.*

*Art.16 - Ao Rádio Clube de Blumenau caberá a regulamentação das irradiações e preposições tendentes a melhorar os seguintes programas: 'Quarto de Hora da Criança', 'Lições de Línguas e Ciências', 'Últimas Informações', 'Conferências Cívicas e Científicas', 'Efemérides', assim como outros assuntos de nossos interesses."*⁴²

Integrada aos padrões do rádio nacional, a referida emissora também possuía a intenção de utilizar tal veículo de comunicação a serviço da cultura e do conhecimento, já que seu interesse era "promover e incentivar a arte e a literatura, realizar a irradiação de números de música, canto, representações de óperas, bem como divulgar notícias e informações do mercado." ⁴³

Reportando-nos para a cidade de Florianópolis, podemos perceber que a

⁴² Jornal Cidade de Blumenau. Blumenau, 15 de agosto de 1934, nº 88. p. 03.

Através de pesquisas e contatos realizados, considera-se o dia 19 de Março de 1936 como a data de fundação da Rádio Clube de Blumenau, visto que neste dia tal emissora recebeu sua primeira licença para entrar em funcionamento. Ver PEREIRA, Moacir. Op. Cit. p. 49.

⁴³ Artigo 27 dos Estatutos da Rádio Clube de Blumenau. Jornal Cidade de Blumenau. Blumenau, 15 de agosto de 1934, nº 88. p. 03.

Ilha-Capital, no alvorecer da década de 40, possuía diversas manifestações culturais que caracterizam um lugar no qual uma pessoa podia conhecer e reconhecer-se. Seu centro urbano possuía determinados espaços e locais e seus moradores contavam o passar do tempo através de determinados ritos e ritmos, como podemos observar numa crônica publicada em um periódico da cidade:

*"Florianópolis, ao acordar, no mercado já é grande o movimento de criaturas: uns a comprar, outros a vender. Nos pontos de ônibus do Largo da Alfândega, o movimento recomeça: são escolares e trabalhadores. Os automóveis se estendem em filas, ao redor do Jardim, a espera de passageiros. As ruas centrais estão cheias, principalmente a Felipe Schmidt, a Trajano e a Conselheiro Mafra. No Café Rio Branco, no Nacional e em vários outros, o elemento masculino da cidade está sentado, em redor das mesas, tomando a saborosa bebida. Sob a frondosa e gigantesca figueira, em modestos bancos, estão sentados criaturas, lendo os jornais do dia, falando sobre futebol e política. Há movimento nas casas da cidade: Casas Três Irmãos, A Soberana, Confeitaria do Chiquinho, Livraria Moderna, A Modelar. Enfim anoitece e a cidade acende seus escassos luminosos, todos em cores berrantes: Casa Hoepcke, Oficina Ford, Casas Cardoso. Na porta do cinema o povo se aglomera. Os cartazes chamam a atenção. O Ritz, o Roxy, o Imperial e o Odeon exibem filmes e já as mulheres fazem seu footing. Os cafés e restaurantes estão repletos de visitantes eternos. A cidade dorme cedo, às 11:00 hs são raros os transeuntes."*⁴⁴

Entretanto, em se tratando do tema radiodifusão, a capital de Santa Catarina, até o início da década 40, ainda estava carente de uma emissora própria. Seus habitantes estavam sintonizados no mundo do dial apenas através das grandes emissoras de outros centros culturais do país, mesmo levando-se em consideração "os constantes blecautes que apagavam as luzes das casas, das ruas e da vida da cidade"⁴⁵, bem como a fraca potência

⁴⁴ A Vida em Florianópolis. Jornal O Idealista. Florianópolis, julho e agosto de 1946, nº 09/10. p. 01.

⁴⁵ RAMOS, Sebastião. Blecaute. In: No Tempo do Miramar: Poesias. Florianópolis: Papa Livro, 1993. p. 61.

dos aparelhos receptores - General Eletric, Philips, RCA Vitor ou Semp - os quais tinham que ser adaptados com estabilizadores⁴⁶ para poderem captar melhor as estações de rádio de outras capitais brasileiras, como, por exemplo, as rádios Nacional, Tupy e Mayrink Veiga. Somente a partir das décadas de 40 e 50, com a inauguração das primeiras estações da capital - Guarujá, Diário da Manhã e Anita Garibaldi - é que os ouvintes locais passaram a ter um contato mais íntimo e sólido com o que a radiodifusão era capaz de oferecer.

Foi praticamente neste clima de pequena e pacata cidade, já que Florianópolis neste período contava com o não tão pomposo título de menor capital do país, com cerca de 46 mil habitantes,⁴⁷ que um jovem rapaz, chamado Ivo Serrão Vieira, desmanchou o emaranhado de fios que conectavam a vitrola em seu quarto e partiu de São Francisco do Sul, no norte de Santa Catarina, para a capital de seu estado natal. Depois de reunir dois amigos de infância, o projeto, as idéias e os desejos⁴⁸ deste rapaz foram aprovado por aclamação, ou seja, tomar o ônibus da Catarinense com destino à Florianópolis para, nesta cidade, tentar montar uma pequena estação de rádio. Com um capital inicial de dez contos de réis, foi possível comprar, junto a Siemens do Brasil, os equipamentos necessários: alto-falantes, fios, microfones, mesa de controle com toca-discos e uma discoteca com 200 discos de 78 rotações com uma música de cada lado.⁴⁹

⁴⁶ Com relação a precariedade dos aparelhos de rádio, é importante salientar que nos jornais apareciam pequenas notas de classificados oferecendo estabilizadores de rádio para vender: "Vende-se um estabilizador para rádio. Tratar na casa n° 175 no Saco dos Limões." Jornal O Estado. Florianópolis, 21 de julho de 1942, n° 8.592. p. 04.

⁴⁷ MICELI, Sérgio. Anos de Transição – as capitais brasileiras. In: Coleção Nosso Século –1930/1945. Op. Cit. p. 97.

⁴⁸ A historiadora Agnes Heller, ao pensar o cotidiano e suas relações com a história, nos mostra que o homem nasce inserido em um cotidiano, e é neste mesmo cotidiano que se escolhem as paixões - e os desejos - da vida e que as suas possibilidades de concretização estimulam projetos para modificar o cotidiano das pessoas. Ver HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. pp. 17-20 e p. 41.

⁴⁹ Ivo Serrão Vieira. Entrevista concedida a Otávio A. Vampré. In: *Raízes e Evolução do Rádio e da TV*. Porto Alegre: Feplan/RBS TV, 1979. p. 87.

Podemos perceber, assim, que nos primórdios da radiodifusão em Florianópolis, seus empreendedores valeram-se de outras alternativas para colocar em prática seus projetos, visto que o embrião da primeira emissora de rádio da capital catarinense nasceu não como uma estação de rádio propriamente dita, mas sim como uma empresa que oferecesse músicas, notícias e serviços de propaganda através de alto-falantes.

Mesmo com os poucos recursos financeiros, o jovem Ivo Serrão Vieira e mais dois amigos conseguiram comprar os equipamentos básicos e instalaram quatro alto-falantes em pontos centrais da cidade: um ponto era na entrada do Jardim – atual Praça XV, onde atualmente existe uma banca de revista. O segundo ficava instalado defronte a Livraria Xavier, atual Drogaria Catarinense. O terceiro ficava defronte a Loja O Paraíso, atualmente é uma das Lojas Koerich e o quarto alto-falante foi instalado na esquina da rua Trajano com Conselheiro Mafra, na marquise da antiga Loja A Capital. Com os alto-falantes instalados, os empreendedores do rádio florianopolitano alugaram uma sala numa das ruas centrais da cidade, a rua Felipe Schimdt, mais precisamente no prédio onde atualmente fica uma das filiais das Lojas Arapuã. Nos anos 40, no térreo deste prédio, ficava a Confeitaria do Chiquinho, muito conhecida e freqüentada pelos habitantes de Florianópolis. Então, neste ponto, foi instalado o primeiro estúdio. Era uma sala pequena, na qual, em uma cabine igualmente pequena, trabalhava o operador em uma mesa de madeira com os dois pratos para rodar os discos. No outro lado desta sala ficava instalado o microfone e o locutor. Existia ainda mais uma saleta, utilizada para atender as pessoas que iam conhecer o que se chamava de estúdio, contratar publicidade ou oferecer músicas.

O nome da empresa, inicialmente, foi registrado como Empresa de Propaganda Guarujá Ltda. Tal nome veio à tona porque, tanto aqui em Florianópolis como em São Francisco do Sul, uma das rádios ouvidas era a Rádio Atlântida de Santos, a qual

localizava-se na até hoje famosa Praia do Guarujá. Quando a empresa deixou de atuar com alto-falantes, o nome inicial foi conservado, apenas algum tempo depois a nova estação de rádio foi registrada como Sociedade Rádio Guarujá de Florianópolis, permanecendo até hoje, mais de cinquenta anos depois da sua inauguração.

O horário de funcionamento da empresa era das oito até as vinte e uma horas, já que depois deste horário as ruas do centro começavam a ficar desertas. A programação inicial consistia em músicas, principalmente através dos oferecimentos musicais, os quais eram cobrados como forma de captação de recursos. Cada música oferecida custava cinco mil réis e o operador, ao mesmo tempo que se ocupava com o som, anotava e cobrava a música oferecida, guardando o dinheiro num pequeno cofre de madeira. Um outro programa musical deste período chamava-se 'Alma Portenha', através do qual eram tocados tangos e boleros, alguns com versão brasileira.

A literatura e a poesia também faziam parte dos alto-falantes através do programa 'Hora Literária'. Tal programa foi criado por uma rapaz chamado Lourival Almeida - gerente do Banco Mercantil - e pelo professor Osvaldo Ferreira de Mello. Durante a audição do referido programa, o Sr. Lourival, como era considerado um jovem muito espontâneo, declamava e o Sr. Osvaldo Ferreira de Mello, como professor, músico e jornalista que era, comentava as poesias.

Também foram criados pequenos programas esportivos, noticiando, em especial, o futebol e o remo locais. Os clubes de remo do Aldo Luz, do Martinelli e do Riachuelo eram de grande significado para a população, sobretudo antes da cidade ter sido 'separada' do mar, a partir de 1974, pelo aterro da baía sul. Com relação ao 'esporte bretão' - expressão muito utilizada pelos radialistas da época - as torcidas da cidade dividiam-se basicamente em sete times: Avaí, Figueirense, Bocaiúva, Paula Ramos, Tamandaré,

Externato e Íris, que disputavam o Campeonato Citadino no Campo da Liga Florianopolitana de Futebol, o qual acabou cedendo lugar para um dos primeiros grandes empreendimentos comerciais da cidade durante os anos 80 e 90 - o Beiramar Shopping.

Os noticiários jornalísticos também eram "produzidos" à época dos alto-falantes. Porém, como não existia uma programação de noticiários com horários definidos, os radialistas da Guarujá ouviam outras rádios, principalmente a Nacional e anunciavam as informações. Um outro modelo de noticiário consistia na reprodução, ou seja, na leitura, ao microfone, das notícias publicadas nos jornais da cidade e de outros locais do Brasil.⁵⁰

No início das atividades, as dificuldades em manter a programação dos alto-falantes no ar eram grandes: faltava dinheiro e bons equipamentos. Tudo o que era produzido e oferecido à população, como a publicidade e os oferecimentos, tinham que ser cobrados, já que eram importantes fontes de renda para a empresa. Fazia-se necessário alguma soma em dinheiro para comprar mais discos e manter os equipamentos, pois, naquela época, a cada três músicas tocadas era necessário trocar a agulha do toca-discos e, sobretudo, melhorar o amplificador e a qualidade do som que ia para as ruas.

Apesar dos obstáculos, a idéia de transformar os alto-falantes em uma emissora de rádio ainda perseguia a cabeça dos seus empreendedores. Surgiu, então, um moço chamado Walter Lang Júnior, o qual morava em Florianópolis e estudava eletrônica. Tal rapaz e o proprietário da Guarujá - Ivo Serrão Vieira - tornaram-se amigos e trataram

⁵⁰ Faz-se mister salientar que os primeiros profissionais do rádio florianopolitano espelharam-se em outras experiências radiofônicas ocorridas no Brasil, pois em seus primórdios, o radiojornalismo brasileiro também caracterizava-se pela ausência de um tratamento redacional específico. Antes do surgimento do Repórter Esso, em 1941, o qual revolucionou o rádio brasileiro, tesoura e cola eram os únicos recursos disponíveis do radiojornalismo, sendo que o mesmo era construído e irradiado com a seleção e a leitura, pelos locutores, das informações publicadas nos jornais. Ver MOREIRA, Sônia Virgínia. Op. Cit. p. 26.

de montar um transmissor de rádio com 80 watts de potência. Combinaram, assim, em construir um chassi e encomendaram, numa funilaria, a carcaça do futuro transmissor. Para finalizar desenharam uma pequena planta contendo a quantidade de válvulas, resistências e condensadores necessários para pôr o transmissor em funcionamento.

Porém, mais uma vez, as dificuldades surgiam, pois o jovem Walter Lang Júnior possuía outras atividades particulares – era Cadete do Exército - dispondo de tempo para estudar eletrônica e montar o transmissor apenas nas horas vagas, fato este que atrasava a realização e a conclusão dos trabalhos e, conseqüentemente, a ampliação da emissora. Com um equipamento que possuía 80 watts de potência, calculava-se que o transmissor atingiria o centro da cidade, bem como os bairros mais próximos, como a Agrônômica, o Saco dos Limões e uma parte do Continente, principalmente o bairro do Estreito. E realmente tal façanha foi realizada, visto que várias pessoas telefonaram comunicando que sintonizaram, nas regiões anteriormente citadas, a programação da rádio. Estava inaugurada, oficialmente, a primeira estação de rádio de Florianópolis, um ano após a instalação dos alto-falantes, mais precisamente em 14 de maio de 1943.⁵¹

A partir destes dados, podemos perceber que assim como algumas emissoras do país, a Guarujá, em seus inícios, também passou por um período de experiências técnicas e lúdicas⁵², em função das dificuldades financeiras, da precariedade de seus equipamentos técnicos e, principalmente, da inexperiência de seus primeiros profissionais,

⁵¹ Acy Cabral Teive. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 03 de maio de 1995.

Acy Cabral Teive, nascido em Florianópolis, atuou como locutor e programador da Rádio Guarujá de Florianópolis.

⁵² Estudos sobre o rádio em São Paulo nos mostram que a primeira emissora da cidade, a Rádio Educadora Paulista, levou cerca de três meses – novembro de 1923 até fevereiro de 1924 – para entrar no ar. Mesmo assim, sua programação também não era previamente elaborada, não havia uma programação definida, bem como as transmissões eram realizadas em dias alternados, o que revela o caráter experimental e improvisado da radiodifusão em seus primórdios. Ver PEDRO, Antônio. Op. Cit. pp. 51-59.

pois os mesmos nunca tinham exercido nenhuma função ou atividade ligada ao rádio. Todos apenas tinham boas vozes, gostavam de música, estavam fascinados com a possibilidade de aprender a falar ao microfone e sentiam-se entusiasmados com a empresa. Todos possuíam laços de amizade e de conhecimento, assim como a grande maioria possuía suas profissões: bancários, músicos, comerciários, comerciantes, professores, jornalistas, entre outros. Para termos uma idéia, um dos primeiros profissionais do rádio na cidade foi um jovem piloto da Aeronáutica, chamado José João de Souza e Silva. No entanto, quando não se encontrava no ar, entrava no ar pelas ondas como locutor, adotando o pseudônimo de Dorval Silva. Outro profissional, posteriormente transferido para o Rio de Janeiro, tornando-se conhecido nacionalmente como Mozart Régis, atendia em Florianópolis com o nome artístico de Pituca, o qual trabalhava como engraxate em frente ao Supermercado A Soberana, tornando-se, com apenas 16 anos de idade, um dos locutores e humoristas mais jovens do rádio catarinense.⁵³

Assim sendo, podemos caracterizar que o nascimento e a implantação da radiodifusão em Florianópolis aconteceu em duas etapas: primeiramente tal emissora surgiu como um serviço de alto-falantes, improvisado, amador e atuando apenas no núcleo central e urbano da cidade. Somente mais tarde, após passar por um processo de consolidação, os habitantes de alguns locais de Florianópolis "passaram a ouvir um novo som, pois apesar de

⁵³ Acy Cabral Teive. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 10 de maio de 1995.

O sociólogo Renato Ortiz, ao analisar a produção cultural brasileira nos anos 40 e 50, nos mostra a inexperience inicial de muitos radialistas, os quais também exerciam outras profissões antes de atuarem diante de um microfone. No entanto, tal sociólogo salienta as amizades – apadrinhamentos – existentes entre tais profissionais, descartando a casualidade como fator preponderante para o início da carreira de muitos artistas do meio radiofônico. Além disso, seria ingenuidade dos pesquisadores pensar que as emissoras não possuíam nenhuma lógica no recrutamento de seus profissionais, pois, com certeza, alguns critérios deveriam ser atingidos, entre os quais podemos citar um certo 'talento ou habilidade' por parte das pessoas que gostariam de trabalhar numa emissora de rádio. Ver ORTIZ, Renato. Memória e Sociedade nos anos 40 e 50. In: A Moderna Tradição Brasileira – Cultura Brasileira e Indústria Cultural. São Paulo: Brasiliense, 1988. pp. 77-110.

seu alcance limitadíssimo, as coisas foram se modernizando"⁵⁴, sendo que, posteriormente, a Guarujá passou a ser uma emissora de rádio devidamente estabelecida e funcionando com certa regularidade.

No entanto, podemos pensar também que tal emissora já nasceu dentro de uma concepção capitalista, ou seja, desde o início de suas atividades assumiu um caráter de rádio-empresa, diferenciando-se das rádio-clubes espalhadas por outras cidades brasileiras. Se observarmos os pontos escolhidos para a instalação dos alto-falantes, poderemos perceber que os mesmos, tanto na atualidade como na década de 40, tratam-se de pontos centrais da cidade, nos quais circulavam e ainda hoje circulam muitas pessoas.

Tais locais podem ser considerados pontos estratégicos da cidade, como, por exemplo, as ruas Felipe Schmidt e Conselheiro Mafra, consideradas como o coração comercial de Florianópolis, a Praça XV de Novembro, local de grande concentração de pessoas, como aposentados, pedestres e vendedores ambulantes e as esquinas das ruas Trajano e Conselheiro Mafra, locais que na época estava situado um terminal de transporte coletivo, o qual transportava passageiros com destino ao lado continental da cidade, como os bairros de Coqueiros, Estreito e Capoeiras. Portanto, podemos dizer que tais profissionais estavam munidos de uma visão empresarial e comercial de radiodifusão, destinando seus serviços à públicos alvos, ou seja, transeuntes e comerciantes.

Concomitantemente com os radialistas brasileiros, em Florianópolis também existia um certo clima de euforia e de idealização por parte dos seus primeiros profissionais de rádio, visto que um dos principais objetivos destes "era fazer barulho, muito barulho,

⁵⁴ Guarujá 55 anos. Jornal O Estado. Florianópolis, 14 de maio de 1998, nº 26.551. p. 10.

pois só assim as autoridades poderiam se comunicar com o povo e o povo com ele mesmo."⁵⁵ Paralelamente, em nota publicada no jornal A Gazeta, alardeava-se, pela cidade,

*"A iniciativa difícil e a vitória triunfal daqueles rapazes que possuem boa dicção e não dizem bobagens, pois a Guarujá já pode ser considerada a estação da cidade, fazendo parte da vida da Capital, tornando-se um orgulho para o Ilhéu. A vida social e os acontecimentos a que a cidade e sua população estão ligadas possuem, na Guarujá, a repercussão imediata, já que até os automóveis rodam com a emissora sintonizada."*⁵⁶

Contudo, devemos pensar que como qualquer atividade que tenha como objetivo primordial trazer transformações no cotidiano das pessoas, os alto-falantes da Guarujá acabaram por provocar algumas dissonâncias e desconfianças por parte de alguns segmentos sociais, visto que "muitas pessoas procuravam adivinhar que caixas eram aquelas que estavam sendo afixadas nos postes. Alguns, mais afoitos, perguntavam se a prefeitura teria cedido licença para tal iniciativa."⁵⁷

Para dificultar os trabalhos, "muitos jornalistas ainda criticaram o fato da instalação dos alto-falantes. Ridicularizando um pouco, tais jornalistas apelidaram a empresa de 'as bocas de jacaré da maracujá' e não da Guarujá. Bocas de jacaré porque as caixas de madeira que protegiam os alto-falantes eram parecidas ou lembravam a boca do referido animal. Estas pessoas agiram desta maneira porque achavam que o serviço estava incomodando o centro da cidade, pois os mesmos gostavam da cidade quieta e pacata como antes. Para muitas pessoas a empresa não ia durar muito tempo. Era coisa para quatro ou cinco meses e ia acabar falindo. Uns não gostavam porque fazia muito barulho. Antes a cidade não tinha tanto barulho e, de repente, passou a ter música e notícia o dia inteiro."⁵⁸

⁵⁵ Ivo Serrão Vieira. Op. Cit. p. 87.

⁵⁶ Osvaldo Ferreira de Mello. Aniversário da Rádio Guarujá. Jornal A Gazeta. Florianópolis, 14 de maio de 1946, nº 3.002. p. 02.

⁵⁷ Ivo Serrão Vieira. Op. Cit. p. 87.

⁵⁸ Acy Cabral Teive. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 10 de maio de 1995.

Ainda nesta perspectiva, os pioneiros da radiodifusão florianopolitana, ao tentarem o apoio do Governador/Interventor do Estado na época, Sr. Nereu Ramos, com o intuito de implantar definitivamente uma estação de rádio na cidade, receberam como resposta que "se ele - o Governador - tivesse sido ouvido antes, essas bocas de jacaré não estariam por aí, incomodando as pessoas nas ruas."⁵⁹

Porém, parece interessante ressaltar que não só a radiodifusão em seus inícios no Brasil e os alto-falantes espalhados pelo centro da cidade de Florianópolis, mas também o cinema e os gramofones sofreram críticas e resistências por determinados setores sociais em seus primórdios. Nas primeiras décadas do século XX ocorreu também uma certa resistência por parte de muitos intelectuais com relação às novas tecnologias de comunicação urbana. O escritor carioca Olavo Bilac, por exemplo, demonstrava certo desprezo com relação as novas tecnologias de difusão de sons – discos, gramofones e fonógrafos – que das portas da Casa Edison proliferavam e tornavam a Rua do Ouvidor numa galeria do inferno, em função da voz esganiçada de máquinas falantes e cantantes. Indo mais além em suas críticas, Olavo Bilac apontava o cinematógrafo, o fonógrafo e as transformações sociais suscitadas pelos mesmos como prováveis inimigos dos homens das letras e das artes.⁶⁰

No que tange ao cinema, nos seus primeiros dez anos de vida no Rio de Janeiro, era apenas noticiado e anunciado. Tudo parecia muito incerto e novo. Em algumas vezes discutia-se o cinema sobre o ponto de vista moral, e alguns jornais comunicavam aos espectadores que se acautelassem contra os gatunos, pois na escuridão negra que se encontrava a sala durante a projeção, seria muito fácil aos amigos do alheio o seu trabalho

⁵⁹ Ivo Serrão Vieira. Op. Cit. p. 87.

⁶⁰ SUSSEKIND, Flora. Op. Cit. pp. 20-21.

de colher o que não lhes pertence.⁶¹

Na mesma perspectiva, em virtude da popularização e do incremento da indústria fonográfica e da produção de determinadas inovações tecnológicas, como, por exemplo, os gramofones e vitrolas, ocorreu um processo de democratização do acesso à música durante os anos 20, fato este que trouxe também uma maior preocupação de muitos pais das famílias paulistanas, os quais consideravam indecorosos e licenciosos os ambientes de dança e os seus ritmos frenéticos, entre eles, o fox-trotter e o jazz.⁶² Além disso, escritores e literatos também demonstraram preocupação com os diferentes hábitos e espaços suscitados a partir das novas tecnologias de comunicação, que "com a alegria das vozes e dos sons, embalavam o maxixar colado dos pares dançarinos nos vesperais do Clube Paulistano."⁶³

Em Florianópolis, são raras as notícias sobre as inovações tecnológicas, em especial sobre os meios de comunicação. Porém, sobre o cinema, alguns jornais da capital catarinense também chegaram a publicar notas criticando a Companhia de Variedades Hicks, a qual "estреou no Teatro Álvaro de Carvalho com uma seção de cinematógrafo que, se não fosse a luz fraca de magnésio, teria produzido algum efeito, pois como todos sabem, estes aparelhos só se apresentam bem quando funcionam à luz elétrica. Em função disto, a segunda parte destinou-se a uma seção científica de telepatia e hipnotismo em alto grau."⁶⁴

Em outra apresentação da Companhia de Variedades Hicks, tal jornal salienta que a "concorrência para tal exibição não foi numerosa e que o cinematógrafo,

⁶¹ SUSSEKIND, Flora. Op. Cit. pp. 41-43.

⁶² Ver SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole – sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. pp. 89-90.

⁶³ MACHADO, Antônio de Alcântara. **A Sociedade**. In: **Novelas Paulistanas: Brás, Bexiga e Barra Funda**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. pp. 24-29.

⁶⁴ Jornal O Estado. Florianópolis, 20 de agosto de 1902, nº 1.261. p. 01.

apesar de funcionar, tinha contra si a luz, que sendo de acetileno, não tinha força o bastante para dar vida aos quadros."⁶⁵ Já o Cinematógrafo Universal foi criticado em virtude de suas deficiências, pois "as vistas animadas apresentadas não ofereciam a necessária nitidez sobre os quadros do funeral da Rainha Vitória."⁶⁶

Através destes dados, podemos pensar que o cinema, nesta época, possuía uma tecnologia ainda apresentando certa precariedade, já que problemas de manutenção e reposição de peças e defeitos nos projetores e filmes poderiam ser comuns, ensejando, "ao acender das luzes, olhares curiosos e críticos"⁶⁷ por parte de alguns setores sociais, os quais não estavam acostumados com esta nova tecnologia de comunicação urbana, não compreendendo, em última instância, a aventura que uma exibição cinematográfica suscitava aos seus empreendedores.

Apesar de Florianópolis dos anos 40 estar longe de se parecer com a cidade do Rio de Janeiro, tampouco com a 'Paulicéia Desvairada' de Mário de Andrade e muito menos com a São Paulo 'pós-moderna' de Massimo Canevacci⁶⁸, podemos pensar que a Ilha-Capital possuía determinados ruídos e sons muito específicos, os quais estavam inseridos em seu próprio contexto histórico. Tais sons eram reconhecidos e faziam parte do cotidiano de muitos dos seus habitantes, como, por exemplo, o bater das ondas do mar; os pregões junto ao mercado público; os motores e buzinas dos escassos carros de praça, dos

⁶⁵ Jornal O Estado. Florianópolis, 23 de agosto de 1902, nº 1.262. p. 01.

⁶⁶ Jornal O Estado. Florianópolis, 07 de novembro de 1901, nº 1.058. p. 01.

⁶⁷ RAMOS, Sebastião. *Cinemas*. Op. Cit. p. 11.

⁶⁸ Ver CANEVACCI, Massimo. *A Cidade Polifônica - ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 1997. pp. 13-19.

O antropólogo italiano Massimo Canevacci, ao construir suas reflexões sobre comunicação urbana numa São Paulo dos anos 80, considera esta cidade como polifônica, ou seja, a mesma possui ruídos, vozes e sons, os quais estão co-presentes, se cruzam, se fundem, se contrastam, suscitando, desta maneira, harmonias e dissonâncias. No entanto, pensamos que não importa se uma cidade possui nove, cinco ou dois milhões, nem, tampouco, cem ou cinco mil habitantes, pois, sendo metrópole ou uma cidade de menor porte, todas irão possuir sua polifonia e sua sinfonia urbana própria, dentro, é claro, de seu próprio contexto histórico.

"reluzentes Chevrolets, Buicks e Fords Bigode que contrastavam com os bucólicos carrinhos de cavalo"⁶⁹; o apitar dos navios Hoepcke e Max; os jornalheiros apregoando os jornais matutinos O Estado e A Gazeta e o único vespertino da cidade, o Diário da Tarde; o badalar dos sinos da igreja matriz avisando o início da noite e os "vendedores ambulantes que desfilavam de balaio em punho e voz afiada pelo centro da cidade anunciando seus produtos – bolos de milho, aipim, frutas, ovos e camarões." ⁷⁰

Desta maneira, podemos caracterizar que o barulho, a informação, a publicidade e a música, suscitados pelos alto-falantes espalhados pelo centro de Florianópolis, entravam em contraste com a rotina e com o cotidiano de muitos de seus habitantes, os quais não estavam acostumados com esta nova 'poesia da cidade'.⁷¹ Poesia que, com seus novos ruídos e sons, acabava por machucar os sentidos de alguns indivíduos resistentes ao novo e, em última instância, a modernidade. Modernidade esta que, ao se manifestar através das inovações tecnológicas, possui como característica a tradição da ruptura, da contraposição do novo com o antigo, provocando, assim, conflitos, antagonismos e críticas,⁷² pois, "o que para alguns era incômodo, para os primeiros profissionais do rádio florianopolitano o serviço de alto-falantes era uma grande e moderna conquista para a cidade."⁷³

⁶⁹ FILHO, Raul Caldas. Anos 40 e 50: Ainda Uma Deliciosa Província. In: **ÓH: Que Delícia de Ilha – Crônicas**. Florianópolis: Paralelo 27, 1995. pp. 25-26.

⁷⁰ FILHO, Raul Caldas. O Vendedor de Camarões. In: **Delirante Desterro – Crônicas**. Florianópolis: Lunardelli, 1980. pp. 35-36.

⁷¹ O termo é referente a uma crônica publicada em 1925 no *Correio Paulistano*. Seu texto trata dos gritos dos automóveis, do alarido matinal das fábricas, das carretilhas dos bondes, do rumor cotidiano dos martelos e das klaxons. O moderno, então, está relacionado com a velocidade, com o meio de transporte, com o avanço técnico, originando, assim, novos ruídos nas cidades. Ver PEDRO, Antônio. Op. Cit. p. 23.

⁷² PAZ, Octávio. **Signos em Rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1976. pp. 133 -134.

⁷³ SEVERO, Antunes. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 19 de abril de 1997. Antunes Severo, radialista e publicitário, atuou na *Rádio Diário da Manhã de Florianópolis*.

A partir dos dados até o momento mencionados, pensamos que "o homem já nasce inserido em uma cotidianidade e que determinados preconceitos – e resistências – são comportamentos criados também em um cotidiano, fazendo-se necessário partir do fato que a vida cotidiana produz, em sua dimensão, os preconceitos, e que os mesmos são provocados pelas relações sociais nas quais vivem os seres humanos."⁷⁴

Por este viés, para que possamos compreender tais resistências com relação ao rádio e as outras tecnologias de comunicação urbana, devemos levar em consideração alguns aspectos: o desinteresse e as resistências deram-se, principalmente, pelo fato de muitas pessoas não estarem acostumadas com transmissões de radiodifusão, ou, pelo menos com transmissão de rádio via alto-falantes. Esta nova tecnologia, enquanto meio de comunicação, não fazia parte do cotidiano de muitos indivíduos de Florianópolis. Fazia-se necessário, portanto, criar uma cultura auditiva nestas pessoas para que as mesmas pudessem entrar em sintonia com aqueles aparelhos que encurtavam as distâncias, funcionavam como uma espécie de livro falado e criavam, em última instância, uma forma de comunicação invisível.

Devemos pensar também que o rádio, o cinema, os gramofones e vitrolas sofreram tais resistências justamente por que possibilitaram novas formas de lazer, entretenimento e informação, mas, principalmente, pelo fato de oferecer para muitos indivíduos novas formas de relacionamento no corpo social. Muitos segmentos da população se sentiram incomodados porque seus costumes, suas rotinas de vida e suas relações sociais até então exercidas foram, paulatinamente, sendo alteradas e transformadas em um novo cotidiano.

⁷⁴ HELLER, Agnes. Op. Cit. pp. 43-45.

Ainda no que tange as resistências provocadas pelas novas tecnologias de comunicação, mais especificamente ao rádio, vale salientar as reflexões de alguns literatos e intelectuais, como, por exemplo, as do ator e escritor Mário Lago:

*"O microfone assustava aqueles que se atrevessem a encará-lo, pois ninguém poderia imaginar como aquele bicho de quatro sílabas e nove letras apavorava os primeiros radialistas. Tudo o que era dito ao microfone seria ouvido por milhões de pessoas, sendo que qualquer deslize seria notado, anotado e, no dia seguinte, se transformaria em crítica ou chacota. Diante do microfone estava posta a impossibilidade de movimentar-se, visto que o miserável ficava imóvel e você também tem que se imobilizar diante dele."*⁷⁵

Pesquisando nos jornais de Florianópolis, conseguimos perceber também determinadas reflexões e críticas ao rádio, sobretudo ao seu principal aparato técnico:

*"Ao se aproximar diante dele - do microfone - muitas pessoas experimentam uma sensação de incômodo, como se estivessem entrando em cem mil casas em que não são esperados, uma vez que ele nada mais é que uma caixinha diabólica, chata como a cabeça de uma serpente, fria como um eletroimã, devendo todo radialista inclinar-se ante sua tirania intransigente. Tudo no rádio é regulado em questão de segundos, tendo-se a impressão que até nossos sentimentos estão calibrados. Ao contrário do rádio, a página escrita pode ser corrigida, descartada, recomeçada. Há pilhas de páginas esperando para serem enegrecidas. Pode-se interromper pensamentos e permitir-se ao luxo de desperdiçar o tempo. Mas, diante do microfone, não! Ao falar no microfone o radialista não pode tossir, interromper-se. Se a língua o traiçoa e se equivoca numa palavra, é inútil retificá-la. O homem moderno, quando fala pelo rádio, tem a sensação de fluir irrecuperavelmente no tempo, pois sobre as ondas sonoras se escreve, mas não se fazem rasuras. O escritor de hoje deve saber escrever sobre estas ondas."*⁷⁶

Reportando-nos mais uma vez às pesquisas de Flora Sussekind, podemos vislumbrar também a preocupação e o temor de muitos escritores brasileiros do início do

⁷⁵ Lago, Mário. Op. Cit. pp. 49-51.

⁷⁶ Os Escritores e o Microfone. Jornal O Estado. Florianópolis, 25 de abril de 1953, nº 11.672. p. 05.

século com relação ao surgimento da máquina de escrever, que pode ser considerada como mais uma novidade tecnológica surgida na passagem dos séculos XIX e XX. Para Lima Barreto, por exemplo, o ato de escrever à máquina era considerado fatigante, perdendo o escritor muito do seu tempo, obrigando-o a escrever seus artigos e obras por duas vezes: uma a pena e outra a máquina.⁷⁷

Sendo assim, podemos utilizar os pensamentos de Walter Benjamin, o qual, ao analisar as novas tecnologias, como a fotografia, nos faz perceber que "no processo de reprodução da imagem a mão foi liberada das responsabilidades artísticas mais importantes, cabendo agora unicamente ao olho."⁷⁸ Sobre a sétima arte, tal filósofo abre um espaço para refletir sobre a atuação do artista cinematográfico. Este – ao contrário do ator de teatro – "não representa diante de um público, mas de um aparelho e de todo um grêmio de especialistas, os quais possuem o direito de intervir."⁷⁹ Neste sentido, podemos dizer que o artista de cinema possui sua performance mediada por todo um aparato técnico, indo da câmera ao *script*, do holofote às orientações do diretor.

A partir das reflexões descritas anteriormente, podemos pensar que assim como na execução de um filme, um programa de rádio também pode ser considerado uma aventura de cooperação, na qual várias pessoas intervêm, visto que um programa exige a participação de atores, sonoplastas, músicos, narradores, técnicos e diretores. Avançando

⁷⁷ SUSSEKIND, Flora. Op. Cit. pp. 27-28.

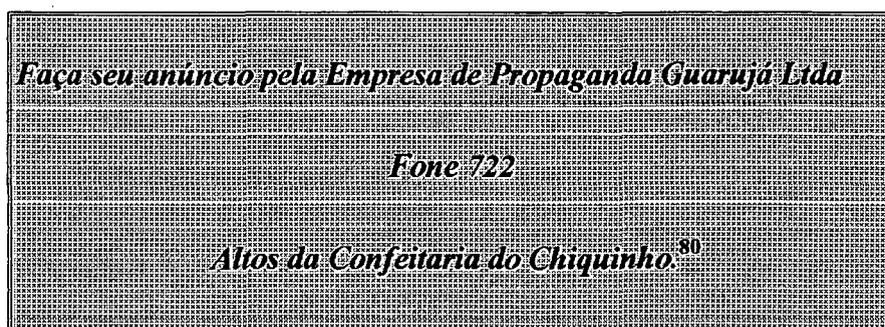
⁷⁸ BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era da Sua Reprodutibilidade Técnica. In: *Magia e Técnica, Arte e Política - Obras Escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1994. pp. 167.

⁷⁹ BENJAMIN, Walter. Op. Cit. pp. 178-179.

Benjamin também sentiu certos receios com relação ao rádio quando realizou, pela primeira vez, uma palestra radiofônica na Berlim dos anos 30. Em um dos seus contos, tal autor reflete sobre sua apreensão com o tempo destinado ao seu trabalho, pois, se ultrapassasse o estabelecido, seria sumariamente cortado do ar. Assim, Benjamin treina em casa, cronometra suas palavras, exercita a impostação de sua voz, bem como revela sua preocupação com o relógio do estúdio, o qual marca apenas os minutos e os segundos das transmissões radiofônicas. Ver BENJAMIN, Walter. Nem Um Minuto. In: *Histórias e Contos*. Lisboa: Editorial Teorema, 1995. pp. 91-94.

em nossas reflexões, podemos pensar que assim como o olhar do fotógrafo está mediado pelo enquadramento da lente e o desempenho do artista de cinema pela câmera, o artista de rádio também está mediado pelo estúdio, pelas letras iluminadas denunciando 'no ar' e, sobretudo, pelos milagres suscitados pelos microfones e antenas. Podemos caracterizar, então, que as novas tecnologias de comunicação alteraram a percepção e a relação de artistas, escritores, atores e cantores com suas obras, visto que com a máquina fotográfica, com a câmera de cinema, com a radiodifusão e com a máquina de escrever, tais profissionais passaram a ser mediados por outros elementos que até então inexistiam, ensejando, em função disto, medos, resistências, críticas e paradoxos.

Voltando mais uma vez para Florianópolis, percebemos que os jornais formavam uma espécie de grupo fechado dos meios de comunicação de massa na cidade. Ao folheá-los, podemos notar uma certa frieza e resistência perante a inauguração do serviço de alto-falantes. Nos dois primeiros anos de existência da emissora local, sentimos que a mesma ainda não tinha importância suficiente perante os jornais da cidade. As programações não eram anunciadas, bem como percebemos que nenhuma matéria foi publicada sobre o advento da radiodifusão em Florianópolis. Somente em algumas ocasiões apareciam pequenos anúncios, obviamente pagos, veiculando os serviços prestados pela Guarujá:



⁸⁰ Jornal O Estado. Florianópolis, 05 de maio de 1943, nº 8.013. p. 05.

No entanto, paulatinamente, foram surgindo nos jornais alguns artigos e notas criticando o que se fazia na radiodifusão local:

*"Na sexta-feira passada, fomos assistir o programa 'O Mundo é Uma Bola'. Consideramos que tal programa não agradou. Faltou ao cômico Pituca mais alma nos gestos, isto é faltou mais desembaraço, mais espontaneidade. Foram contadas por ele piadas que deixaram o público numa dúvida indiscutível, devendo também, Pituca, diminuir os gestos desagradáveis para tornar-se realmente um homem admirável. Além do mais, o outro jovem que acompanhou Pituca também deixou muito a desejar, visto que a este faltou mais franqueza e clareza naquilo que deseja desempenhar. Tudo isto deve ser observado pelo diretor artístico da Guarujá, pois vimos bastante pessoas se retirando do auditório, uma vez que o programa não estava agradando. Sugerimos, pois, mais cautela em lançar gente sem experiência e sem tarimba."*⁸¹

Com relação as críticas estampadas nos jornais, podemos observar também comentários que tratavam sobre a péssima qualidade dos programas e até mesmo sobre o gosto e a formação cultural dos ouvintes:

*"Na atualidade, fala-se muito da má qualidade dos programas de rádio. No entanto, a verdade é que, se estes programas são maus, os maiores responsáveis são os próprios ouvintes. No dia em que os ouvintes demonstrarem marcada preferência pelos programas de mais elevada cultura, poderemos estar seguros que teremos melhores programas. Enquanto os fregueses gostarem de programas ordinários, não podemos esperar que sejam fabricados produtos de primeira ordem."*⁸²

Neste mesmo viés, referindo-se a popularidade dos programas radiofônicos e contrariando, a princípio, o pensamento de muitos pesquisadores, leitores e ouvintes, notas publicadas nos jornais tentavam mostrar que

"Não é de total verdade que os programas que possuem o maior número de ouvintes sejam os programas de variedades e as novelas, visto que pesquisas realizadas no Brasil e nos EUA, junto a opinião pública, concluíram que os programas

⁸¹ Jornal O Estado. Florianópolis, 10 de junho de 1951, nº 11.153. p. 12.

⁸² Jornal O Estado. Florianópolis, 26 de junho de 1951, nº 11.165. p. 07.

*do tipo informativo e os noticiários são os mais ouvidos e populares."*⁸³

Através das matérias de jornal citadas anteriormente, podemos perceber também a existência de grupos - escritores, radialistas, jornalistas, comerciantes – que utilizavam o rádio como um campo de disputas, acarretando determinadas tensões e embates. Um destes embates pode ser percebido com relação a determinados programas de rádio, entre eles a radionovela, sendo que esta pode ser considerada um capítulo a parte da história da radiodifusão no Brasil.

A escassa historiografia florianopolitana tenta passar ao leitor o sucesso das radionovelas locais perante os ouvintes da cidade, pois as mesmas "poderiam ser consideradas um gênero literário como outro qualquer, já que não eram só as donas de casa que as ouviam e as acompanhavam, muitos intelectuais da cidade também não perdiam um único capítulo."⁸⁴ Porém, podemos perceber uma certa resistência e preconceito com relação a radionovela enquanto estilo literário, pois para muitas pessoas, "infelizmente, não só a Inglaterra, mas também o Brasil e a nossa cidade estavam sendo invadidas pela praga das lamuriantes novelas radiofônicas, ou seja, estas intermináveis seqüências de desgraças e desfechos imprevisíveis"⁸⁵ as quais, em muitas ocasiões, "provocavam a ira de muitos maridos, que ordenavam às suas mulheres que desligassem a porcaria do rádio, pois não agüentavam mais as bandalheiras e as choradeiras dos atores e atrizes."⁸⁶

⁸³ No Mundo do Rádio. Jornal O Estado. Florianópolis, 12 de abril de 1951, nº 11.105. p. 09.

⁸⁴ Filho, Gustavo Neves. Radionovelas. Jornal O Catarina, Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, junho de 1993, nº 03. p.02.

Gustavo Neves Filho, nascido em Florianópolis, trabalhou como radialista e escritor de novelas das rádios Guarujá e Diário da Manhã.

⁸⁵ Jornal Diário da Manhã. Florianópolis, 12 de junho de 1953, nº 352. p. 06.

⁸⁶ Maria Ana Machado. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 12 de abril de 1997.

Maria Ana Machado, natural de Bom Retiro/SC, transferiu-se para a capital no final dos anos 40, tornando-se ouvinte das rádios Guarujá e Nacional do Rio de Janeiro.

Esta explícita resistência perante as radionovelas pode, a princípio, ser caracterizada não só em função do seu estilo, mas também por causa dos enredos e dos temas tratados pelas mesmas - amores proibidos, vinganças e triângulos amorosos - e que, na visão de muitos pais, poderiam ajudar a desencaminhar a vida e a conduta dos moços e moças da cidade. Em uma destas produções literárias, mostra-se explicitamente uma história de traição amorosa, vivenciada entre um homem e duas mulheres, Renato, Luíza e Marta:

- *Renato, você me ama?*
- *Amo.*
- *De quem você gosta mais? De mim ou da outra?*
- *Quando estou perto de você gosto mais de você. Quando estou perto da outra, gosto mais da outra.*
- *Você é o pior dos homens. Não vale nada.*
- *Eu sei que não presto pra nada. E um dia mamãe também vai saber.*
- *Silêncio, Renato. Estão batendo na porta, vou ver quem é.*
- *Luíza! Óh, meu Deus! Eu sabia que um dia isto ia acontecer.*
- *Olá, Renato. Desculpe atrapalhar seu divertimento.*⁸⁷

Neste sentido, podemos questionar o sucesso das radionovelas e a sua aceitação por parte de inúmeras pessoas e determinados grupos sociais, visto que, em diversos momentos, "muitas empresas locais recusavam-se a patrociná-las porque muitos dos seus produtos eram direcionados ao público masculino, bem como tinham o conhecimento prévio que a audiência era formada basicamente por senhoras e moças."⁸⁸

Assim, podemos mais uma vez caracterizar a proposta comercial da radiodifusão em nossa cidade, como também visualizar um certo preconceito a determinados programas de rádio, pois "homens não seguiam novelas, sendo as mesmas

⁸⁷ Fragmento de radionovela exibida pela Rádio Diário da Manhã no final dos anos 50. Fita K7 n° 14.

⁸⁸ Acy Cabral Teive. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 12 de maio de 1995.

consideradas coisas de mulher"⁸⁹, pensamentos estes que se fazem presentes no imaginário popular até nos dias atuais.

Contudo, é possível detectar também notas explicativas combatendo, por parte dos empreendedores da radiodifusão local, as resistências, os preconceitos e as dificuldades enfrentadas pelos mesmos, tanto no que tange a qualidade dos programas, como no que diz respeito aos problemas de transmissões:

*"Constituiu-se um espetáculo de retumbante sucesso a exibição do último programa 'O Mundo é Uma Bola', irradiado pelos microfones da Guarujá, recebendo do público presente calorosos aplausos. O Mundo é uma Bola não seria nem bola nem mundo se não fosse a atuação estupenda de Pituca, o maior comediante do rádio catarinense."*⁹⁰

*"A direção da Guarujá tem o direito de pedir-me, porém, pede-me pouco ao sugerir que nesta coluna responda algumas críticas que ganham vulto por aí, a propósito das irregularidades apresentadas por ocasião das irradiações das solenidades da Assembléia Legislativa. Na verdade, todo o pessoal técnico da Guarujá estava no local e hora marcados, para o serviço esperado. Não se contava, todavia, com a deficiência do pessoal da companhia telefônica, o qual não soube tornar possível a transmissão desejada. Não raro, a Guarujá é interpelada a cerca das razões do porquê não se dispõe a acompanhar as modernas atividades das emissoras de outros centros. Ora, a resposta é simples, visto que tudo entre nós é extremamente difícil e que aqui não merecemos o apoio de quem possa contribuir para o êxito duma iniciativa."*⁹¹

Em virtude da última matéria de jornal, podemos pensar que um dos principais motivos que suscitavam críticas ao rádio local perpassava a sua relação com outras modernidades e tecnologias urbanas, como, por exemplo, os serviços de telefonia e

⁸⁹ RAMOS, Sebastião. *Blecaute*. Op. Cit. p. 61.

⁹⁰ Jornal O Estado. Florianópolis, 28 de julho de 1951, nº 11.168. p. 07.

⁹¹ Gustavo Neves. *Flagrantes da Cidade*. Jornal O Estado. Florianópolis, 24 de abril de 1953, nº 11.671. p. 06.

Gustavo Neves, natural de Florianópolis. Jornalista e escritor, um dos primeiros radialistas da cidade, atuou como locutor da Rádio Guarujá.

de energia elétrica.⁹² Tais serviços demonstravam uma certa deficiência na cidade de Florianópolis, já que a capital fazia justiça ao famoso dito popular difundido pelo Brasil, ou seja, "de dia faltava água e de noite faltava luz. A água na cidade chegava nas casas em conta-gotas e a iluminação pública rivalizava com uma vela, mal atendendo a área central."⁹³

Apenas no início dos anos 50, inaugura-se, no governo de Aderbal Ramos da Silva, do PSD (Partido Social Democrático), a Usina Hidrelétrica de Capivari, passando a gerar e a transmitir a energia elétrica necessária para amenizar as constantes quedas e falta de luz na capital catarinense, fatos estes que acarretavam problemas de transmissões radiofônicas e defeitos nos aparelhos receptores, ensejando, assim, críticas por parte de alguns setores da população local.

Com relação aos serviços de telefonia, a precariedade não era diferente. Somente em 1927 criou-se a Companhia Telefônica Catarinense, a qual ainda estava longe de atender uma cidade que na década de 40 superava uma população de 40 mil habitantes. As deficiências agravaram-se durante a 2ª Guerra Mundial, dificultando a importação de equipamentos e de tecnologia e provocando um retraimento no processo de expansão da telefonia, tanto em Florianópolis como em todo o estado catarinense.

Em muitas ocasiões, os serviços de manutenção e de expansão da rede eram

⁹² A economista Helena Carvalho de Lorenzo problematiza a energia elétrica como um fator importante para os projetos de modernidade ocorridos a partir do final do século XIX, tanto no Brasil como na França e na Inglaterra. Para tal pesquisadora, a eletricidade permitiu transformações fundamentais na vida urbana, especialmente na modernidade de inspiração capitalista, alterando, assim, os costumes e o cotidiano das populações e permitindo o surgimento de novas formas de organização de empresas e de serviços de utilidade pública, tais como indústrias, companhias telefônicas, transportes urbanos, iluminação pública, assim como, podemos citar também, empresas de comunicação de massa, ou seja, salas de cinema, emissoras de rádio e empresas fonográficas. Ver LORENZO, Helena Carvalho de. (et. al).Eletricidade e Modernização em São Paulo na Década de 20. In: **A Década de 20 e as Origens do Brasil Moderno**. São Paulo: Editora da Unesp, 1997. pp. 159-161.

⁹³ FILHO, Raul Caldas. Anos 40/50: Ainda uma Deliciosa Província. Op. Cit. p.23.

realizados com aparelhos sucateados trazidos do Uruguai e reconicionados na própria capital, acarretando a constante queda de linhas e de transmissões telefônicas e prejudicando outros serviços que dependiam desta tecnologia.⁹⁴

Existiam, ainda, embates estabelecidos entre outros grupos e/ou setores sociais, pois faz-se mister destacar a intromissão da radiodifusão em outros espaços e atividades da vida pública, como, por exemplo, no esporte local. Esta invasão acabou por acarretar certas tensões entre as entidades desportivas e a nascente crônica esportiva, sendo que esta última passou a acompanhar, noticiar e, por que não, a criticar tais entidades e seus cartolas, como nos mostra uma matéria:

*"Iremos falar hoje sobre um assunto pouco explorado do nosso futebol - os 'condotieres' de nossa imprensa falada, ou seja, os homens cuja responsabilidade está entregue a divulgação radiofônica das nossas lidas esportivas. Porém, alguns de nossos dirigentes esportivos ainda não quiseram ou souberam compreender a relevância apresentada pela imprensa falada. Sonogando informações, difundindo inverdades e fomentando animosidades, persiste ainda certo grupo de maus desportistas, que tentam obstruir por todos os meios a ação que desenvolve este órgão de imprensa, pois este está para o esporte assim como o oxigênio está para o organismo. Fora deste postulado a alternativa é uma só: a morte, o fatal desaparecimento do esporte catarinense."*⁹⁵

Todavia, apesar das críticas, resistências e embates, podemos apreender, através da inauguração da primeira emissora de rádio na cidade, alguns aspectos relacionados com a modernidade, a qual, desde os anos 20 é discursada, cultuada e difundida nas principais cidades brasileiras. Estes discursos modernizadores também foram apregoados pelos primeiros profissionais do rádio ilhéu, pois os mesmos consideravam a

⁹⁴ ALBUQUERQUE, Cláudia Gomes de. **Subsídios para a História da Telefonia em Santa Catarina**. Florianópolis: Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina, 1986. (Trabalho de Conclusão de Curso).

⁹⁵ Os Homens da Nossa Imprensa Falada. *Jornal O Estado*. Florianópolis, 16 de julho de 1953, nº 11.656. p. 04.

instalação de uma emissora de rádio como um progresso, um avanço para a cidade. Para tais radialistas, "Florianópolis não passava de uma ponte maravilhosa que ligava o nada a coisa alguma. A cidade ainda estava no marco zero das comunicações. Era necessário, portanto, acordar as pessoas e as autoridades para os problemas da cidade, sendo que isto só se tornaria possível com uma estação de rádio."⁹⁶ Ainda nestas perspectivas, podemos dizer também que a necessidade de se implantar uma emissora de rádio em Florianópolis tornava-se ainda mais candente em função de outras cidades, como Blumenau e Joinville, já possuírem, desde a década de 30, suas próprias emissoras.

Este sentimento, ou melhor, a necessidade de se modernizar a capital catarinense pode ser também percebida em outras épocas, através de outros símbolos de modernidade. No final do século passado, por exemplo, as autoridades locais sentiam a necessidade de se construir um mercado público, através do qual poderiam ser estabelecidas algumas normas para o comércio de produtos, bem como a possibilidade de se higienizar e urbanizar a cidade de acordo com os anseios das elites locais.

A partir das primeiras décadas deste século, existia também o desejo de se rasgar novas avenidas, entre elas, podemos citar, as avenidas Hercílio Luz – inicialmente denominada de Rua do Saneamento - e Mauro Ramos, bem como de se construir uma ligação rodoviária entre a ilha e o continente. Tais avenidas iam ao encontro dos projetos das elites em urbanizar o centro de Florianópolis, além de estabelecer certas fronteiras entre a área central e a parte periférica da cidade, ou seja, as encostas já habitadas dos morros.

Com relação a ligação ilha-continente, o desejo de se "construir uma ponte era antiga, porém, ainda não era tão necessária antes do surgimento dos automóveis e

⁹⁶ Ivo Serrão Vieira. Op. Cit. p. 87.

caminhões. Depois da abertura de estradas e os resfolegantes motores a gasolina encurtarem as distâncias, a necessidade da ponte passou a ser mais sentida por todos, principalmente entre as elites da cidade." ⁹⁷

Neste mesmo viés, podemos perceber, mais uma vez, os anseios das elites, as quais demonstravam-se entusiasmadas com os projetos modernizantes ocorridos na cidade:

*"Florianópolis, que num surto admirável de progresso, conseguiu enriquecer-se, em doze anos, dos melhoramentos que representam a prova evidente do adiantamento e da civilização. Florianópolis, que de uma velha cidade sem estética e sem conforto, uma verdadeira aldeia carregando o título de capital sem ruas calçadas, sem telefones, sem bancos, sem luz, água e esgotos, sem requisito algum de uma cidade moderna, realizou, sob um sopro de energia e civilização, uma miraculosa transformação, que veio colocá-la ao lado das mais adiantadas, confortáveis e belas cidades brasileiras."*⁹⁸

Assim sendo, paulatinamente, nas quatro primeiras décadas deste século, a cidade vai se remodelando, reordenando seus espaços urbanos, modernizando seus sistemas de energia e de telefonia, suas redes de esgoto e de água, suas ligações rodoviárias e seu transporte coletivo. É neste contexto que a radiodifusão vai se inserir em Florianópolis, sendo considerada, com o passar dos tempos, como mais um elemento de modernidade para a cidade, pois "as inovações tecnológicas que marcaram a passagem do século XIX para o século XX revolucionaram não só a construção civil, mas também os meios de transporte e

⁹⁷ PELUSO, Antônio V. A Ponte Hercílio Luz e a Expansão de Florianópolis. Florianópolis: Santa Catarina Filatélica, 1951. p. 13, citado por BENAKOUCHE, Tamara. Técnica, Imaginário e Modernidade na Primeira República: o valor simbólico da Ponte Hercílio Luz. In: *Revista Catarinense de História*. Florianópolis: Insular, nº 04, 1997. p. 43.

⁹⁸ Jornal A República, publicado em Florianópolis no dia 30 de Janeiro de 1920, citado por ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A Invenção do Litoral: Reformas Urbanas e Reajustamento Social em Florianópolis na Primeira República*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1989. p. 11. (Dissertação de Mestrado)

os meios de comunicação e de difusão de imagens e de sons, acarretando uma especial repercussão na organização das cidades e das práticas urbanas."⁹⁹

Neste sentido, sobre o caráter de modernidade atribuído ao rádio, vale salientar as palavras de Mário de Andrade, que nos faz pensar que "a vida moderna é consequência das inovações tecnológicas, como a eletricidade, o telégrafo, os transatlânticos, o aeroplano, os cabos submarinos, os caminhos de ferro, os automóveis e o telefone sem fio."¹⁰⁰

Continuando nesta perspectiva, o filósofo Willi Bolle, utilizando as reflexões do poeta francês Charles Baudelaire, considera que "a partir dos anos 20 é possível vislumbrar na *skyline* das principais cidades do Brasil e do mundo, novos símbolos de modernidade, ou seja, as gigantescas torres e antenas de rádio."¹⁰¹

Podemos perceber, então, que juntamente com as críticas e resistências referentes ao rádio local, surgiram também comerciais e notas de jornal discursando e apregoando o caráter positivo da radiodifusão, visto que a mesma representava o progresso para a cidade e seus habitantes:

"Ao se viver tempos novos, nos sentimos bastante a vontade para dizer que também tivemos culpa nessa nova mentalidade que invade a cidade de Florianópolis. Os últimos tempos tem sido de grandes novidades e conquistas. Agora só desejamos

⁹⁹ BENAKOUCHE, Tamara. Técnica, Imaginário e Modernidade na Primeira República: o valor simbólico da Ponte Hercílio Luz. Op. Cit. p. 43.

¹⁰⁰ ANDRADE, Mário de. *Obra Imatura*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. pp. 252-253.

¹⁰¹ BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna*. São Paulo: Edusp, 1994. p. 240.

Para Charles Baudelaire, a principal característica da paisagem urbana do século XIX são as chaminés das fábricas, as quais formam os mastros da cidade. Neste sentido, podemos dizer que as antenas das emissoras de rádio e de televisão constituem, para o século XX, os novos mastros das cidades, dividindo com as fábricas e os grandes edifícios as linhas do céu, os horizontes das cidades.

Em Florianópolis, a primeira antena/torre de rádio localizava-se no centro da cidade, mais precisamente nos altos da rua Felipe Schimdt. Ver Jornal O Estado. Florianópolis, 13 de maio de 1953, nº 11.685. p. 09.

Atualmente, as torres e antenas das rádios e das televisões de Florianópolis situam-se no Morro da Cruz, ponto mais alto da cidade, sendo que as mesmas podem ser vistas em boa parte da área central e periférica do município.

*que as pessoas procurem se valer de todas as conquistas modernas, dentre elas as das comunicações, para que isso possa unir cada vez mais os povos em torno de ideais comuns."*¹⁰²

Estes discursos também tentavam passar a imagem do rádio como um fator de integração entre as pessoas e de ligação com o mundo exterior, cultuando e difundindo a crença de que o futuro dos seres humanos estaria calcado no avanço tecnológico, no progresso técnico, acarretando, portanto, novas experiências e novas expectativas de vida:

*"O rádio, este novo veículo de comunicação, vem assumindo, no momento em que vivemos, um papel de extrema importância na divulgação da informação. Ao rádio cabe uma missão vital, que é de ligar os povos entre si, sendo este sentimento levado a todos os lares pelas ondas sonoras. Devemos, assim, aprender a trabalhar juntos, todos os povos, ou acabaremos por perecer todos."*¹⁰³

Neste sentido, podemos nos reportar aos impactos das novas tecnologias e aos processos de metropolização em São Paulo a partir dos anos 20, pois, neste período, "a palavra moderno tornou-se fluente na linguagem cotidiana, adquirindo conotações simbólicas, revolucionárias e fetichistas. A expressão moderno passou a assumir o caráter de novo absoluto, tornando-se a palavra-ação, a palavra-potência, a palavra-libertação, a palavra-encantamento, a palavra-conquista, introduzindo, assim, um novo sentido à história, não a partir de um ponto do passado, mas de um lugar no futuro."¹⁰⁴ A partir desta perspectiva, podemos perceber inúmeras referências à expressão 'moderno' nos anúncios sobre aparelhos de rádio, os quais, ao circularem nos jornais de Florianópolis, tinham o objetivo de inserir seus possíveis compradores no mundo da modernidade:

¹⁰² Comercial radiofônico da Alphi Refrigeração, veiculado na décadas de 40 e 50 pelas rádios Guarujá e Diário da Manhã. Jingles e Comerciais do Rádio Catarinense - Fita k7 n° 15.

¹⁰³ Jornal O Estado. Florianópolis, 14 de abril de 1951. Nº 11.108. p. 05.

¹⁰⁴ SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit. pp. 227-228.

Rádio Philips

Possuindo qualidades técnicas, os aparelhos Philips são os mais preferidos. Faça uma visita aos nossos concessionários.

Lojas Pereira Oliveira, Conselheiro Mafra, 06.¹⁰⁵

Um máximo em perfeição num lindo rádio de mesa.

B-74 - o novo modelo RCA Vitor.

Agora você tem o rádio que esperava. O máximo em perfeição e pujança, num lindo rádio de mesa. Seis faixas internacionais de ondas curtas. O magnífico B-74, de alcance mundial, lhe mostrará uma superior qualidade.

RCA Vitor - Líder mundial em rádios e discos.¹⁰⁶

Para os mais exigentes, um prazer indiscutível!

Rádio B-84 - RCA Vitor

Esta é a nova criação da RCA Vitor. Lindo rádio de mesa com oito possantes válvulas e regulador automático de volume. Procure conhecer este maravilhoso rádio, que incorpora moderníssimos aperfeiçoamentos. Tenha um aparelho moderno, que irá lhe oferecer audições da mais alta fidelidade.

RCA Vitor - Líder mundial em rádios e discos.¹⁰⁷

¹⁰⁵ Jornal Diário da Manhã. Florianópolis, 14 de abril de 1953, nº 296. p. 06.

¹⁰⁶ Jornal O Estado. Florianópolis, 12 de abril de 1953, nº 11.662. p.25.

¹⁰⁷ Jornal O Estado. Florianópolis, 05 de abril de 1953, nº 11.656. p. 05.

*Um Semp é sempre o melhor. Som e alcance insuperáveis.
 Revendedor: Eletrotécnica - Indústria e Comércio.
 Rua Tenente Silveira, 24.¹⁰⁸*

*O Conquistador em Ondas Curtas
 Este é um modelo que marcará época na história da RCA Vitor, a
 história das suas conquistas nos domínios da técnica. Recepção
 estável, límpida, podendo sintonizar as estações mais distantes.
 RCA Vitor - Líder mundial em rádios e discos.¹⁰⁹*

Comerciais de rádio também tentavam demonstrar a absoluta carga de positividade suscitada por outras inovações técnicas relacionadas com a radiodifusão, apregoando que

"A juventude moderna adora músicas alegres - twist, jazz - sendo por este motivo que os brotos preferem a Nova Record Discos. Só a Nova Record possui os grandes sucessos da atualidade, mantendo a discoteca sempre atualizada." ¹¹⁰

Faz-se mister salientar que a vitrola e os discos, enquanto inovações técnicas, possibilitaram aos jovens o contato, tanto nos lares como nos ambientes de dança, com os ritmos musicais considerados modernos. Sendo assim, o moderno estava relacionado com a liberdade de se poder dançar¹¹¹ e, porque não, também ao belo, visto que em Florianópolis seus habitantes passaram a ter

"Um estabelecimento que honra a cidade, com a inauguração do Instituto de Beleza Record, situado na Praça XV de Novembro, nº 21, de propriedade do Sr. Osvaldo Goulart e dirigido pelo Sr. Valdemiro Burigo, que fez um curso de beleza

¹⁰⁸ Jornal A Semana. Florianópolis, 31 de julho de 1957, nº 25. p. 04.

¹⁰⁹ Jornal O Estado. Florianópolis, 17 de janeiro de 1954, nº 11.804. p. 03.

¹¹⁰ Comercial veiculado pela Rádio Diário da Manhã de Florianópolis durante os anos 50. Tal comercial refere-se a Nova Record Discos, localizada na rua Tenente Silveira, nº 25 – Centro de Florianópolis. Jingles e Comerciais do Rádio Catarinense - Fita k7 nº 15.

¹¹¹ SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit. p. 230.

*no afamado Instituto Niasi de São Paulo. Estes senhores deram a Ilha um estabelecimento luxuoso, montado a capricho, com confortável sala de espera, bonita decoração e tudo o que há de mais moderno em aparelhos e apetrechos."*¹¹²

Podemos dizer também que assumir uma postura moderna era poder conhecer as inovações técnicas direcionadas aos lares, proporcionadas pela Escolinha Walitta, a qual convidava e promovia, através dos jornais, modernos cursos de culinária:

*"Curso inteiramente grátis!! Toda dona de casa não pode deixar passar esta oportunidade de aprender a confeccionar finos e saborosos pratos: maioneses, bolos, doces, entre outros. Também possibilitará a familiarizarem-se com os famosos e modernos aparelhos Walitta. Walitta é um símbolo de confiança e perfeição. Quem tem Walitta tem tudo!! Inscrições na Firma Carlos Hoepcke, à rua Felipe Schmidt."*¹¹³

Um outro ponto que podemos estabelecer entre radiodifusão e sua relação com a modernidade é que, em meados dos anos 50, mais duas emissoras de rádio entram no ar na cidade: a Rádio Diário da Manhã e a Rádio Anita Garibaldi. Em anúncios publicados em jornais, a primeira intitulava-se como "uma das mais potentes e modernas estações de rádio do sul do país, levando, de Florianópolis para os céus do Brasil, o melhor som de Santa Catarina."¹¹⁴

Reportagens revelavam também o caráter de modernidade e de avanço técnico que a Diário da Manhã representava não só para cidade como para todo estado catarinense, pois, de acordo com seus radialistas,

"Toda a Ilha, o Estado e o Brasil estão de parabéns, visto que o povo catarinense passou a ter uma estação a altura do seu progresso. Todo catarinense deve se orgulhar da jóia que a Diário da Manhã representa para o povo de nossa terra, já que tal emissora assinou, em São Paulo, um contrato com a

¹¹² Jornal A Semana. Florianópolis, 18 de abril de 1955, nº 02. p. 09.

¹¹³ Jornal A Semana. Florianópolis, 25 de abril de 1955, nº 04. p. 05.

¹¹⁴ Jornal Diário da Manhã. Florianópolis, 14 de abril de 1953, nº 296. p. 08 & Jornal A Semana. Florianópolis. 07 de Abril de 1955, nº 01. p. 05.

Philips do Brasil para a implantação de uma cadeia de ondas curtas, sendo que assim poderá transmitir o noticiário catarinense para todas as partes do país e do mundo, fato este que representa mais uma grande conquista para Santa Catarina e sua gente."¹¹⁵

Com relação à Rádio Anita Garibaldi, seus radialistas tentavam criar uma espécie de suspense, bem como aguçar a curiosidade do ouvinte, visto que seus anúncios solicitavam a população que "aguardassem as instalações, com moderno e potente transmissor RCA de 500 Watts, da Rádio Anita Garibaldi."¹¹⁶ No tocante a primeira estação de rádio de Florianópolis - a Rádio Guarujá - tal emissora também passou a divulgar seu caráter de modernidade, pois conseguimos detectar diversos anúncios salientando suas "ondas médias e curtas como as mais potentes e modernas da radiofonia catarinense."¹¹⁷

Para encerrarmos tais discussões, podemos dizer que ora com certo entusiasmo, ora com certa resistência, algumas vezes de forma mais rápida, outras mais lentamente - e em algumas ocasiões ainda de forma experimental, improvisada e desengonçada - a modernidade, decorrente do surgimento e da propagação de inovações técnicas e tecnológicas, foi se generalizando nas cidades brasileiras, sendo que Florianópolis não ficou a margem deste processo.¹¹⁸

Neste sentido, reportamo-nos, mais uma vez, às reflexões de Marshall Berman, o qual nos mostra que "ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em seu redor, mas, ao mesmo tempo, ameaça destruir tudo que temos, tudo o que sabemos, tudo o

¹¹⁵ Jornal A Semana. Florianópolis, 27 de junho de 1955, nº 12. p. 08 & Jornal A Semana. Florianópolis, 18 de Abril de 1955, nº 03. p. 05.

¹¹⁶ Jornal A Semana. Florianópolis, 11 de abril de 1955, nº 02. p. 06.

¹¹⁷ Jornal A Semana. Florianópolis, 11 de dezembro de 1957, nº 34. p. 04.

¹¹⁸ Ver BENAKOUCHE, Tamara. Op. Cit. p. 45.

que somos."¹¹⁹ Sendo assim, consideramos também que a radiodifusão perpassa estas relações manifestadas por Berman sobre a modernidade, pois o rádio, por onde quer que tenha passado, deixou rastros. Trouxe, de uma maneira ou de outra, a alegria, estampada no rosto da fã; a aventura, com a radionovela; o poder, ao ser utilizado por determinadas ideologias políticas; a modernidade, ao encurtar as distâncias; a transformação, ao criar uma forma de comunicação invisível; a cultura e o saber, ao funcionar como um livro falado e a transformação social, ao criar novas relações entre as pessoas.

No entanto, o rádio, ao mesmo tempo, trouxe consigo a angústia, a resistência, o conflito, traçando uma tênue linha entre a possibilidade da expansão da vida e a ameaça de sua destruição, como, por exemplo, a do "Negro Fuzaca"¹²⁰, que desesperado, viu sua atividade de homem-megafone praticamente desaparecer. Sua voz de trovão, sua potente garganta e sua atividade profissional ficaram fragilizadas perante a concorrência criada pela Rádio Guarujá.

Neste mesmo viés, tal veículo de comunicação acarretou também embates entre uma senhora, seu marido, sua enteada e sua futura nora, sendo que estas "duas últimas tinham que escutar rádio escondidas, visto que eram proibidas em função das diversas lidas domésticas que precisavam ser realizadas"¹²¹, fato este que nos leva a pensar que, para muitos, o ato de acompanhar programas de rádio era coisa para desocupados.

¹¹⁹ BERMAN, Marshall. Op. Cit. p. 15.

¹²⁰ Ver SIMÕES, Aldirio. Negro Fuzaca. In: Domingueiras: sou ilhéu graças a Deus – Crônicas. Florianópolis: Papa Livro Editora, 1990. pp. 63 - 64.

A atividade de homem-megafone, propagandista que circula pelas ruas das grandes cidades brasileiras, ainda persiste em Florianópolis na figura do Sr. Carlos Alberto. No entanto, podemos observar que sua presença no centro urbano da cidade é mais percebida pelos seus figurinos exóticos do que pela potência de sua voz. Em muitas ocasiões, a correria das pessoas, o burburinho cotidiano das ruas, o já caótico trânsito da cidade e as músicas das lojas de discos acabam por abafar os sons de sua atividade. Porém, podemos pensar que Carlos Alberto nada mais faz que resistir "ao turbilhão da modernidade, a qual, através dos meios de comunicação de massa, acabam por amarrar os indivíduos em um mesmo pacote." Ver BERMAN, Marshall. Op. Cit. p. 16.

¹²¹ Maria Ana Machado. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 12 de abril de 1997.

Capítulo II

Rádio: criando e recriando espaços na cidade

"Ao entardecer, quando as pessoas se reuniam no centro, antes de voltar aos seus lares, entrava no ar 'O instante da Prece.' Soavam os primeiros acordes da Ave-Maria e seguia, com uma música de fundo, uma prece à Virgem. Era um momento de fervor religioso no centro da cidade, antes de se iniciar as tropelias da noite."¹²²

O programa 'Instante da Prece',¹²³ transmitido por volta das 18:00 hs, pode ser considerado uma forma de comunicação que alterou a vida da capital catarinense durante os anos 40. Veiculado pelos alto-falantes da Rádio Guarujá, tal programa acabou apropriando-se de locais já consagrados pela população de Florianópolis, bem como ensejou a criação de novas formas de sociabilidades entre os habitantes da cidade, seja nas ruas, praças e até mesmo nos próprios lares.

O termo sociabilidade pode ser entendido e caracterizado como os diversos meios e as diferentes maneiras que os indivíduos utilizam para expressar suas relações sociais e culturais, as quais podem se manifestar tanto na esfera pública como na privada.¹²⁴

¹²² Filho, Raul Caldas. **A Era do Rádio**. Jornal Ô Catarina, Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, junho de 1993, nº 03. p. 03.

¹²³ Tal estilo de programa radiofônico foi elaborado por emissoras em outras cidades brasileiras, como, por exemplo, a Rádio Tupi de São Paulo, a qual transmitia, também às 18:00 hs, o programa 'Oração da Ave-Maria', iniciando o mesmo com a seguinte locução: "Eu, deste microfone amigo, e você do recesso sacrossanto do seu lar." Ver SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Feliz 1958: o ano que não devia terminar**. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 150.

¹²⁴ NODARI, Eunice Sueli & SERPA, Élio Cantalício. Laguna e Lages: reformulação das condutas e sociabilidades na Primeira República. In: **Revista Catarinense de História**. Florianópolis: Insular, nº 03, 1995. p. 07.

Não obstante, o filósofo francês Michel Maffesoli prefere usar a expressão 'socialidade' para caracterizar que não existem relações sociais sem uma dimensão espacial e que o espaço indutor da socialidade seria a cidade, com a animação das suas ruas, a vida dos seus bares e os rumores da sua circulação cotidiana.¹²⁵

Na mesma perspectiva, podemos utilizar as reflexões do teórico norte-americano Richard Sennett, o qual nos mostra que em Paris e Londres, por volta dos séculos XVIII e XIX, era comum a existência de determinados espaços – cafés, bares e clubes – nas quais as pessoas exerciam relações de sociabilidade. Em tais espaços os indivíduos reuniam-se para tecer relações sociais, conversar sobre seus interesses e ler os jornais, transformando-os nos principais centros de informação das cidades neste período.¹²⁶

Neste aspecto, na obra literária 'O Garoto e a Cidade', podemos vislumbrar através do personagem Sílvio, que a Ilha-Capital, nas primeiras décadas do século XX, também possuía alguns espaços urbanos nos quais determinados segmentos sociais se reuniam para exercerem suas relações sociais. Era comum muitas pessoas postarem-se nas mesas dos cafés – Java, Magana ou Ligoki – para ler os jornais, trocar idéias sobre literatura, música e política, escrever e declamar poesias, bem como admirar o vai e vem das moças que desfilavam durante à tarde na Praça XV de Novembro ou nas calçadas da rua Felipe Schimdt. Ia-se também ao cinema, principalmente ao Império, localizado à rua João Pinto e ao único teatro da cidade, o Álvaro de Carvalho, situado atrás da igreja matriz, sendo o mesmo conhecido até o advento da República como Teatro Santa Isabel, assim

¹²⁵ MAFFESOLI, Michel. O Espaço da Socialidade. In: **A Conquista do Presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. pp. 52-53.

¹²⁶ SENNETT, Richard. Papéis Públicos. In: **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988. p. 108.

como freqüentava-se também os saraus dos ambientes de dança da cidade, sobretudo aqueles realizados no Clube Doze de Agosto e no Clube 19 de Janeiro, ambos localizados no centro de Florianópolis.¹²⁷

Nos anos 40 e 50, existiam em nossa cidade alguns espaços que eram freqüentados por muitos indivíduos para que estes pudessem manifestar seus sentimentos, relações sociais, hábitos, interesses, paixões e ideologias políticas:

“Na cidade, não admitia-se coluna do meio. Quem era do PSD dançava no Clube 12, tomava café no Bar Rosa, torcia pelos players do Avaí ou pelos rowers do Martinelli. Os udenistas valsavam no Lira, bradavam nos estádios pelo Figueirense, nas raíais pelo Aldo Luz e freqüentavam o Café do Quidoca. O PSD imprimia suas verdades no O Estado, já os udenistas usavam-no para embrulhar tainha ovada no mercado, enquanto assinavam A Gazeta.”¹²⁸

Vale salientar que os espaços de sociabilidades, citados anteriormente, faziam parte de uma esfera elitizada de Florianópolis, composta por artistas, intelectuais, jornalistas, comerciantes e políticos. As classes menos abastadas, ou seja, marinheiros, operários da Fábrica de Pregos e de Gelo da Cia. Hoepcke, trabalhadores do porto, do Mercado Público, empregados do comércio, entre outros, freqüentavam determinados espaços que circundavam o centro de Florianópolis, em especial os bares Foguinho e João Bebe Água, o Clube Flor de Abacate, atualmente Clube XV de Outubro, situado nos altos da rua Conselheiro Mafra, além do 'teatrinho de bolso' - em função das suas acanhadas acomodações - da União Beneficente Recreativa Operária, localizada na esquina das ruas

¹²⁷ Ver BARBOSA, Renato. **O Garoto e a Cidade: Florianópolis dos anos 20**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina/Secretaria de Comunicação Social, 1984.

¹²⁸ RAMOS, Sérgio da Costa. **Os Cívicos Precisam Voltar aos Quartéis – Crônicas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1986. p. 22.

Pedro Soares e Araújo Figueiredo e que "revelou, através das suas peças de teatro e das suas noitadas cantantes, diversos músicos, atores, atrizes, cantores e cantoras que iriam, posteriormente, compor os *cast* de artistas das estações de rádio da capital."¹²⁹

Florianópolis também possuía a Confeitaria do Chiquinho, misto de café, padaria e bar com música ao vivo, na qual consumia-se as famosas empadas de camarão preparadas pela Dona Iponina;¹³⁰ o Miramar, destruído em 1974 pelo aterro da baía sul e que, como mostra o próprio nome, tratava-se de um mirante com características de bar; a rua Conselheiro Mafra, importante área comercial da cidade; o Ponto Chic, primeiro café em pé da cidade, entre outros, nos quais grande parte da população circulava e se relacionava no cotidiano.

Porém, em se tratando do nosso tema de pesquisa, podemos perceber que um dos principais espaços de sociabilidades do mundo urbano e que torna-se objeto de apropriação pela radiodifusão florianopolitana foi, sem dúvida alguma, a Praça XV de Novembro.

Utilizada nas mais diversas temporalidades e espacialidades por usos, olhares e diferentes maneiras de apropriação, as sociabilidades e suas redes consideram o espaço da praça como o principal palco da vida cotidiana nos centros urbanos. Em muitos países da Europa, a partir da Idade Moderna, o cenário principal da cultura considerada de cunho popular era a *piazza*. Nestes espaços públicos estava constituída uma 'cultura da praça', através da qual podia-se assistir peças de teatro, participar de jogos, bem como ouvir

¹²⁹ Cláudio Alvim Barbosa. Entrevista concedida a Norberto Delpizollatti. Florianópolis, 10 de outubro de 1994. Fita K7 n° 33.

Cláudio Alvim 'Zininho' Barbosa, natural de Três Riachos/SC, atuou como cantor, compositor e programador nas rádios Guarujá e Diário da Manhã.

¹³⁰ SIMÕES, Aldirio. A Sina do Cheiroso Belegarde. Op. Cit. pp. 10 -11.

cantadores e contadores de histórias, se as mesmas não fossem afogadas pelos gritos dos vendedores ambulantes.¹³¹

Torna-se atividade difícil estudar a vida urbana de Florianópolis sem pensar em suas praças. Em seu núcleo central existiam e ainda existem três que podem ser consideradas como as principais da capital catarinense durante os anos 40 e 50: o Largo Fagundes, a Praça Pereira Oliveira e a Praça XV de Novembro.

Situada no centro da cidade, atrás da igreja matriz, a Praça Pereira Oliveira foi, "durante anos, o espaço preferido da UDN - União Democrática Nacional - para a realização de seus comícios. Já os políticos do PSD preferiam seguir em caminhada pela Felipe Schimdt para reunir seus correligionários no Largo Fagundes",¹³² o qual, atualmente denominando-se Praça Pio XII, abriga o primeiro estacionamento subterrâneo de Florianópolis.

A Praça XV de Novembro, no entanto, pode ser considerada o ponto inicial da cidade. Através dela construiu-se o núcleo urbano de Florianópolis, pouco ou quase nada lhe escapando, partindo dela e nela chegando quase todos os caminhos. Nos anos 40 e 50 estava estabelecido ao redor da praça e das ruas que dela partem, a grande maioria dos espaços de sociabilidade de Florianópolis: os cafés Nacional e Rio Branco, os bares Poema, Príncipe e Rosa, a Boate Democrata, os cines São José, Roxy, Ritz, Imperial e Odeon, bem como, como podemos perceber em notas de jornal, as emissoras de rádio da cidade, com seus alto-falantes, estúdios e auditórios:

*"O programa 'Deslumbramento', criado e apresentado por
Acy Cabral Teive ao microfone da ZYJ-7, voltará a ser*

¹³¹ BURKE, Peter. Cenários. In: *A Cultura Popular na Idade Média - Europa, 1500-1800*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. p. 134.

¹³² Maria Ana Machado. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 12 de abril de 1997.

irradiado pela 'mais popular', possivelmente, a partir de fevereiro, logo após o carnaval. Como se sabe, o referido programa era um dos mais ouvidos e apreciados, ao tempo em que a Guarujá transmitia do seu antigo estúdio e auditório, situados ao lado da Praça XV de Novembro."¹³³

"Pela passagem de seu 11º aniversário, a Guarujá inaugurou seu novo e excelente palco-auditório, situado à rua João Pinto, próxima a Praça XV. Comemorando auspiciosa data, foi oferecido um codd-tail à imprensa e as autoridades convidadas. As 20:00 h teve início um magnífico show, com a apresentação dos Demônios do Ritmo, seguida de uma comédia do simpático Pituca e encerrando com a voz de prata da delirante cantora Ângela Maria, a qual foi delirantemente aplaudida."¹³⁴

No entanto, para termos uma idéia mais precisa da dimensão das sociabilidades e do movimento existente em torno e na praça, reportamo-nos a uma das crônicas do jornalista Aldírio Simões:

"O Bar Príncipe encontra-se em efervescente boemia, com o Felinto e o Gabriel colocando moral na casa. Apoiado nas mesas de mármore estão o músico Zininho, o jornalista Adolfo Ziguelli, a cantora Neide Mariarrosa e o locutor José Valério. O radialista Antunes Severo chega depois, pois está lustrando seus sapatos na praça com o Raul Engraxate. Daqui a pouco todos eles sobem para a Rádio Diário da Manhã para colocar o Vanguarda no ar. No Café Nacional, políticos comentam as manchetes dos jornais do dia, discordando do editorial do A Verdade. Na A Soberana cheira o pão quentinho e, no Chiquinho, muitos fregueses comem pão com almôndega e mostarda de Blumenau. O jornaleiro berra nos ouvidos das pessoas: é o esportivo Globooo! Outros políticos entram e saem do Bar Rosa, paparicando, numa grande mesa, o Dr. Aderbal Ramos da Silva. Um garoto grita oferecendo suculentos bolos de milho, feitos com folha de bananeira. O Palácio do Governo fecha sua porta frontal e o sino da Catedral avisa, com seis badaladas, que a cidade vai adormecer. É hora da Ave-Maria."¹³⁵

¹³³ Jornal O Estado. Florianópolis, 06 de janeiro de 1951, nº 11.040. p. 08.

¹³⁴ Jornal A Semana. Florianópolis, 23 de maio de 1953, nº 07. p. 08.

¹³⁵ SIMÕES, Aldírio. Feriado de Azambuja. Op. Cit. pp. 77-78.

Assim sendo, podemos pensar que a praça constitui o palco propício, enquanto espaço, para os múltiplos acontecimentos, construindo e emoldurando a vida social de muitos indivíduos. Podemos perceber, então, que a radiodifusão, caracterizada como um fenômeno típico da urbanidade, passa a se apropriar da cultura da praça existente nas cidades.

Como já foi mencionado anteriormente, os empreendedores da radiodifusão em Florianópolis instalaram seus estúdios, auditórios e alto-falantes em pontos estratégicos da cidade, entre eles, a Praça XV de Novembro. A instalação dos alto-falantes nestes locais acabou por inserir novas relações e práticas sociais em Florianópolis, alterando, assim, o cotidiano e os costumes de muitos habitantes de alguns setores sociais, pois "era comum inúmeras pessoas encontrarem-se e postarem-se paradas embaixo ou o mais próximo possível dos alto-falantes instalados na entrada da praça para poder escutar as seções de músicas e de literatura, ou, então, para entrar em contato com as notícias do esporte através dos programas Momento Esportivo Brahma e Rádio Esportes Atlantic",¹³⁶ sendo que os mesmos iam ao ar diariamente por volta das 12:40 e 19:00 hs¹³⁷, respectivamente.

Ampliando nossas reflexões, podemos pensar que a praça pode também ser considerada um espaço propício para o dialogismo cultural, pois a mesma "possui cheiros, cores, sons e formas, tecendo redes de referência"¹³⁸ para quem nela vive ou passa. Neste sentido, o rádio, fazendo-se presente no cotidiano das ruas e das praças, ampliou a sinfonia característica do mundo urbano através dos novos sons transmitidos pelos seus

¹³⁶ Acy Cabral Teive. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 03 de Maio de 1995.

¹³⁷ Jornal O Estado. Florianópolis, 19 de fevereiro de 1954, nº 11.870. p. 07.

¹³⁸ CUNHA, Maria Teresa Santos. Praça XV: um lugar para além do inesquecível? In: **Florianópolis: origens e destinos de uma cidade à beira-mar**. Jornal Diário Catarinense, 14 de março de 1996, p. 11. (Suplemento Especial).

fiões, microfones e alto-falantes, suscitando, portanto, uma maior democratização e aproximação dos indivíduos com a circulação das idéias, dos acontecimentos e das manifestações artísticas.

Sendo assim, no que diz respeito às manifestações artísticas, principalmente as musicais, podemos relacionar o rádio com as reflexões e análises construídas por Walter Benjamin acerca das possibilidades de produção e reprodução da arte, as quais, na opinião deste pensador, "nunca foram reprodutíveis tecnicamente, em tal escala e amplitude, como no século XX."¹³⁹ Nesta perspectiva, podemos pensar que o filme da fotografia, a câmera do cineasta, o vinil do disco e as antenas e microfones das emissoras de rádio possibilitaram, em última instância, uma maior aproximação dos indivíduos com as obras de arte, visto que, com estas novas técnicas e tecnologias de comunicação e de produção/reprodução da arte, "a catedral pode abandonar seu lugar para instalar-se no estúdio de um amador, e o coro, executado numa sala ou ao ar livre, pode ser ouvido num quarto."¹⁴⁰

Por este viés, podemos caracterizar que, com o serviço de radiodifusão via alto-falantes, "muitas pessoas que gostavam de música e que possuíam um melhor poder aquisitivo, quando as ouviam nas ruas, na praça ou em casa, iam até as lojas - principalmente a Nova Record Discos ou ao Salão Dó-Ré-Mi - para comprar os discos que continham suas músicas preferidas, ou, então, aquelas que eram consideradas sucessos do momento."¹⁴¹

No tocante aos noticiários, podemos dizer que, com o advento do rádio na

¹³⁹ BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica. Op. Cit. p. 168.

¹⁴⁰ BENJAMIN, Walter. Op. Cit. p. 175.

¹⁴¹ Nivalda Severo. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 03 de maio de 1998.

Nivalda Jacques Severo, nascida em 1934 na cidade de Florianópolis, atuou como produtora de programas da Rádio Diário da Manhã, adotando o nome artístico de Maria Helena Ribeiro.

cidade, as notícias já não circulavam somente nos cafés, nas rodas de conversa e através da imprensa escrita. A implantação de uma emissora de rádio em Florianópolis foi considerada "uma novidade para a época, pois diariamente muitas pessoas reuniam-se em grupos de conhecidos e desconhecidos para poderem ficar por dentro e entrarem em contato com as notícias e com os acontecimentos ocorridos na cidade, no Brasil e no mundo. Neste período, as notícias eram divulgadas quando chegavam. Apareciam notícias importantes e a divulgação poderia acontecer a qualquer momento. A radiodifusão em Florianópolis foi implantada em um período muito difícil, visto que vivia-se a 2ª Grande Guerra, com o nazismo e o fascismo colocando muito medo, fomentando, assim, um grande interesse e atração por parte de muitas pessoas pelas notícias internacionais"¹⁴²

Porém, pensamos que faz-se mister salientar que o fato das pessoas reunirem-se para tomar conhecimento das notícias e acontecimentos não é algo novo na história. Assim como Richard Sennett, Benjamin também nos mostra que ler jornais e folhetins em rodas de amigos ou nos cafés de Paris, por exemplo, remonta ao início do século passado. Todavia, o próprio Benjamin nos alerta que em muitos períodos era proibida a venda de números avulsos de jornal, e quem não pudesse arcar com a elevada quantia - cerca de oitenta francos - para uma assinatura anual, ficava na dependência de ler os jornais através das rodas de amigos e dos cafés.¹⁴³

Nestas mesmas perspectivas, o historiador Antônio Pedro, ao estudar o rádio em São Paulo, nos mostra também que muitas famílias não possuíam acesso ao rádio enquanto bem de consumo e de informação, pois no final dos anos 30, na capital paulista,

¹⁴² Acy Cabral Teive. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 03 de maio de 1995.

¹⁴³ BENJAMIN, Walter. *A Paris do Segundo Império*. In: **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Obras Escolhidas III**. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 24.

um aparelho receptor de rádio custava, ao preço de 'reclame', a quantia de 1:200\$000 réis. Paralelamente, nesta mesma época, uma família de 5 pessoas percebia, mensalmente, a quantia de 500\$000 réis.¹⁴⁴

Igualmente, na chamada era de ouro do rádio em Florianópolis, "nem todas as pessoas e famílias possuíam condições financeiras de adquirir um aparelho de rádio, pois os preços variavam muito de marca para marca e, principalmente, em função da capacidade técnica de cada modelo."¹⁴⁵ Para amenizar tais dificuldades, além daquelas oriundas da falta de abastecimento de energia elétrica¹⁴⁶ em muitas residências, fato este corriqueiro em muitos bairros e localidades do interior de Florianópolis, "existiam aqueles que poupavam algum dinheiro para conseguir adquirir um aparelho receptor e/ou recorriam aos crediários oferecidos pelas lojas especializadas da cidade, principalmente, pela Pereira Oliveira, Eletrotécnica e Eletrolândia."¹⁴⁷

Podemos pensar, assim, que quem não conseguisse adquirir um aparelho de rádio em virtude dos problemas expostos anteriormente, ficava na dependência de ouvir as notícias e músicas, por exemplo, através dos alto-falantes inseridos na praça e nas ruas, ou então, em última instância, na casa de amigos e parentes, ensejando, assim como os cafés, a reunião de pessoas, bem como aumentando a cultura da praça no mundo urbano. A radiodifusão, então, trouxe para milhares de pessoas um pedaço do mundo, criando, assim, outras maneiras de sociabilidade entre os indivíduos.

¹⁴⁴ Ver PEDRO, Antônio, Op. Cit. p. 55.

¹⁴⁵ Maria Ana Machado. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 12 de abril de 1997.

¹⁴⁶ Em notas publicadas nos jornais, os radialistas da capital freqüentemente defendiam-se das críticas e resistências ao rádio local em função das constantes quedas e da falta de energia em muitos locais de Florianópolis, fatos estes que acarretavam problemas de transmissão e queima de inúmeros aparelhos receptores. Jornal O Estado. Florianópolis, 13 de maio de 1953, nº 11.685. p. 32.

¹⁴⁷ Maria Ana Machado. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 12 de abril de 1997.

Podemos pensar também que assim como os aposentados reuniam-se e ainda reúnem-se atualmente na praça para ler os jornais e palestrar sobre os mais variados assuntos, o programa 'Instante da Prece', por exemplo, acarretou um novo motivo para as pessoas se reunirem na praça para, juntas, manifestarem suas crenças religiosas, as quais até então eram exercidas nas casas, igrejas e procissões, geralmente coordenadas por pessoas especializadas. Os alto-falantes nas ruas e praças poderiam, assim, substituir a figura do padre, criando nas pessoas uma forma de comunicação invisível, pois, conforme Sérgio da Costa Ramos:

"No dia semi-escurecido pela luz agonizante do poente, o perfil de minha avó ceceando as preces daquela hora compunha um quadro impressionista de som e lumière. Qualquer gesto ou ruído, por involuntário que fosse e quebrasse o encanto daquele momento de paz, era imediatamente reprimido por Dona Ester: sossega menino, não respeita nem a Ave-Maria!"¹⁴⁸

Porém, dentro das perspectivas das novas relações de sociabilidades suscitadas com o advento da radiodifusão, podemos também tentar relacionar e problematizar o sucesso dos tradicionais oferecimentos musicais, os quais iam ao ar durante quase todo o dia, nos sete dias da semana. O ato de oferecer músicas via alto-falante da Guarujá ou até via rádio, quando aquela transformou-se em uma emissora já estabelecida, era considerado "um programa da moda para a época, pois existiam muitos oferecimentos. Muitas pessoas sentiam o desejo de oferecer por que sabiam que muitas outras pessoas gostavam e se encontravam naquele determinado horário em casa, nas ruas ou na Praça XV. Inúmeras pessoas chegavam ao ponto de alguém oferecer para alguém. Mas a grande maioria se identificava: fulano oferece para a senhorita tal como prova de amor, carinho e

¹⁴⁸ RAMOS, Sérgio da Costa. *Rádio Memória*. Jornal Ô Catarina, Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, junho de 1993, nº 03. p. 07.

admiração. Muitos moços e moças ofereciam tais músicas em função da possibilidade de se abrirem caminhos para futuros encontros e, é claro, para possíveis relacionamentos amorosos. Inclusive, em muitas ocasiões, namoros rompidos ou estremecidos eram reatados em função deste tipo de atitude. Os pais e mães não apresentavam grandes resistências aos oferecimentos musicais visto que nas barraquinhas e festas juninas este tipo de serviço também se fazia presente, bem como não era uma coisa agressiva, pelo contrário, demonstrava uma certa educação de quem oferecia e uma certa admiração para quem a música se destinava.¹⁴⁹

Devemos perceber, todavia, que o fato dos oferecimentos musicais já existirem em outros espaços de sociabilidades, como barraquinhas, quermesses e parques de diversões, evidencia a apropriação desta prática social pelo rádio. Faz-se mister salientar ainda que o ato, a necessidade e o desejo de oferecer músicas também foi facilitado pela já existência do *footing*, o qual, enquanto mais uma prática de sociabilidade, era exercido na praça e nas ruas que a circundam. O rádio, juntamente com o *footing* e os outros momentos de sociabilidades, já característicos da vida urbana de Florianópolis, apenas possibilitaram aos oferecimentos musicais uma maior ênfase, tornando-os mais comuns ao cotidiano de muitos indivíduos.

Contudo, podemos nos reportar às reflexões do filósofo alemão Jurgen Habermas, que nos mostra que durante o século XVIII ocorre um processo de institucionalização, pela família burguesa, de sua intimidade perante o público, o qual deu-se basicamente através das cartas. Tais cartas, em seus conteúdos, geralmente tratavam sobre a fidelidade e o amor entre os casais, bem como sobre a obediência dos filhos perante

¹⁴⁹ Acy Cabral Teive & Nivalda Severo. Entrevistas concedidas a Aldonei Machado. Florianópolis, 03 de maio de 1995 e 03 de maio de 1998.

os pais. Essas correspondências transformaram-se em gêneros literários, tornados públicos, posteriormente, em forma de romances.¹⁵⁰

Podemos pensar, então, que tais ofertas musicais, apesar de se tratar de uma aproximação entre as pessoas a certa distância, possibilitaram aos habitantes de Florianópolis novas formas de sociabilidades. Essa prática social, ao ensejar a constituição de novos sujeitos, possibilitou aos homens e mulheres da cidade uma nova maneira de exteriorização dos seus sentimentos íntimos. Ao oferecerem músicas, os indivíduos podiam comunicar e desenvolver suas paixões e admirações, estabelecer novas e diferentes relações/jogos de sedução, demonstrar gentileza e polidez, bem como apresentar aspectos subjetivos de suas vidas e sentimentos, desenvolvendo, assim como as cartas e os diários dos séculos XVIII e XIX, uma subjetividade individualizada, única, burguesa, colocando publicamente "os derramamentos provenientes do coração."¹⁵¹

No entanto, podemos dizer também que o rádio, ao invadir, transformar o cotidiano e ampliar a profusão de sons e de práticas sociais nas ruas e na praça, acabou também por adentrar em outros espaços da cidade. Conforme algumas notas publicadas nos jornais da capital de Santa Catarina, podemos perceber que, em muitas ocasiões, as emissoras realizavam transmissões de shows musicais e programas de auditório em "cinemas, teatros, bares e clubes, principalmente no American Bar do Hotel Querência e nos cines Roxy e Ritz,"¹⁵² ampliando as práticas de sociabilidades existentes em tais espaços urbanos e possibilitando que uma seção de cinema ou de teatro, por exemplo, fosse adiada para outra noite.

¹⁵⁰ HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. pp. 65-66.

¹⁵¹ HABERMAS, Jürgen. Op. Cit. p. 65.

¹⁵² Cláudio Alvim Barbosa. Entrevista concedida a Norberto Delpizollatti. Florianópolis, 10 de outubro de 1994. Fita K7 nº 33.

Geralmente, tais transmissões eram realizadas quando da passagem do aniversário das emissoras, ou, então, em função da apresentação de orquestras, cantores e cantoras da cidade e/ou de outras regiões do país, engendrando, por conseguinte, a gênese de uma indústria cultural em Florianópolis, como podemos observar a seguir:

*"Amanhã, a partir das 22:00 hs mais um show da Guarujá no Bar Netuno. Artistas desta simpática emissora realizarão divertido show com apresentação de quadros cômicos e músicas variadas com os melhores cantores e artistas da cidade. Será, não há como negar, uma interessante noite."*¹⁵³

*"Amanhã, as 20:00 hs, comemorando a passagem de seu 4º aniversário, a Rádio Guarujá apresentará e transmitirá, do palco do Teatro Álvaro de Carvalho, um big show. Um grande desfile de artistas, num espetáculo inédito para a nossa cidade, pois a direção artística da Guarujá não poupou esforços para apresentar artistas consagrados do rádio brasileiro e catarinense: Pery e Estelita, Narciso Lima, El Portenito, Irmãos Jacinto, e Orquestra do Clube Doze de Agosto. Até encerrarmos estas páginas, figuravam como patrocinadores deste big show as seguintes firmas: Livraria Moderna, Casa A Capital, Alfaiataria Silva, A Modelar, Carlos Hoepcke S/A, A Miscelânea, Farmácia Nelson, Relojoaria Moritz, Hotel Majestic, Amin e Irmão S/A e Alfaiataria Bonassis."*¹⁵⁴

"Completando dez anos, a Guarujá promoverá uma programação especial para comemorar este auspicioso evento. Amanhã, as 20:00 hs, será irradiado, do Álvaro de Carvalho, um grande show, com a participação de grandes astros do rádio local e nacional: Zequinha e Regional, os cantores Diogo Filho, Léa Benvenuto, Osni Furtado, Aldo Gonzaga e Luiz Sabino, ao piano, acompanhando as cantoras Tânia Martinez e Neide Maria. A título de curiosidade relacionamos os anunciantes deste programa: Do Rio e São Paulo: Atlantic, Colgate-Palmolive, Gessi-Lever, Cervejaria Brahma, Fábrica de Cigarros Sudan, São Paulo Alpargatas, Moinhos Santista, Abrasivos Bom Bril e Produtos Pond's. De Curitiba: Indústrias Antisardina e Hermes Macedo. De Joinville: Laboratórios Minâncora e de Florianópolis: Carlos Hoepcke S/A, Eletrolândia, Transportes Aéreos Catarinense, Lojas A

¹⁵³ Jornal O Estado. Florianópolis, 10 de novembro de 1953, nº 11.752, p. 08.

¹⁵⁴ Jornal A Gazeta. Florianópolis, 14 de maio de 1946, nº 3.002. p. 02.

Capital, Salão Record, Lojas A Modelar, Clube Doze de Agosto e Relojoaria Líder."¹⁵⁵

Podemos caracterizar que esta apropriação de outros espaços de sociabilidades ensejavam momentos de festa, de apoteose, de brilho e de sociabilidade para determinados segmentos sociais da cidade. Porém, tais momentos acabavam por excluir uma parcela da população que não possuía condições financeiras de participar destes eventos, pois, "nestas ocasiões, cobrava-se ingresso das pessoas."¹⁵⁶

Paralelamente aos programas de auditório, as emissoras locais também elaboravam, sobretudo para tais momentos de festa, uma programação especial de estúdio, a qual, geralmente, ganhava espaço nos jornais locais:

08:00 - Bom Dia Para Você	13:30 - Rádio Curiosidades
08:30 - Crônicas, por Dib Cherem	13:45 - Crônicas da Metrópole do Rio de Janeiro
09:00 - Bazar de Ritmos	13:50 - Seleções Musicais
09:45 - Conjuntos Vocais	14:00 - A Ciência em Marcha
10:00 - Al Neto - No Mundo do Rádio	14:30 - Ritmos da América
10:30 - Francisco Alves - O Rei da Voz	17:00 - Biografias, por Acy Cabral Teive
10:45 - Orlando Silva	18:00 - Instante da Prece
11:00 - Músicas do Folclore Brasileiro	18:10 - Resenhas J-7
12:00 - Canções do Velho Mundo	18:30 - Pensamento Social Católico
12:30 - Flagrantes da Cidade - Crônicas	19:00 - Momento Esportivo Brahma
12:40 - Rádio Esportes Atlantic	19:30 - Agência Nacional
13:00 - As Mais Belas Histórias de Amor	20:00 - Grande Show Guarujá ¹⁵⁷

¹⁵⁵ Jornal O Estado. Florianópolis, 13 de maio de 1953, nº 11.685, p. 09.

¹⁵⁶ Teresa Rosa. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 10 de março de 1998.

Teresa Rosa, natural de Florianópolis, atuou como rádio-atriz na Rádio Diário da Manhã.

¹⁵⁷ Jornal O Estado. Florianópolis, 13 de maio de 1953, nº 11685. p. 10.

Todavia, de acordo com as notas jornalísticas mencionadas anteriormente, pensamos que podemos nos reportar às reflexões de Renato Ortiz, que nos mostra que no século XX, após a 2ª Grande Guerra, ocorre o que podemos chamar de uma 'mundialização das culturas', a qual foi construída com o surgimento e o desenvolvimento das empresas fonográficas, do cinema, da publicidade, do rádio e da televisão. Tais meios de comunicação de massa, ao se expandiram no circuito mundial, tornaram muitas pessoas cidadãos do mundo, mesmo sem a necessidade de deslocamento. Ditando comportamentos, vendendo produtos e, em última instância encurtando as distâncias, tais como as ferrovias, as novas tecnologias de comunicação acabaram por invadir a vida de muitas pessoas, constituindo-se em partes integrantes de suas mobílias culturais, modificando, assim, seus hábitos e valores. É claro, nos alerta o próprio Ortiz, que não devemos pensar na existência de um marketing global. No entanto, é importante ressaltar que os produtos culturais que se encontravam restritos aos mercados nacionais, com o advento dos meios de comunicação de massa expandiram-se, construindo, paulatinamente, um circuito de trocas culturais com dimensões mundiais.¹⁵⁸

Neste sentido, torna-se interessante registrar que em menos de uma década o rádio, enquanto veículo comercial de comunicação, transformou a visão de mundo e, possivelmente, a prática do consumo de muitos habitantes de Florianópolis. Se observarmos com atenção, podemos entrever que, em 1946, os patrocinadores dos programas e dos momentos de sociabilidades, proporcionados pelo rádio, eram comerciantes e empresas eminentemente de Florianópolis, sendo os mesmos os responsáveis em fazer circular produtos, serviços e artistas praticamente locais.

¹⁵⁸ Ver ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 08 e pp. 56-59.

Entretanto, podemos perceber que Florianópolis não ficou a margem deste processo e deste circuito de trocas de bens culturais. Em menos de uma década, mais precisamente em 1953, é possível vislumbrar que, além dos patrocinadores locais, as emissoras de rádio já contavam com o apoio financeiro de anunciantes de outras cidades do Brasil e até mesmo de empresas multinacionais. Tal processo possibilitou a circulação de uma série de outros produtos, artistas e bens de consumo e iniciou, vagarosamente, uma 'mundialização e cosmopolitização de Florianópolis', inserindo, portanto, seus habitantes num contexto mundial e histórico mais amplo.

Voltando aos momentos de inserção/apropriação do rádio em outros espaços de sociabilidade, mostramos, a seguir, uma fotografia referente a um show realizado e transmitido, em 1958, diretamente do Teatro Álvaro de Carvalho pela rádio Diário da Manhã. Interpretando os elementos da fotografia, podemos perceber, na parte frontal do palco, o velho piano de parede, que foi durante anos uma das referências do teatro. No centro, prestes a se exhibir, está o Conjunto Musical do Maestro Castelã e, mais a frente, ao microfone, o condutor do espetáculo, neste caso o radialista Aldo Silva.

Todavia, nos parece que o ponto principal desta fotografia situa-se a esquerda: garrafas de champanhe, vinhos, latas para armazenamento de mantimentos e eletrodomésticos. Tais produtos constituíam, para a época, o supra-sumo dos objetos de consumo, sendo que, com a ajuda do rádio, tornaram-se presentes no cotidiano de muitas pessoas e, especialmente, tornaram-se alvo dos desejos de inúmeras donas de casa, que na ânsia de serem presenteadas com tais produtos "eram incentivadas a comparecer em tais eventos."¹⁵⁹

¹⁵⁹ Maria Ana Machado. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis. 12 de abril de 1997.



Foto gentilmente cedida pela Sr^a Yone Silva Portela, filha do radialista florianopolitano, já falecido, Sr. Aldo Silva.

Contudo, podemos perceber que não só os ambientes públicos tornaram-se objetos de apropriação pela radiodifusão. Tal veículo de comunicação acabou por provocar também nos ambientes privados, ou seja, nos lares, a criação de novas formas de sociabilidades, além de ensejar uma espécie de ritualização nos ambientes domésticos, pois, de acordo com Hobsbawm, "uma das grandes mudanças simultâneas trazidas com o advento do rádio foi a possibilidade de estruturar a vida de milhões de pessoas de acordo com um horário rigoroso, que governou não somente a esfera do lazer e do entretenimento, mas também a esfera do trabalho."¹⁶⁰

Nesta perspectiva, podemos relacionar tais reflexões com o programa 'A Hora do Despertador', elaborado pelo radialista Dakir Polidoro, e que, durante trinta e cinco anos, foi ao ar por volta das 06:00 hs da manhã pelas ondas curtas da Diário da Manhã.¹⁶¹ Com o jargão, "Tá na hora, vamos levantar, levantar.." tal programa funcionava como um relógio para muitas pessoas, "despertando a cidade através de sons que buscavam imitar relógios-cucos e tilintar de campainhas,"¹⁶² realizando, assim, "um convite execrável para muitos homens de boa vontade: que deixassem as cobertas e fossem trabalhar."¹⁶³

Ainda por este viés, "muitas donas de casa que possuíam rádio costumavam lavar roupa e/ou cozinhar escutando os programas de rádio. Em muitas ocasiões, no começo da noite, os filhos pequenos já estavam de banho tomado e alimentados para que as mães pudessem estar livres para escutar os programas e, principalmente, as radionovelas, que eram transmitidas em muitas estações, costumando começar, à noite, depois do jantar,

¹⁶⁰ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos - o breve século XX: 1914/1991*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. pp. 194 -195.

¹⁶¹ SIMÕES, Aldirio. *Retratos à Luz de Pomboca*. Florianópolis: ANCapital/Banco do Estado de Santa Catarina, 1997. p. 147.

¹⁶² Antunes Severo. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 19 de abril de 1997.

¹⁶³ RAMOS, Sérgio da Costa. *Rádio Memória*. Jornal Ô Catarina, Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, junho de 1993, nº 03. p. 07.

por volta das 20:00 h. Durante o período vespertino, as emissoras iniciavam as transmissões das radionovelas por volta das 15:00 h, pois os programadores sabiam que até este horário as donas de casa já haviam concluído os trabalhos referentes ao almoço e aos cuidados da casa, estando, assim, livres para dedicarem-se a escuta do rádio com mais tranquilidade."¹⁶⁴

Desta maneira, podemos utilizar as reflexões do filósofo francês Gaston Bachelard, que nos diz que as conversas nos cafés do século XVIII e XIX eram muito cheias de interferências. Falava-se num canto do café, não escutava-se no outro. Mas, no mundo universal animado pelo rádio, muitos falam e muitos podem escutar. O rádio, felizmente, aproveita-se de uma camada ionizada, na qual todo o planeta está ocupado em falar.¹⁶⁵ Dentro deste prisma, podemos perceber que ao rádio lhe é oferecido um ponto importante, diferenciando-o dos outros meios de comunicação: o ouvinte possui um espaço autônomo ao se relacionar com o mundo da radiodifusão. Tendo olhos livres, ele pode realizar tarefas, movimentar-se e tecer relações com outras pessoas, situações estas que são um tanto quanto difíceis se o ouvinte estiver em frente aos jornais ou sentado diante da tela.

Assim como a família de Woody Allen, que jantava ao som das notícias e dos programas do rádio norte-americano,¹⁶⁶ em Florianópolis a radiodifusão também modificou determinados hábitos e costumes nas casas das pessoas. O rádio, então, passou a ocupar lugares estratégicos nos lares: durante o dia, na cozinha, sendo utilizado como um importante meio para quebrar a rotina e a monotonia dos serviços domésticos. A noite, ocupava a sala de estar e/ou de jantar para receber visitas e alegrar as refeições e os encontros familiares.

¹⁶⁴ Maria Ana Machado & Teresa Rosa. Entrevistas concedidas a Aldonei Machado. Florianópolis, 12 de abril de 1997 e 10 de março de 1998.

¹⁶⁵ BACHELARD, Gaston. Devaneio e Rádio. In: *O Direito de Sonhar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. p. 177.

¹⁶⁶ Ver longa-metragem *Radio Days*.

Neste sentido, podemos parafrasear o filósofo norte-americano Marshall McLuhan e considerar o rádio como um meio de comunicação quente, possibilitando o envolvimento das pessoas umas com as outras¹⁶⁷ em busca de um mesmo objetivo, ou seja, o entretenimento e uma maior sociabilidade, visto que "era fato corriqueiro muitas famílias reunirem-se para ouvir determinados programas transmitidos em horários específicos, principalmente os noticiários, radionovelas e quadros cômicos. Convidava-se os vizinhos, os parentes e outros conhecidos que não possuíam rádio para jantar ou tomar café ao som dos programas. Durante a audição, o silêncio imperava, mas, quando os programas acabavam, costumava-se discutir, criticar e, até mesmo, relembrar os momentos mais importantes."¹⁶⁸

Além disso, "muitos ouvintes que moravam em comunidades distantes do centro de Florianópolis, como, por exemplo, Ribeirão da Ilha, Canasvieiras, Ingleses, entre outras, costumavam entrar em contato, através de correspondências, com seus radialistas preferidos para informar que, apesar de não possuírem rádio, deslocavam-se em caminhadas para poder escutar os programas na casa de amigos e parentes."¹⁶⁹

Podemos pensar, então, que uma outra e importante forma de sociabilidade ampliada com a radiodifusão foi a troca de correspondências e de telefonemas entre

¹⁶⁷ MCLUHAM, Marshal. Rádio: o tambor tribal. In: *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. São Paulo: Cultrix, 1964. p. 335.

¹⁶⁸ Nivalda Severo. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 03 de maio de 1998.

É interessante ressaltar que, em alguns depoimentos, pessoas que viveram o período salientaram e rechaçaram determinadas afirmações, as quais perpassam na atualidade, de que a televisão veio a destruir os encontros e as conversas familiares. Em seus depoimentos, duas entrevistadas afirmaram que tais opiniões são 'puras bobagens', pois no que tange a radiodifusão, inúmeras pessoas também deixavam de conversar para ficar com os ouvidos e os sentidos atentos aos programas de rádio, bem como muitas também abandonavam as mesas e iam fazer suas refeições, com o prato na mão, juntinho ao rádio. Neste sentido, faz-se mister perceber que tanto o rádio quanto a televisão, ao invadir os lares, não destruíram, apenas transformaram e/ou recriaram novos encontros e novas formas de sociabilidades. Nivalda Severo & Maria Ana Machado. Entrevistas concedidas a Aldonei Machado. Florianópolis, 03 de maio de 1998 e 12 de abril de 1997.

¹⁶⁹ Teresa Rosa. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 10 de março de 1998.

ouvintes e locutores/artistas de rádio. Este tipo de prática foi, durante anos, utilizada pelo rádio brasileiro, suscitando, assim, uma participação direta do público com este meio de comunicação, pois "inúmeras emissoras solicitavam aos ouvintes que se manifestassem a respeito das impressões destes sobre a qualidade das transmissões e dos programas criados."¹⁷⁰ Numa crônica publicada em 1933, intitulada 'O Rádio Pode Contentar Todo Mundo', o radialista paulistano Cesar Ladeira nos mostra o interesse de um jovem ouvinte que, ao entrar em contato pelo telefone com uma estação de rádio, conversava e solicitava ao locutor que colocasse no ar músicas dançantes.¹⁷¹

Ainda nestas perspectivas, a obra literária 'Hilda Furacão' de autoria do escritor mineiro Roberto Drumund, nos mostra claramente esta circularidade cultural e de comunicação suscitada pelo rádio, pois a troca de cartas e de telefonemas entre a ouvinte Gabriela M. com o locutor Emecê, da Rádio Inconfidência de Belo Horizonte, acabou provocando a possibilidade de um encontro amoroso entre as partes, ou seja, uma relação de sociabilidade.¹⁷²

Em Florianópolis, este tipo de prática social passou a fazer parte da vida de muitos de seus habitantes, como também de moradores de outros recantos do país e do mundo, conforme podemos perceber em notas de jornal:

"A Rádio Guarujá, mantida por um punhado de idealistas e abnegados, vem recebendo comunicações epistolares, acompanhadas de congratulações de diversos ouvintes da cidade, que estão sintonizando, com nitidez, esta simpática emissora. Muitas destas cartas são de pessoas residentes em outras cidades, como Guiomar, no Espírito Santo, Passo Fundo, no Rio Grande do Sul e Cambará, no Paraná, como se vê, em pontos distantes do território nacional. Tal fato

¹⁷⁰ TINHORÃO, José Ramos. Op. Cit. pp. 39-40

¹⁷¹ TINHORÃO, José Ramos. Op. Cit. p. 43.

¹⁷² DRUMMOND, Roberto. **Hilda Furacão**. São Paulo: Editora Siciliano, 1991. pp. 88-95.

representa mais uma vitória da ZYJ-7, a nossa querida emissora."¹⁷³

*"A Estação de Ondas Curtas Rádio Guarujá de Florianópolis está sendo sintonizada não só no país, como também no exterior. A direção de tal emissora acaba de receber carta da Dinamarca, assinada pelo Dr. N. J. Eusen, segundo o qual as transmissões da Guarujá estão sendo bem ouvidas naquele país. Finalizando sua correspondência, o Dr. Eusen pediu que lhe enviassem uma flâmula da emissora. Está assim de parabéns a pioneira da radiodifusão florianopolitana por mais este atestado de competência."*¹⁷⁴

*"Embora os correios do Brasil não funcionem como a gente gostaria que fosse, sinto-me grata a eles por permitirem, apesar das distâncias que nos separam, cumprimentar você nesta data: 21 de Setembro, dia do radialista. Talvez nem acredites que aqui, neste fim de mundo, possa existir uma fã que tem por você uma imensa, devotada e sincera admiração. Considero você a voz máxima do elenco da Diário da Manhã. No teu gênero de interpretação, tua doce voz de anjo nada deixa a desejar. Ela traduz a melodiosa sinfonia do paraíso! É privilégio possuir tão grande dom! Só peço aos deuses que te conservem sempre assim. Adoro você em todos os papéis que vives nas novelas. A queridíssima Cacilda. A Lavínia correta. A buliçosa Hilda. Todas perfeitas! Desejo de todo coração o teu sucesso, a tua glória! Felicidades Alda! Carinhosamente, abraça-a a fã."*¹⁷⁵

A participação popular dos ouvintes através de telefonemas e cartas chegou a proporcionar aos radialistas a criação de determinadas transmissões, nas quais as pessoas podiam interagir e intervir diretamente na programação. Durante os anos 50, a Rádio Diário da Manhã colocava no ar, às terças-feiras, depois do encerramento da 'A Voz do Brasil', o

¹⁷³ Jornal O Estado. Florianópolis, 17 de julho de 1953, nº 11.657. p. 08..

¹⁷⁴ Jornal A Semana. Florianópolis, 31 de julho de 1957, nº 25. p. 04.

¹⁷⁵ Carta datada de 15 de setembro de 1965, escrita pela ouvinte Celina Maria de Resende, moradora de Brasília/DF, endereçada à Sr^a Alda Jacinto, atriz das rádios Guarujá e Diário da Manhã de Florianópolis. Ver MEDEIROS, Ricardo. Op. Cit. p. 55.

programa 'Aponte o Culpado'. Através deste programa os ouvintes podiam, através de cartas e telefones, opinar e escolher o autor dos crimes e assassinatos encenados em pequenas novelas policiaiscas.¹⁷⁶

No entanto, não só para elogiar e opinar que as cartas e telefones dirigiam-se às emissoras de rádio. Tal prática possibilitou também que muitos interlocutores manifestassem suas críticas e resistências, visto que, em muitas ocasiões, inúmeras pessoas entravam em contato com os radialistas para criticar a qualidade e, sobretudo, os atos sexuais e de violência exibidos em alguns programas, como, por exemplo, "as cenas de estupro realizadas por um médico em sua sobrinha na radionovela 'O Pecado daquela Noite', exibida, em 1958, pela rádio Diário da Manhã."¹⁷⁷

Podemos pensar também que a prática social das cartas estava intrinsicamente relacionada com a indústria cultural e de consumo de massa. Analisando o contexto da época, podemos perceber que no Brasil, os anos 40 e 50 podem ser considerados como momentos de incipiência de uma sociedade de consumo, a qual pode ser definida pela tentativa de consolidação de um mercado produtor e vendedor de uma série de bens culturais e de massa. A sociedade brasileira, nas primeiras décadas deste século passou por uma série de alterações consideradas modernizantes, tais como, crescimento da industrialização e da urbanização, expansão das camadas populares e médias e, principalmente, uma maior consolidação dos meios de comunicação de massa, entre eles, o rádio, o cinema, a imprensa de grande tiragem e, posteriormente, a televisão.¹⁷⁸

Aliada a estes fatores, a abertura ao capital estrangeiro permitiu também

¹⁷⁶ Gustavo Neves Filho. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 15 de abril de 1998.

¹⁷⁷ Gustavo Neves Filho. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 15 de abril de 1998.

¹⁷⁸ Ver ORTIZ, Renato. *Cultura e Sociedade*. Op. Cit. pp. 38-39.

uma maior penetração de multinacionais européias e norte americanas - GM, Bayer, Colgate-Palmolive, Gessi-Lever, entre outras. Tais empresas, aliadas com os meios de comunicação de massa, promoveram uma verdadeira enxurrada de produtos no seio da sociedade brasileira. Estes produtos acabaram por penetrar "intimamente na vida cotidiana das pessoas, derramando no lar, no trabalho e na família, uma série de mercadorias culturais e, sobretudo, vendendo no varejo - e no atacado - os ectoplasmas da humanidade, os amores e os medos romanceados e os fatos variados do coração e da alma."¹⁷⁹

Nestas perspectivas, podemos considerar que o rádio, inserido neste contexto de industrialização, urbanização e consumo de massa, passou a funcionar como um fomentador e um inventor de necessidades. Assim, milhares de pessoas sentiam a necessidade de "escrever cartas anexadas às embalagens de alimentos e produtos de beleza - Gessi-Lever, Colgate-Palmolive, Antisardina, Kollynos, Toddy do Brasil - com o intuito de poder ouvir sua carta sendo lida no ar, bem como participar dos sorteios de diversos prêmios, especialmente de eletrodomésticos. Também era fato comum, em Florianópolis, muitas pessoas do sexo feminino solicitarem e até mesmo enviarem, através de correspondências, receitas de pratos e dicas de beleza para serem transmitidas pelo programa 'Revista Feminina', produzido e transmitido pela Rádio Diário da Manhã durante os anos 50."¹⁸⁰

Ainda com relação a prática do envio de cartas e suas imbricações com a indústria cultural e de consumo, eram publicados, com frequência, diversos anúncios nos jornais, promovendo concursos e sorteios de inúmeros produtos, entre eles, como não poderia deixar de ser, aparelhos receptores de rádio:

¹⁷⁹ Ver MORIN, Edgar. Op. Cit. pp. 13 e 14.

¹⁸⁰ Teresa Rosa. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 10 de março de 1998.

Sociedade de Propaganda Eso

Todas as pessoas que escreverem e enviarem o anúncio preenchido será remetido um cartão numerado que proporcionará ao portador concorrer num sorteio de um rádio de cinco válvulas de moderna e reputada marca. Cada pessoa poderá concorrer tantas vezes quantos recortes preenchidos enviar. Juntamente com a carta enviar CR\$ 3,60 em selos para resposta.¹⁸¹

Concomitantemente, podemos considerar também que o fenômeno das massas é, ao lado da industrialização e dos incrementos tecnológicos, umas das principais características do século XX, pois "uma aparição tão enigmática quanto universal é o surgimento das multidões onde antes não havia coisa alguma."¹⁸² Sendo assim, podemos caracterizar os programas de auditório como uma das principais características da moderna sociedade de massas e, conseqüentemente, como um dos principais espaços urbanos criados pela radiodifusão.

Considerados uma miscelânea de programa radiofônico, show musical, espetáculo teatral e festa de adro, pois o que não faltavam eram sorteios de brindes, os programas de auditório chegaram a alcançar uma dinâmica de organização e de apresentação que conseguiam manter seu público em um estado de participação contínua durante três ou até quatro horas. Para conseguir seu intuito, os animadores contavam não apenas com a presença de cartazes,¹⁸³ mas também com a participação de orquestras, solistas e humoristas.¹⁸⁴ Assim como em Florianópolis, em outros centros do Brasil a

¹⁸¹ Jornal o Estado. Florianópolis, 19 de maio de 1951, nº 11.136, p. 07.

¹⁸² CANNETTI, Elias. *Massa e Poder*. Brasília: Universidade de Brasília/Melhoramentos, 1983. p.23

¹⁸³ **Denominação dada aos artistas contratados pelas emissoras de rádio.**

¹⁸⁴ TINHORÃO, José Ramos. Op. Cit. p. 70.

grande aceitação dos programas de auditório por parte de milhares de indivíduos, bem como a consolidação de uma cultura de massa no país provocou "que as emissoras de rádio também fossem levadas a invadir outros espaços urbanos, como, por exemplo, casas de teatro e cinemas."¹⁸⁵

A invenção do programa de auditório possibilitou a participação de um grande número de pessoas oriundas dos setores menos abastados da população nos dois lados deste espaço de sociabilidade, ou seja, tanto no palco como na platéia. Tais programas "foram criados pela Rádio Nacional a partir do final dos anos 30, através de remodelações dos já existentes programas de calouros,"¹⁸⁶ os quais permitiram que homens e mulheres, provenientes das camadas populares, pudessem ter, além de prazer e entretenimento, a oportunidade de subir ao palco e fazer ouvir, pela primeira vez, suas vozes quase que anônimas, sendo que muitas destas vozes iriam, posteriormente, ser contratadas pelas próprias emissoras de rádio.

Na cidade de Florianópolis, o primeiro esboço de um auditório foi construído pela Guarujá, localizando-se no andar superior da Confeitaria do Chiquinho. Em algumas ocasiões anunciava-se um programa aberto ao público, fato este que levava muitas pessoas a se acotovelarem no minúsculo auditório, com o intuito de ouvir e ver a novidade que surgia na cidade e, principalmente, levar para casa uma série de brindes oferecidos pelas lojas locais. Posteriormente, as instalações da referida emissora foram transferidas para a Praça XV, inaugurando-se mais um pequeno auditório, denominado Presidente Roosevelt. Somente anos mais tarde, com a transferência da Rádio Guarujá para o andar de

¹⁸⁵ TINHORÃO, José Ramos. Op. Cit. p. 208.

¹⁸⁶ HAUSSEN, Dóris Fagundes, Op. Cit. p. 56.

cima do Clube Náutico Martinelli, situado à rua João Pinto, 42, foi instalado um auditório com maior capacidade, ou seja, cerca de 300 poltronas.¹⁸⁷

Nos anos seguintes, mais precisamente em 1954, com a inauguração da Rádio Diário da Manhã, de propriedade do então Governador do Estado, Dr. Irineu Bornhausem,¹⁸⁸ Florianópolis conseguiu ter um segundo auditório. Tal espaço localizava-se na Praça XV de Novembro, no andar superior do extinto Banco Inco S/A - atualmente agência do Bradesco S/A - com capacidade um pouco superior do constituído pela outra emissora, ou seja, cerca de 350 lugares.¹⁸⁹

Na maioria das ocasiões, os programas de auditório em Florianópolis "eram realizados nas terças, quartas, sextas-feiras e aos domingos, iniciando por volta das 20:00 hs e terminando acerca das 22:30 h,"¹⁹⁰ sendo destinados, em função dos seus horários, à pessoas de ambos os sexos e, sobretudo adultas, conforme podemos observar no registro fotográfico a seguir:

¹⁸⁷ Adaptação da matéria publicada no *O Estado*, em referência ao aniversário da Rádio Guarujá. Ver *Jornal O Estado*. Florianópolis, 13 de maio de 1953, nº 11.685. p. 09.

¹⁸⁸ Ver *Jornal Diário da Manhã*. Florianópolis, 14 de abril de 1953, nº 296. p. 08 & Portaria nº 663, de 21 de Julho de 1954. Acervo DENTEL SC. É mister salientar que a *Diário da Manhã* teve como seu primeiro diretor o Sr. Francisco "Chiquito" Mascarenhas, Deputado Estadual pela UDN. Ver SILVA, Osmar. *Coquetel de Crônicas*. Florianópolis: Editora do Autor, 1962. p. 173.

¹⁸⁹ Gustavo Neves Filho. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 15 de abril de 1998.

¹⁹⁰ Gustavo Neves Filho. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 15 de abril de 1998.



Atores, músicos e radialistas divertem platéia de homens e mulheres em programa de auditório da Guarujá no final dos anos 50.
Foto gentilmente cedida pela Sr^a Yone Silva Portela.

Apesar da cidade de Florianópolis não ter apresentado um grande contingente de pessoas, como foi o caso de outras cidades brasileiras - São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo - a inauguração das emissoras de rádio e os seus programas de auditório trouxeram aos habitantes do seu núcleo urbano um novo espaço de entretenimento, de participação e, sobretudo, de sociabilidades. O auditório, portanto, ensejou a muitos indivíduos de Florianópolis - homens, mulheres, jovens, crianças e idosos - a possibilidade de estarem juntos, compartilhando da mesma diversão e das mesmas necessidades e desejos.

Analisando o contexto da época, podemos dizer que a crescente urbanização alterou, sem sombra de dúvida, inúmeras relações e padrões culturais. As distâncias maiores entre os locais de morar, de lazer, de trabalho e de estudo; as idas e vindas nos ônibus; o crescente número de automóveis a circular pelas ruas e a maior gama de ambientes de entretenimento, tanto diurnos como noturnos - praias, cinemas e bailes - acarretaram uma convivência mais próxima entre homens e mulheres¹⁹¹, sendo que os programas de auditório não ficaram à margem deste processo.

Em Florianópolis, salvaguardando as devidas proporções, "os programas de auditório eram considerados réplicas dos apresentados no Edifício A Noite da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, com inúmeras pessoas esperando em filas e em grupos ao lado da praça ou na João Pinto para garantir seu ingresso nos auditórios das rádios da cidade."¹⁹²

Ainda nestas perspectivas, "era comum muitas moças e adolescentes marcarem encontros na casa de alguma amiga para, juntas, se arrumarem, colocarem a

¹⁹¹ BASSANESI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Unesp, 1997. p. 621.

¹⁹² Cláudio Alvim Barbosa. Entrevista concedida a Norberto Delpizollatti. Florianópolis, 10 de outubro de 1994. Fita K7 nº 33.

melhor roupa, enfim, se produzirem para ir até o cinema e, principalmente, aos programas de auditório. Todo este ritual era realizado porque tal espaço, além de divertimento e lazer, era propício para se conhecer outras pessoas e, especialmente, para iniciar namoros e flertes com os rapazes, os quais também compareciam aos auditórios." ¹⁹³

Não obstante, podemos considerar, em virtude das experiências ocorridas em outras cidades brasileiras, que os programas de auditório em Florianópolis também faziam parte do mundo urbano da cidade. A grande maioria da população que deles participavam "moravam no centro, nas suas imediações, ou, então, em bairros próximos, como, por exemplo, Estreito, Agrônômica e Saco dos Limões, os quais eram servidos com um melhor serviço de transportes." ¹⁹⁴

Podemos perceber, então, que os moradores de localidades distantes do núcleo urbano da cidade encontravam-se quase que excluídos dos programas de auditório, em função dos mesmos terminarem em horários relativamente tardios, do difícil acesso que os moradores das praias e bairros mais afastados da cidade ¹⁹⁵ possuíam para deslocar-se até o centro e, principalmente por causa da precariedade do transporte coletivo, pois na Florianópolis dos anos 40 e 50, "os poucos ônibus que existiam não circulavam à noite. Por volta das sete ou oito horas os coletivos urbanos realizavam as últimas viagens" ¹⁹⁶, dificultando e/ou deixando centenas de pessoas sem a possibilidade de deslocamento.

¹⁹³ Teresa Rosa. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 10 de março de 1998.

¹⁹⁴ Nivalda Severo. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 03 de maio de 1998.

¹⁹⁵ **O jornalista Raul Caldas Filho, em uma de suas várias crônicas, nos mostra que, durante as décadas de 40 e 50, chegar ou voltar de Canasvieiras, por exemplo, era considerada uma longa viagem; à Lagoa da Conceição uma perigosa aventura, por causa do seu temível morro e suas inúmeras curvas, as quais, em dia de chuva, nem trator conseguia passar e a Joaquina era apenas uma bela e quase deserta praia, que ficava bem para lá do lado das dunas.** Ver FILHO. Raul Caldas. Anos 40 e 50: ainda uma deliciosa província. Op. Cit. p. 24.

¹⁹⁶ SIMOES, Aldirio. A Volta do Madalona. Op. Cit. pp. 39.40.

Porém, podemos pensar que para amenizar as dificuldades de inúmeras pessoas em participar dos programas de auditório, foi criado, no final dos anos 50, pela Rádio Diário da Manhã, um programa que iniciava "suas apresentações no período matutino, por volta das as 10:00 hs. As segundas, quartas, sextas e sábados, entrava no ar - e no centro da cidade - o programa 'Sequências A Modelar', que como nos mostra o próprio nome, era patrocinado pelas Lojas A Modelar, constituindo-se em apresentações variadas de músicas, peças teatrais e quadros humorísticos." ¹⁹⁷

Sendo assim, o programa 'Sequências A Modelar' evidencia, portanto, as relações íntimas estabelecidas entre o rádio, a cidade e a vida cotidiana de muitos dos seus habitantes. Analisando com atenção, podemos pensar que este programa recebia, como assistentes, uma parcela da população que estava flutuando pelo centro de Florianópolis, como, por exemplo, transeuntes em geral, casais e senhoras em compras, aposentados e, em muitas ocasiões, "grupos jovens de ambos os sexos que estudavam no Instituto de Educação e que promoviam gazetas às aulas para assistir o referido programa de auditório." ¹⁹⁸

Finalizando, reportamo-nos novamente às considerações de Marshal McLuan, que considera que com as inovações tecnológicas ocorridas a partir do século XIX e por todo o século XX, como, por exemplo, as ferrovias, as rotativas, o gramofone, o cinema e o rádio, o ser humano passou a ter os meios de comunicação como prolongamentos da sua vida, do seu corpo e dos seus sentidos, alterando, portanto, seu comportamento, suas experiências, sua visão do mundo, de si e dos outros. ¹⁹⁹

¹⁹⁷ Gustavo Neves Filho. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 15 de abril de 1998.

¹⁹⁸ Gustavo Neves Filho. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 15 de abril de 1998.

¹⁹⁹ MACLUAN, Marshal, Visão, Som e Fúria. In: **Teorias da Cultura de Massa**. São Paulo: Editora Saga, 1969. pp. 141-154 .

Nesta perspectiva, podemos considerar que o rádio, com seus inúmeros desdobramentos sociais, levou milhares de pessoas a se relacionarem no corpo da sociedade, seja na rua, praça e no próprio lar, escutando as audições em homenagem a Virgem Maria, reunindo-se na cozinha ou na sala de estar para ouvirem os noticiários e as radionovelas, ou então, num cinema, teatro ou auditório abarrotados de gente, as quais se divertiam com os quadros humorísticos, sonhavam em ser presenteados com produtos industrializados, deliciavam-se com os sucessos musicais da época e torciam por aqueles e/ou aquelas que tentavam a sorte e o sucesso diante de um microfone.

O rádio, ao criar e re-criar novas relações entre os indivíduos, suscitou, igualmente, a criação e a re-criação de novos espaços para a cidade. Em tais espaços, os conhecidos podiam ver e serem vistos e os desconhecidos também poderiam se encontrar, ensejando, desta maneira, um "moderno tribalismo".²⁰⁰ A sociedade moderna possibilitou uma maior proximidade entre os indivíduos, constituindo novos grupos, novas redes de sociabilidades, ou seja, novas tribos, visto que, "em muitas ocasiões, não importava somente o programa, o cantor e o artista, era também interessante e importante estar lá, com outras pessoas, marcando presença." ²⁰¹

²⁰⁰ Ver MAFFESOLI, Michel. **No Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

²⁰¹ Nivalda Severo. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 03 de maio de 1998.

Capítulo III

O rádio discutindo idéias, formando valores e criando estrelas em Florianópolis

*"Atenção amigos ouvintes: a Rádio Diário da Manhã tem o prazer de apresentar mais uma audição do programa ... Bar da Noite."*²⁰²

Solos de piano, encher e tilintar de copos, sussurros de vozes ao fundo, um garçom chamado Juca, um locutor de voz grave convidando as pessoas a se protegerem do vento sul castigante que sopra lá fora, a acenderem um cigarro, a tomarem um *drink* e a ouvirem a voz mormaço de Neide Maria Rosa cantando um sugestivo bolero:

*"Você sabe bem que é mentira, mentira noturna de bar.
Bar, tristonho sindicato, de sócios da mesma dor.
Bar, que é o refúgio barato, dos fracassados do amor."*²⁰³

As palavras descritas anteriormente, bem como a epígrafe acima citada, são referentes a um dos programas de maior audiência e aceitação por parte do público radiofônico da capital catarinense dos anos 50 e 60, pois "freqüentemente, durante anos, inúmeras cartas eram enviadas à direção da Rádio Diário da Manhã para sugerir, criticar e elogiar as histórias, as crônicas e a seções de músicas transmitidas pelo programa Bar da Noite"²⁰⁴, transmitido por volta das 21:00 hs de todas as sextas-feiras.

Depois de alguns chiados e pequenas falhas técnicas, uma avalanche de sons escapulia dos antigos receptores - Philips, RCA Vítor, Semp e Zenith - podendo inserir seu interlocutor num bar imaginário, levando-o, possivelmente, ao devaneio, colocando-o numa

²⁰² "Bar da Noite", programa produzido e transmitido pela Rádio Diário da Manhã de Florianópolis durante as décadas de 50 e 60. Fita K7 n° 11.

²⁰³ Fragmento da canção intitulada 'Bar da Noite', composta em 1953 pelos compositores cariocas Bidu Reis e Haroldo Barbosa, a qual deu origem ao programa homônimo da Rádio Diário da Manhã. Ver MELLO, Zuza Homem de & SEVERIANO, Jairo. Op. Cit. p. 299.

²⁰⁴ Cláudio Alvim Barbôsa. Entrevista concedida a Norberto Dêlpizollatti. Florianópolis, 10 de outubro de 1994. Fita K7 n° 33.

perfeita aura de boemia e melancolia. Aliás, devaneio, sonho, imaginação, intimidade, cumplicidade, entre outras, são algumas expressões que podemos atribuir às relações estabelecidas entre o ouvinte e o rádio enquanto veículo de comunicação, e talvez, por estes motivos, inúmeros estudiosos têm se manifestado sobre os fenômenos inerentes à radiodifusão.

Bachelard, por exemplo, nos mostra que o rádio pode fomentar nas pessoas extraordinários sonhos acordados, oferecendo ao ouvintes uma imagem que não é apenas para ele, mas também, uma imagem que não necessita de um rosto.²⁰⁵

Já o escritor italiano Umberto Eco nos diz que o indivíduo, escutando música intencionalmente pelo rádio, encontrando-se numa condição de isolamento e intimidade, está disposto e apto para criar uma série de complementos visuais e emotivos.²⁰⁶

Igualmente, Heloísa Bauab - diretora de teatro da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - nos mostra que ao rádio lhe é proferido uma poderosa singularidade: sua principal característica reside na estreita cumplicidade deste veículo com o ouvinte, este último enquanto pessoa, sujeito individual, sugerindo, portanto, uma relação mais próxima ao diálogo.²⁰⁷

Assim sendo, tais relações de diálogo e de cumplicidade podem ser perfeitamente percebidas nas clássicas expressões '*amigo ouvinte*', '*a você que está me ouvindo*' ou '*ouça agora, minha amiga*', as quais eram anunciadas pelos locutores ao abrirem cada transmissão ou programa nos primórdios da radiodifusão brasileira. Ao dinamizar as transmissões ao plano do diálogo e, em última instância, ao plano da

²⁰⁵ Ver BACHELARD, Gaston. Op. Cit. pp. 179-181

²⁰⁶ Ver ECO, Umberto. Os Meios Áudio-Visuais como Fato Estético. In: *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 319.

²⁰⁷ Ver BAUAB, Heloísa. Áudio, Ficções e Ritmos – engenharias do verbo e do som. In: *Revista da Usp - Dossiê Cidades*. São Paulo n° 28. Mar/abr/maio de 1990. p. 106.

intimidade, a radiodifusão acabou por construir nos milhares de amigos anônimos espalhados de norte a sul do país, uma certa sensibilidade, seja através do devaneio, da imaginação, do sonho e, principalmente, pela admiração aos locutores, músicos e artistas do rádio, chegando, em muitas ocasiões, às raias do fetichismo.

Desta maneira, podemos perceber que daqueles aparelhos saíam sons, palavras, músicas, textos, produtos industrializados, choros e dramas. As pessoas podiam quase que visualizar em suas mentes os donos daquelas vozes, o que, possivelmente, explica o surgimento de uma série de artistas, consumo em massa, ídolos e paixões via ondas de rádio, acarretando, assim, um dos principais e grandes desdobramentos dos meios de comunicação urbana durante o século XX, ou seja, a indústria cultural.

A indústria cultural e seus meios de comunicação conseguem envolver milhares de seres humanos com imagens, palavras e sons, procurando vender-lhes alguns dos seus inúmeros anseios. As novas tecnologias de comunicação viabilizaram, através da indústria cultural, uma cultura de massa, sendo esta última feita para ser consumida por uma grande parcela das populações.

Neste sentido, podemos nos valer das idéias de alguns intelectuais, os quais conseguiram construir inúmeras reflexões sobre os meios de comunicação de massa e, principalmente, sobre a indústria cultural.

Walter Benjamin, por exemplo, refletiu e captou elementos positivos nos meios de comunicação de massa e em seus inúmeros desdobramentos. Se analisarmos com atenção, podemos perceber que o caráter de feitiçaria atribuída à indústria cultural acompanhou todas as inovações ligadas aos meios de produção e reprodução dos sons nas últimas décadas - vitrola, gramofone, disco e rádio - pois "a reprodução técnica do som

atingiu tal padrão de qualidade, que a mesma não somente pôde transformar em seus objetos a totalidade das obras de arte tradicionais, mas também, submetendo-as a transformações profundas, pôde conquistar para si um lugar próprio entre os procedimentos artísticos.²⁰⁸

Para Benjamin, as novas tecnologias de comunicação urbana, e em última instância, os meios de produção e reprodução da arte - fotografia, cinema e a própria radiodifusão - acabaram por alterar e transformar a própria natureza da arte, como, por exemplo, seu valor de culto e de exposição²⁰⁹, visto que, impulsionadas por tais tecnologias, o valor das obras artísticas, estas enquanto objetos de culto, foi cedendo lugar ao seu valor de exposição na medida em que passaram a ser mais amplamente expostas que no passado, pondo-se, assim, ao alcance de um público cada vez maior.

Ao analisarmos a vasta obra deste filósofo, poderemos perceber que o mesmo escreveu e analisou criticamente a literatura, o cinema e a fotografia. Contudo, a radiodifusão, enquanto veículo de comunicação de massa, também fez parte de suas experiências, participando como produtor, diretor e escritor de peças radiofônicas na Alemanha dos anos 20 e 30.²¹⁰

Walter Benjamin mantinha, portanto, posições e relações otimistas com as novas tecnologias de comunicação, principalmente com a radiodifusão, pois através de suas

²⁰⁸ BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica. Op. Cit. pp. 167-168.

²⁰⁹ BENJAMIN, Walter. Op. Cit. p. 172-174.

²¹⁰ Uma de suas obras mais famosas intitula-se "O que os alemães liam enquanto seus clássicos escreviam", através da qual Benjamin discute noções de popularidade, bem como aborda as relações do público com o mercado cultural. Outro texto interessante é o conto intitulado "Nem Um Minuto", através do qual o autor relata o convite que recebeu para, diante do microfone de uma emissora de Berlim, proferir uma palestra sobre a importância dos livros e da leitura para as pessoas. Ver BENJAMIN, Walter. O que os alemães liam enquanto seus clássicos escreviam. In: Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie. Op. Cit. pp. 63-94 & BENJAMIN, Walter. Nem Um Minuto. In: Histórias e Contos. Op. Cit. pp. 91-94.

experiências profissionais podemos perceber que o mesmo vislumbrava no rádio, em virtude de seus potenciais técnicos em atingir um número infindável de ouvidos e mentes, a possibilidade de democratização e popularização do conhecimento cultural, artístico e científico.

Em outra perspectiva, Edgar Morin nos faz pensar que o ato de comunicar, seus meios e seus desdobramentos estão integrados aos modos de organização de qualquer sistema político. Tais sistemas captam os desejos e os anseios de milhares de indivíduos, remodela-os e os devolve ao corpo da sociedade na forma do líder político, da estrela de cinema, do cantor, do ator e de tantos outros ídolos, satisfazendo, assim, necessidades míticas e afetivas. As estrelas - um dos produtos da indústria cultural - respondem e satisfazem necessidades que não são criadas somente pelo *star-system*. Porém, sem este mesmo *star-system*, estas necessidades não encontrariam as suas formas, os seus suportes e os seus afrodisíacos.²¹¹

Já o crítico de arte norte-americano Rudolf Arnheim visualiza no rádio - e conseqüentemente na indústria cultural - uma forma de manifestação e popularização da arte e da cultura. Através destes veículos "a música e as palavras, por exemplo, podem transpor fronteiras, vencer o isolamento imposto pelo espaço, criar o ruído dentro do silêncio e importar - e exportar - cultura aos países usando as invisíveis asas das ondas radiofônicas."²¹²

As reflexões acima mencionadas nos permitem pensar numa circularidade social da indústria cultural e, em última instância, nos inúmeros aspectos positivos

²¹¹ Ver MORIN, Edgar. *As Estrelas: Mito e Sedução no Cinema*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989. pp. 73 - 95.

²¹² ARNHEIN, Rudolf. *Estética Radiofônica*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1980. p. 16.

proporcionados pelos meios de comunicação - sobretudo pela radiodifusão - à milhares de indivíduos em determinados contextos históricos.

Desta maneira, ao tentarmos vislumbrar o rádio e seus desdobramentos sociais e culturais, podemos considerar que os anos 40 e 50, conhecidos historicamente como a era de ouro do rádio no Brasil, trazem, em seu bojo, uma grande transformação social e um fomento às manifestações artísticas nacionais.²¹³ Ao propiciar a (re)criação de novos espaços e formas de sociabilidades, como, por exemplo, a participação das camadas menos abastadas da população nos programas de calouros e de auditório e a criação de fã-clubes, o rádio trouxe, também, a possibilidade de se revelar e se divulgar as produções artísticas de atores/atrizes, cantores/cantoras, escritores/escritoras, entre outros, os quais, em sua grande maioria, estavam relegados(as) quase que ao anonimato. A relação artista/rádio engendrou, conseqüentemente, um maior desenvolvimento de um outro elemento importante da indústria cultural no Brasil, ou seja, a indústria fonográfica, pois o impacto da radiodifusão na sociedade brasileira levou milhares de pessoas a adquirir mais discos que continham os sucessos musicais e as vozes de inúmeros artistas revelados pelos programas de rádio.²¹⁴

²¹³ De acordo com José Ramos Tinhorão, a expansão de produções musicais de teor e sabor brasileiros destinadas às cidades foram favorecidas a partir dos anos 30 com o surgimento e a consolidação das emissoras e dos aparelhos receptores de rádio. Tais mecanismos de comunicação transformaram a música brasileira em artigo de consumo nacional, sendo cultuada e vendida na forma de discos através da indústria fonográfica, como atração indispensável aos programas de rádio, inclusive aos programas de auditório, bem como nas produções cinematográficas brasileiras, mais tarde conhecidas como chanchadas carnavalescas. Ver TINHORÃO, José Ramos. *Música Popular: produto e propaganda*. In: *História Social da Música Popular Brasileira*. Lisboa: Caminhos da Música, 1990. pp. 235-236.

²¹⁴ Cabe salientar também que foi a partir da explosão do rádio e da indústria cultural na sociedade brasileira que foi regulamentado o pagamento de direitos autorais pelas emissoras e gravadoras aos compositores, atores, atrizes e cantores/cantoras da época. Apesar da falta de escrúpulos de algumas gravadoras, salas de cinema e casas de teatros, as quais recusavam-se a efetuar o referido pagamento, o surgimento do direito autoral possibilitou aos artistas da época novas formas de subsistência, bem como numa maior profissionalização e valorização de suas obras. Ver LAGO, Mário. *Na Rolança do Tempo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979. p. 231.

Assim, além de entreter e informar, o rádio conseguia manter uma parcela da população integrada ao que acontecia nas principais cidades do país no que tange a difusão e a (re)criação de padrões estéticos, artísticos, de vida e de sensibilidades, relações culturais estas consideradas urbanas para a época. O rádio e seus reflexos sociais funcionaram, portanto, como elementos inseridos em seus contextos históricos, inventando e (re)trabalhando práticas culturais e sociais que percorriam a própria sociedade.

Neste sentido, o rádio, durante as primeiras décadas do século XX, constituiu-se como um meio técnico e artístico apto a promover a formação de uma nova linguagem musical, abrindo, portanto, novas possibilidades estéticas e pondo à disposição de milhões de ouvintes, principalmente às classes populares, um repertório musical ao qual, até pouco tempo atrás, não se podia ter acesso.²¹⁵ Sobre as novas linguagens e estéticas musicais apregoadas pelos meios de comunicação tipicamente urbanos, podemos inserir, sem dúvida, as novas técnicas publicitárias que a indústria cultural, juntamente com radiodifusão, fomentou no seio da sociedade brasileira. Nesta perspectiva, cabe aqui demonstrar a criação dos famosos *jingles*,²¹⁶ que acabaram marcando o meio radiofônico, tanto de Florianópolis como de outras cidades brasileiras.

Reportando-nos novamente à Florianópolis, muitos de seus comerciantes - Koerich, A Modelar, A Capital, Pereira Oliveira, entre outros - munidos pelo longo raio de ação das emissoras da cidade, passaram a contratar e/ou financiar programas de rádio, com o objetivo explícito de anunciar e vender seus produtos, seja através dos *spot's*²¹⁷ ou dos

²¹⁵ Ver ECO, Umberto. Op. Cit. pp. 315-317.

²¹⁶ Expressão norte-americana que caracteriza o estilo musical utilizado como forma de propaganda. Na grande maioria das ocasiões, os *jingles* possuem sua métrica e sua letra culminados em forma de rima, com o intuito de facilitar a memorização por parte dos ouvintes e consumidores.

²¹⁷ Referem-se simplesmente aos programas de rádio que eram associados e patrocinados pelas marcas e produtos de empresas locais, nacionais e multinacionais.

jingles, sendo que estes últimos eram embalados por sambas ou marchinhas de carnaval, bem como anunciados em forma de diálogos, acompanhados com fundos musicais:

*"O crediário mais amigo, que ajuda a comprar.
Dividido em prazos maiores, só na sua Modelar.
Servindo a toda cidade, em qualquer situação.
Ajudando a comunidade, sempre com satisfação.
Sim, amigo, A Modelar está sempre pronta a servi-lo
e ajudá-lo a resolver seu problema."*

*"Sorte Koerich, sorte Koerich,
Um concurso sensacional.
Sorte Koerich, sorte Koerich.
Que dá prêmios de montão.
Ao fazer suas compras,
Guarde o talão.
Cada Cem Mil Cruzeiros,
Lhe dá um cupão.
Ganhe um Aero-Willys novinho em folha.
No grande concurso, Sorte Koerich."*

*"Cansado da cidade e de tantas lidas.
Mereces um recanto belo e amigo.
Sorvetes, refeições, doces e bebidas
Só no Bar e Restaurante Bom Abrigo."²¹⁸*

Podemos dizer, então, que a implantação da radiodifusão possibilitou a incipiência de uma indústria cultural em Florianópolis, principalmente no que tange à música e, sobretudo, aos representantes desta manifestação artística na cidade. Da mesma maneira que a radiodifusão a nível nacional, as emissoras de Florianópolis também possibilitaram a revelação de inúmeros artistas da música, seja através da produção de *jingles* e/ou da possibilidade de criação e divulgação de seus sambas, boleros, marchinhas, chorinhos, entre outros estilos musicais.

Aliado a este fator, um outro elemento que possibilita revelar o surgimento de uma indústria da cultura em Florianópolis foi, sem dúvida, a produção dos programas de

²¹⁸ *Jingles e Comercias do Rádio Catarinense - Fita K nº 15.*

calouros. Já em 1947, a Rádio Guarujá promovia do seu auditório e transmitia para toda a cidade, sempre aos sábados à noite, o programa 'Calouros ao Microfone', do qual, geralmente, participavam cerca de 15 candidatos. Posteriormente, o primeiro colocado apresentava-se, na semana seguinte, num programa de duas horas de duração, chamado 'Divertimentos J-7', transmitido aos domingos também no período noturno. A partir disto, o artista deixava de ser calouro e passava a ser considerado uma revelação, atuando, assim, como contratado da emissora, sendo pago através de cachês.²¹⁹

Este processo de revelação e divulgação de artistas tipicamente florianopolitanos também pode perfeitamente ser percebido através dos jornais da cidade. Nas suas páginas, torna-se possível desvelar a relação íntima entre a imprensa escrita e a falada, as quais atuavam como modeladoras de práticas sociais e, em última instância, como fomentadoras de uma indústria cultural local, ou, melhor dizendo, como "construtoras de um mundo social."²²⁰

"Brilhante a estréia da Orquestra do Maestro Carmelo Prisco, pois foi impossível conter a expansão do nosso entusiasmo diante da maravilhosa audição musical proporcionada, Sexta-Feira última, através da Guarujá. Programações como esta, que vem encantando sem dúvida a um elevadíssimo número de ouvintes, poderão, agora, ser apreciadas todas as sextas-feiras, entre 20:00 e 20:30 hs. nos 1420 Kilociclos da Guarujá. Aos que duvidarem, convidamos a sintonizarem seus receptores, a fim de escutar meia hora de música apaixonante, que realmente mexe com as cordas do coração."²²¹

"Entre os astros de primeira magnitude da radiofonia local destaca-se o cantor Medeiros Filho, dono de uma riquíssima e belíssima voz, que já o consagrou diante de inúmeras platéias. Desde 1948, Medeiros Filho vem se apresentando na Guarujá, deliciando seus fãs com seu talento. Comemorando o

²¹⁹ Acy Cabral Teive. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 03 de maio de 1995.

²²⁰ Ver CHARTIER. Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990. p. 18.

²²¹ Jornal O Estado. Florianópolis, 23 de junho de 1953, nº 11.638. p. 07.

*aniversário de seu programa 'Recordações', a Guarujá irá apresentar um movimentado programa de auditório. Os ingressos já estão a venda ou poderão ser adquiridos no dia do show nas dependências da emissora."*²²²

*"Luiz Sabino, o festejado pianista florianopolitano fará uma apresentação no sábado, num interessante programa de estúdio e auditório."*²²³

Além disso, durante as décadas de 40 e 50, as rádios Guarujá e Diário da Manhã, juntamente com a Prefeitura Municipal e os clubes Lira Tênis Clube e Doze de Agosto, criaram e institucionalizaram diversos concursos de músicas carnavalescas. Através destes eventos, muitos compositores, cantores e cantoras locais tinham a possibilidade de divulgação de seus trabalhos e talentos artísticos, como podemos observar através de uma nota veiculada num jornal da cidade:

*"A Rádio Guarujá irradiará de seu palco-auditório a entrega dos prêmios oferecidos aos vencedores do concurso de músicas carnavalescas. Abrilhanará a festa a orquestra do Lira Tênis Clube. Ingresso para esta noite: Cr\$ 5,00."*²²⁴

Neste sentido, podemos dizer que as emissoras de rádio de Florianópolis, ao anunciarem/discursarem nos jornais suas programações e shows musicais, tentavam criar nos seus ouvintes o hábito de sintonizar os aparelhos receptores em determinados

²²² Jornal Diário da Tarde. Florianópolis, 28 de janeiro de 1953, nº 9.475. p. 06.

²²³ Jornal O Estado. Florianópolis, 10 de outubro 1953, nº 11.729. p. 06.

Vale salientar que em Florianópolis, durante os anos 50 e 60, pontificou o Sabino's Bar, localizado atrás da Igreja Matriz, mais precisamente no prédio do antigo IPASE, hoje INSS. Neste bar, em muitas ocasiões, realizavam-se transmissões de programas radiofônicos. Antunes Severo. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 19 de Abril de 1997.

²²⁴ Jornal Diário da Tarde. Florianópolis, 13 de fevereiro de 1953, nº 9.486. p. 05.

Com relação aos concursos de músicas carnavalescas, em 1951 foi vencedora a música 'Princesinha da Ilha', de autoria do compositor Cláudio Alvim Barbosa. Este tipo de evento e especialmente a premiação desta composição engendrou mais uma promoção típica da indústria cultural, pois através de um concurso, com urnas no supermercado A Soberana, escolheu-se a 'princesinha da ilha', sendo agraciada com este título, na época, a Srta. Maria Helena do Anjos. Segue, a título de ilustração, a letra da referida música: "Tu és maravilha/ Nem mesmo a espanhola/ Natural lá de Sevilha/ Possui tua beleza/ Teu olhar é tão feiticeiro/ Por que corre em tuas veias/ O nobre sangue brasileiro/ Desta ilha esmeralda/ Coberta de encantos/ Tu és princesinha/ Mas serás no carnaval/ Em vez de princesinha, rainha." Ver FILHO, Raul Caldas. Zininho - Jamais algum poeta teve tanto pra cantar. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1994. p. 16.

programas, ou então, criar a prática social de comparecer ao auditório, ao teatro e/ou ao estúdio para que os mesmos pudessem ter a possibilidade de conhecer e prestigiar os artistas locais. A união rádio/jornal acabava por construir todo um discurso que possuía como objetivo moldar, induzir e fomentar uma circularidade social do que se produzia em termos de música na cidade, constituindo-se, portanto, como guias da vida cultural e social de muitos indivíduos residentes em Florianópolis.

Em outra destas práticas discursivas, podemos perceber uma tentativa de reafirmação social das emissoras locais, pois as mesmas, ao ocuparem cada vez mais espaços nos jornais, tentavam demonstrar suas intimidades com instituições empresariais, bem como, ao 'transpor fronteiras' e levar para outras cidades o que Florianópolis possuía de melhor na música, reafirmarem sua importância cultural para a cidade:

*"A TAC - Transportes Aéreos Catarinense - patrocinará no próximo domingo, em Laguna, um big-show, animado por uma plêiade de artistas de Florianópolis. Se apresentarão, nos microfones da Rádio Difusora de Laguna, inúmeros cantores ilhéus, entre eles Zininho, Onor Campos, Neide Maria e os outros não menos, Oni Furtado e Nabor Prazeres."*²²⁵

Através da nota citada anteriormente, podemos perceber que assim como em outras cidades brasileiras brilhavam, através dos microfones das rádios, as vozes de Francisco Alves, Orlando Silva, Elizeth Cardoso, Ângela Maria, as irmãs Carmem e Aurora Miranda, Cauby Peixoto, Marlene e Emilinha, entres outros, em Florianópolis as emissoras da cidade, ao divulgarem o trabalho e as vozes de seus artistas, acabaram por construí-los e torná-los estrelas locais, entre os quais, podemos citar, Cláudio Alvim Barbosa e Neide Maria Rosa. Tais artistas, ao tornaram-se estrelas do rádio florianopolitano, tornaram-se também ícones de uma indústria cultural local. Esta característica de produto cultural pode

²²⁵ Jornal O Estado. Florianópolis, 31 de março de 1951, nº 11.097. p. 08.

ser perfeitamente percebida através das próprias alcunhas proferidas aos artistas da cidade, pois, como num produto que se coloca à venda, tentava-se atribuir e passar aos ouvintes determinadas características e qualidades dos artistas do rádio local. Neste sentido, Cláudio Barbosa, além de ser popularmente conhecido como 'Zininho', recebia também a alcunha de 'gentleman do samba', em virtude do "seu aspecto cavalheiresco no vestir, com terno, gravata borboleta e calças de linho. Já a cantora Neide Maria Rosa era considerada 'a estrelíssima', bem como também era chamada de 'Eliseth Cardoso Ilhóa', em função de suas semelhanças físicas e artísticas com aquela cantora carioca."²²⁶

Desta maneira, apesar da inexistência de fã-clubes na cidade de Florianópolis, a construção destes discursos acabaram por criar e despertar paixões e admirações pelos artistas locais, tornando-os ídolos e estrelas de milhares de ouvintes florianopolitanos. Com a implantação do rádio na cidade, "seus artistas passaram a ser muito bem vistos, inclusive, muitos eram constantemente paquerados nas ruas, nos cinemas, enfim, onde fossem encontrados, já que para muitas meninas era uma novidade ver um artista de rádio tão de perto. Com o Zininho, por exemplo, muitas moças gostavam de olhá-lo, paquerá-lo e, sempre que possível, tentavam conversar com ele, pois, além de bonito, tinha uma boa voz e cantava sambas e músicas românticas da época."²²⁷

²²⁶ Maria Ana Machado. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 12 de Abril de 1997.

Outros artistas da cidade também recebiam alcunhas, a saber, algumas delas: Onor Campos, 'O Cantor que Canta com o Coração'; Medeiros Filho, 'O Seresteiro da Ilha'; Lourival Almeida, 'O Idealista' e Maura de Senna Pereira, considerada a 'Musa da Poesia Catarinense'. Ver Jornal O Estado. Florianópolis, 31 de março de 1951, nº 11.097. p. 08; Jornal O Estado. Florianópolis, 10 de outubro de 1953, nº 11.729. p. 06 & Jornal O Estado, Florianópolis, 28 de maio de 1953, nº 11.617. p. 03.

²²⁷ Maria Ana Machado. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 12 de abril de 1997.

O jornalista Ricardo Medeiros, apesar de afirmar que não podemos comparar a veneração aos artistas do rádio florianopolitano com, por exemplo, o *cast* da Nacional, também aborda a admiração e a construção de ídolos e estrelas através das emissoras de rádio da capital catarinense. Em muitas ocasiões era comum os artistas locais serem apontados, abordados e elogiados nas ruas em função de suas atuações nas radionovelas e nos programas musicais. Ver MEDEIROS. Ricardo. Op. Cit. pp. 53-56.

Tal relação de aproximação e de construção de estrelas e ídolos foi demonstrada e sentida pelo próprio artista, o qual elaborou um samba tratando justamente desta nova prática social estabelecida com o advento da radiodifusão em Florianópolis:

*"Eu não posso mais sair na rua,
sou conhecido de qualquer jeitinho.
Estas meninas, quando me avistam, vão logo dizendo:
- Lá vem o Zininho!!!
Cantor de sambas e outras coisas mais.
Quando ele canta é mesmo genial.
E o culpado disso tudo é o Dib ou o Ciro Nunes.
Que dizem, ao microfone, que eu sou o tal."²²⁸*

Adentrando em outra questão, vale lembrar que a radiodifusão brasileira, em seus inícios, foi composta por um grupo privado de pessoas, muitas provenientes de setores intelectualizados e elitizados da sociedade. As primeiras emissoras de rádio no Brasil possuíam características de rádio-clubes ou de associações de radiotelefonia, as quais continham em seus quadros de sócios pessoas ligadas à pesquisa, à música, ao jornalismo e à literatura.²²⁹

Como já foi visto anteriormente, as emissoras de Florianópolis não se organizaram enquanto rádio-clubes. Ao contrário, as primeiras emissoras de rádio da cidade receberam, já de início, características de empresa, visando lucro, conforme podemos observar através das suas relações íntimas com os empresários e comerciantes, tanto locais como nacionais. Todavia, em seus quadros de acionistas, locutores, artistas e programadores, também podemos observar, como nas rádio-clubes, a presença de pessoas oriundas de setores intelectualizados e elitizados da cidade, ou seja, jornalistas, músicos,

²²⁸ FILHO, Raul Caldas. *Zininho - Jamais algum poeta teve tanto pra cantar*. Op. Cit. p. 14.

²²⁹ TINHORÃO, José Ramos. Op. Cit. 33-47.

professores, literatos e líderes políticos.²³⁰ Podemos, então, tentar perceber que este grupo privado de pessoas ligado ao rádio irá tentar dar publicidade a uma série de informações e assuntos do seu interesse²³¹, seja através dos noticiários, das crônicas e dos temas discutidos implicitamente nas radionovelas e nos programas de auditório.

Neste sentido, o historiador Eric Hobsbawm nos mostra que "uma das grandes contribuições do rádio foi o de falar simultaneamente para inúmeras pessoas, criando, assim, sua própria esfera pública e contribuindo, pela primeira vez na história, que pessoas desconhecidas - ou não - que se encontravam, possivelmente sabiam o que cada um tinha ouvido anteriormente."²³²

Sendo assim, era comum os radialistas, pelos microfones de suas emissoras, veicularem crônicas e textos através dos quais circulavam-se idéias, projetavam-se valores, construíam-se verdades e discutiam-se publicamente os embates públicos e os problemas políticos existentes em Florianópolis. Em muitas ocasiões, numa tentativa de reforçar tais temas, algumas destas crônicas eram publicadas nos jornais da cidade, fato este que

²³⁰ Alguns deles: Sr. Osvaldo Ferreira de Mello, Músico, Compositor e Professor; Sr. Flávio Ferrari, Professor de Contabilidade da Academia de Comércio de Florianópolis; Lourival Almeida, Poeta; Srs. Gustavo Neves e Gustavo Neves Filho, Jornalistas e Funcionários Públicos Estaduais; Sr. Acy Cabral Teive, Jornalista; Sr. Carmelo Prisco, Músico e Maestro; Srs. Aderbal Ramos da Silva e Irineu Bornhausem, líderes políticos do PSD e da UDN, respectivamente. Sr^a Maura de Senna Pereira, Poetisa; All Neto, Jornalista da BBC de Londres e Oscar Berendt Neto, Jornalista e Artista Plástico.

²³¹ Habermas nos mostra que em determinado momento da história - séculos XVIII e XIX - surgem as primeiras instituições de uma esfera pública burguesa. Estas instituições se constituíram através dos cafés, dos clubes, dos salões literários e da imprensa escrita, os quais tentavam organizar uma discussão permanente entre grupos privados. No caso dos jornais, por exemplo, os mesmos deixaram de ser veiculadores apenas de notícias para tornarem-se também formadores de opinião pública, constituindo-se, assim, em 'instrumento pedagógico', divulgando e discutindo problemas, valores e idéias. Ver HABERMAS, Jürgen. Op. Cit. pp. 42-68 e pp. 213-215.

Desta maneira, assim como os jornais, os cafés, os salões e os clubes, pensamos que o rádio, por ser também organizado por setores privados e intelectualizados da sociedade, passa, em determinado momento, a ser utilizado como um instrumento pedagógico, fomentador de opinião, bem como um meio de discussão e formação de idéias e valores sociais. Todavia, pensamos também que o rádio só poderia assumir as funções mencionadas anteriormente a partir do momento em que já houvesse se consolidado, em Florianópolis, uma esfera pública burguesa, seja através dos jornais, do comércio e/ou da troca de informações.

²³² HOBBSAWM, Eric. Op. Cit. pp. 193-195.

evidencia uma certa circularidade destes assuntos em outros meios de comunicação.

Portanto, podemos considerar que através das emissoras de rádio em Florianópolis, nas décadas de 40 e 50, o que se lia poderia também ser ouvido com mais ênfase nos espaços de atuação e de sociabilidades utilizados pelos indivíduos, ou seja, nos lares, nos bares, nos auditório, nas casas de teatro e nas ruas e praças. Nesta perspectiva, é possível vislumbrar a tentativa explícita das emissoras de rádio e dos jornais em discutir e tornar público questões que vão ao encontro dos interesses de muitos segmentos sociais, principalmente das elites, como podemos perceber a seguir:

*"A Guarujá iniciou interessante consulta pública sobre a autonomia de Florianópolis e São Francisco do Sul, cuja emancipação é assunto de muitas rodas políticas. O trabalho que tal estação vem desenvolvendo, em momento oportuno, teve ontem na Assembléia Legislativa de Santa Catarina os primeiros passos, com o objetivo de auscultar a opinião de inúmeras pessoas sobre se tais cidades devem ou não ser autônomas. Os líderes de diversos partidos foram ouvidos pela Guarujá, empossando suas opiniões sobre tal matéria. As palavras destes representantes do povo foram devidamente gravadas e por volta das 13:00 hs serão irradiadas aos quatro cantos do Estado e do país pelas ondas da Guarujá."*²³³

Sendo assim, sobre a emancipação e a autonomia eleitoral e administrativa das cidades de Florianópolis e São Francisco, é interessante esclarecer que ambas as cidades, por serem localizadas em ilhas costeiras, eram consideradas áreas de segurança nacional, caracterizando-se, portanto, como patrimônios da União e subordinadas à Jurisdição Federal. Tal condição ensejava - e ainda enseja - tributos e impostos especiais, os quais foram e ainda são pagos e repassados, por exemplo, ao Ministério da Marinha, em função da localização geográfica de tais cidades. Embora a Constituição Federal de 1946 declarasse que as cidades que comportassem bases militares e portos seriam consideradas

²³³ Jornal O Estado. Florianópolis, 21 de agosto de 1953, nº 11.686. p. 08.

locais de excepcional importância para a segurança e defesa externa do país, acabou por transferir para as Assembleias Estaduais a competência para decidir a autonomia de escolher, pelo voto direto ou não, os prefeitos de tais municípios.²³⁴ Tal brecha constitucional acarretou a possibilidade de um debate público na cidade, ensejando discussões nas rádios, nos jornais e nas rodas de conversa, sendo que Florianópolis só alcançou sua emancipação administrativa em 1954, quando sua população compareceu às urnas para escolher, como Prefeito, o então funcionário do Banco do Brasil, Sr. Osmar Cunha, membro da coligação PSD/PTB.²³⁵

Ainda no âmbito político, parece significativo ressaltar a preocupação em se divulgar situações que apontam para o que pairava no cotidiano da cidade, como, por exemplo, a emancipação político-administrativa do maior bairro da capital - o Estreito - localizado na parte continental de Florianópolis. Tal assunto foi veiculado, em 1953, através dos microfones da Rádio Guarujá e das páginas do matutino O Estado:

"O Estreito quer emancipar-se! De quem? Da Capital! Quer também ser município, ter a sua autonomia administrativa, com seu Prefeito, sua Câmara de Vereadores, seus impostos e taxas, seu funcionalismo público, e, principalmente, seus embaraços políticos. Vejam só, o Estreito quer até se chamar Hercílio Luz! O Estreito já não se orgulha mais em fazer parte integrante do perímetro urbano de Florianópolis. Não entendo muito de política, se é que esta é a ordem que pretende o Estreito em abandonar a Capital. Pouco sei também de economia, se é que as razões são de ordem econômica. Mas, arrecadando pouco mais de dois milhões de cruzeiros mensais, segundo dados da Prefeitura, este valor não pode assegurar ao

²³⁴ Artigo 28, Parágrafo 2º da Constituição Brasileira de 1946, datada de 18 de Outubro de 1946. Ver VIEIRA, Alcino. O Município de Florianópolis nas Constituições Brasileiras. Florianópolis: Câmara Municipal de Florianópolis, 1995. p. 04.

É interessante esclarecer que a Constituição de 1967, em seu Artigo 16, Parágrafo 1º, revogou a lei anterior e considerou que os Prefeitos das capitais brasileiras voltariam a ser nomeados pelos respectivos Governadores de Estado, legislação esta que perdurou até 1985, com o fim do Regime Militar no Brasil.

²³⁵ JUNIOR, Flávio Cardoso. A Ilha Entre UDN e PDS. In: Florianópolis: origens e destinos de uma cidade à beira-mar. Jornal Diário Catarinense, 26 de março de 1996. p. 03. (Suplemento Especial).

*Estreito ou as pessoas que lideram tal empresa essa tal autonomia municipal. Sou daqueles que acreditam que se o Estreito prospera e se distende num admirável surto de progresso, é porque este constitui ainda perímetro urbano da Capital. Entregue a si mesmo, o Estreito independente, satisfazendo a vontade de alguns poucos, passaria a sofrer as consequências de município pobre e vizinho de Florianópolis. Ademais, estou seguro de que, com o Estreito emancipado, a Capital é que teria lucro, pois desobrigaria-se de aplicar serviços e melhorias, os quais passariam a beneficiar o interior da ilha. Tudo isso, penso, depõe contra aqueles que pretendem e reclamam para si mesmos e para o Estreito a autonomia administrativa e municipal."*²³⁶

Ao relacionarmos tal texto com sua época, podemos dizer que esta questão vem na esteira de um pensamento já delineado em 1945, quando, através da pena do jornalista Idelfonso Juvenal - morador do Estreito - publicou-se no jornal A Gazeta uma crônica intitulada "A Nossa Futurosa Niterói". Através desta crônica, Idelfonso Juvenal tenta semear, nas entrelinhas, a idéia de uma provável e inevitável emancipação política e de transformação do pequeno distrito em uma cidade moderna:

"(...) Já é tempo, pois, de se cogitar uma planta delineando esta cidade de amanhã, já que, num futuro próximo, dentro em poucos anos, o Distrito do Estreito será a cidade do Estreito, ostentando praças públicas ajardinadas, com ruas largas e arborizadas. A futura cidade do Estreito possui muitos edifícios vistosos, como o Quartel do Exército, a Escola de Aprendizes Marinheiros, o Grupo Escolar José Boiteux, o Cine Glória e muitos outros bangalôs elegantes, alguns dos quais localizados nos terrenos do Balneário, ponto de recreio para onde afluem inúmeras famílias, atraídas pela delícia dos banhos de mar e pelas belezas daquele poético trecho de praia. Com o aumento do potencial de energia elétrica, muitos capitais irão afluir para o Estreito, onde várias indústrias surgirão, dando à cidade o mais febril desenvolvimento. Sim, o Estreito será a Niterói catarinense, e com maior vantagem do que a do Rio, por que lá o povo precisa entrar nas 'bichas' para tomar as barcas e fazer a longa travessia da Baía da Guanabara, e nós, catarinenses, com alguns passos, que vai do

²³⁶ Gustavo Neves. *Flagrantes da Cidade* - crônica lida especialmente ao microfone da Guarujá por Gustavo Neves Filho. *Jornal O Estado*. Florianópolis, 19 de novembro de 1953, nº 11.759. p. 03.

*Trapiche Municipal até o do Rita Maria e daí até a Ponte
Hercílio Luz, estaremos logo em nossa Niterói (...)*²³⁷

No entanto, faz-se mister salientar também que, em anos anteriores, tal localidade já era foco de questões políticas, as quais permeavam sua condição de maior bairro populacional de Florianópolis, com cerca de 15 mil habitantes. Em 1943, por meio de decreto assinado pelo Interventor do Estado na época, Sr. Nereu Ramos (PSD), o referido bairro deixou de ser localidade do município de São José, vizinho de Florianópolis, para ser elevado a categoria de 2º Distrito da Capital.

Esta alteração foi realizada sob a alegação de, pelo menos, três fatores: o elevado contingente, para a época, de empregados no serviço público municipal de Florianópolis que residiam no Estreito; a pouca assistência administrativa que a Prefeitura Municipal de São José atribuía a tal bairro e, por último, a inferioridade populacional de Florianópolis em relação a outras capitais brasileiras, fato este que seria solucionado com a anexação da população residente no Estreito à cidade de Florianópolis.²³⁸

É interessante salientar que em Santa Catarina, neste período, vivencia-se uma acirrada disputa entre duas famílias e duas agremiações partidárias pelo poder político: o PSD (Partido Social Democrático), capitaneado pelos Ramos e a UDN - União Democrática Nacional - liderada pelos Konder-Bornhausem. Neste sentido, nos parece que em Florianópolis, por ser capital do Estado, tais disputas e rivalidades tornam-se mais visíveis, principalmente através dos meios de comunicação locais. A divisão partidária nos jornais e rádios da cidade eram nítidas, pois o jornal O Estado e a Rádio Guarujá, por

²³⁷ Idelfonso Juvenal. A Nossa Futurosa Niterói. Jornal A Gazeta. Florianópolis, 21 de janeiro de 1945, nº 2.630, p. 05.

²³⁸ Ver SOARES, Iaponan. **Estreito: Vida e Memória**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1990. pp. 20-21.

exemplo, nada mais eram que propriedades do ex-governador Aderbal Ramos da Silva. Do outro lado, o também ex-governador catarinense Irineu Bornhausem possuía as ações majoritárias da Rádio Diário da Manhã e do periódico Diário da Tarde. As querelas entre tais meios de comunicação extrapolavam os limites dos partidos, pois "partidários, correligionários e simpatizantes do PSD ou da UDN sintonizavam a emissora considerada rival para entrar em contato sobre o que se estava criticando em relação à sua sigla de preferência para, posteriormente, dar a devida resposta."²³⁹

Desta maneira, a primeira crônica que trata sobre a emancipação do Estreito tem por objetivo não só discutir, mas também combatê-la em público, pois podemos considerá-la nada mais do que uma resposta à um movimento iniciado na metade dos anos 40, o qual, ao ganhar corpo, passou a ser liderado por um dos moradores do Estreito, Sr. Francisco Neves. A questão da emancipação política do Estreito tornou-se, portanto, um embate público entre dois segmentos políticos da cidade: de um lado representantes da União Democrática Nacional e, do outro, líderes e correligionários do PSD, do qual faziam parte os proprietários do O Estado e da Guarujá.

Igualmente, corriqueiras comemorações alusivas à alguns espaços da cidade também mereciam destaque nos programas de rádio, como podemos perceber na crônica relativa ao aniversário de uma das mais antigas salas de cinema de Florianópolis:

"Estão dizendo por aí que foi provinciana a maneira festiva que a imprensa local assinalou a passagem do décimo aniversário do Cine Ritz. Ora! Tais referências feitas ao estabelecimento são apenas o pronunciamento coletivo acerca duma casa de diversões que vem se constituindo num ambiente familiar da sociedade florianopolitana, e que se tornou, o

²³⁹ Acy Cabral Teive & Antunes Severo. Entrevistas concedidas a Aldonei Machado. Florianópolis, 10 de maio de 1995 e 19 de abril de 1997.

centro preferido de reuniões daqueles que gostam da cinematografia como arte que se impôs ao mundo moderno ou como simples distração pela qual derivam os espíritos que necessitam de ameno recreio mental. Tanto se aperfeiçoou a técnica, tanto se acrescentou em recursos cênicos, aliando-se a boa arte representativa, que ninguém pode escapar da idéia de ser o cinema uma boa forma de vulgarização e de educação artística. Desde as primeiras produções até as grandes obras, a evolução do cinema é uma destas coisas que nos fazem acreditar nas infinitas possibilidades do engenho humano. Pois bem, o Cine Ritz, se tem feito entre nós, o exibidor do que melhor se produz no reino das películas animadas e falantes, mercê do que nossa cidade está em dia com os progressos do mundo moderno."²⁴⁰

Ao inserir tal texto em seu contexto, podemos perceber que seu autor está imbuído de uma série de valores e idéias próprias do seu tempo, pois o século XX e suas primeiras décadas são marcadas por inúmeras transformações tecnológicas e urbanas, as quais acabaram por "modificar a percepção do mundo"²⁴¹ e as relações sociais de milhares de indivíduos. Tal crônica traz à tona a relação quase que imediata estabelecida entre tais tecnologias - no caso o cinema - e os habitantes das cidades, "sendo que a justaposição entre tais partes aconteceram praticamente no mesmo momento."²⁴²

Tentava-se, assim, formar opiniões, difundir e valorizar a crença nas maravilhas da técnica, da ciência, do conhecimento humano e da modernidade para a humanidade, mas também e, principalmente, inserir o cinema no cotidiano das pessoas e valorizá-lo enquanto um espaço propício para o encontro familiar, para o lazer e para o

²⁴⁰ Gustavo Neves. *Flagrantes da Cidade - crônica lida especialmente ao microfone da Guarujá por Gustavo Neves Filho*. Jornal O Estado. Florianópolis, 16 de abril de 1953, nº 11.666. p. 03.

²⁴¹ Para Marshall McLuhan, o cinema, por exemplo, interioriza o mundo exterior, pois a câmera do cineasta enrola a vida num carretel. O projetor nada mais faz que desenrolar este carretel, o qual pode vir a se tornar um mundo de sonhos para milhares de indivíduos. Ver MCLUHAM, Marshall. *O Cinema: o mundo real do rolo*. In: *Os Meios de Comunicação com Extensões do Homem*. Op. Cit. p. 319.

²⁴² SEVCENKO, Nicolau. *A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio*. In: NOVAIS, Fernando. *História da Vida Privada no Brasil - República: da Belle Époque à Era do Rádio*. Volume 03. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p. 522.

aprendizado. De uma certa maneira, tal veiculação radiofônica e jornalística buscava inserir Florianópolis na modernidade, bem como incutir nas pessoas a opinião de que toda cidade moderna deveria possuir salas de cinema, sendo que a capital catarinense, graças ao Cine Ritz, não deixava nada a desejar.

A importância política e o papel vanguardista do rádio também era reafirmada pela imprensa escrita, que, em 1951, publicava textos como o que segue:

*"A função social do rádio tem, na prática, resultados importantes. Um desses é, sem dúvida, a entrega de determinados tempos de transmissões à organizações políticas e representações partidárias. Esta função do rádio é de suma importância para a sociedade, pois é ponto pacífico que, hoje em dia, nenhum partido político empreende uma campanha eleitoral ou um governo sem a ajuda do rádio."*²⁴³

Com relação a função política do rádio, demonstrada acima, já mencionamos que as emissoras de Florianópolis possuíam, como principais acionistas, representantes de tradicionais oligarquias catarinenses. Sendo assim, cada emissora mantinha no ar programas com o intuito de discutir questões políticas, bem como exercer oposição quando tais grupos se revezavam no poder. A Guarujá, por exemplo, colocou no ar, durante os anos 60, o programa 'Celso Conversa com Você', através do qual o Governador Celso Ramos, do Partido Social Democrata, apresentava e discutia seus 'Seminários Sócio-Econômicos para Santa Catarina.' Em contrapartida, a Diário da Manhã elaborou o programa 'Marcha dos Acontecimentos', posteriormente rebatizado de 'Vanguarda', os quais tinham como intuito criticar os atos governamentais do PSD, bem como dar voz aos líderes políticos e correligionários abrigados sob a sigla da União Democrática Nacional.²⁴⁴

²⁴³ All Neto. No Mundo do Rádio. Jornal O Estado. Florianópolis, 18 de abril de 1951, nº 11.666. p. 03.

All Neto, pseudônimo jornalístico do Sr. Affonso Alberto Ribeiro Neto, jornalista e radialista da BBC de Londres durante os anos 40 e 50.

²⁴⁴ Acy Cabral Teive. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 03 de maio de 1995 & FILHO, Raul Caldas. Jornal Ô Catarina! Florianópolis, junho de 1993, nº 03, p. 03.

Podemos também atribuir ao rádio, neste período, a função de apregoar uma série de discursos que tinham como objetivo primordial discutir, fomentar e inculcar, no seio da sociedade, determinados valores sociais, bem como combater determinadas práticas sociais. Desta maneira, sentimos que podemos nos valer, mais uma vez, das reflexões do historiador francês Roger Chartier, que nos faz pensar que as estruturas e as representações do mundo social são historicamente produzidas por um série de práticas políticas, sociais e/ou discursivas, articuladas entre si.²⁴⁵

Nesta perspectiva, podemos inserir aqui o programa de rádio-teatro 'Alma Sertaneja'²⁴⁶, veiculado pela Diário da Manhã de Florianópolis durante boa parte dos anos 50. Em algumas audições deste programa, foram produzidas peças de teatro denominadas 'A Vingança do Curandeiro', que como nos mostra o próprio nome, tratava dos embates estabelecidos entre os saberes médicos oficiais e os populares.

Nas entrelinhas deste rádio-teatro, tentava-se desqualificar publicamente as pessoas que detinham saberes e práticas medicinais, entre eles o 'Zé Curandeiro', considerado "um caboclo bronco e porco, não merecedor, portanto, da confiança das pessoas que estivessem apresentando sintomas patológicos. Neste caso, as pessoas doentes deveriam procurar o conhecimento dos doutores e dos médicos que residiam nas cidades."²⁴⁷

²⁴⁵ Ver Chartier, Roger. Op. Cit. p. 27.

²⁴⁶ Tal programa já era anteriormente produzido pela Rádio Guarujá desde 1948 até a metade dos anos 50 com o nome 'Casinha de Caboclo'. Posteriormente, com a transferência do seu idealizador, o radialista Aldo Silva, para a Diário da Manhã, passou a denominar-se 'Alma Sertaneja'. Ver Jornal O Estado. Florianópolis, 28 de abril de 1953, nº 11.881. p. 03.

²⁴⁷ Adaptação do diálogo estabelecido entre os personagens Mané Pedro e sua esposa Lucinha sobre a vida e a pessoa de Zé Curandeiro, considerado o maior médico popular do Município de Tijucas/SC. Programa 'Alma Sertaneja' em seu episódio 'A Vingança do Curandeiro', veiculado no final dos anos 50 pela Rádio Diário da Manhã às Segundas-Feiras pela manhã, sob patrocínio de Leonardo Sell, fabricante dos Refrigerantes Pureza. Fita K7 nº 32.

Ao relacionarmos o referido programa com sua época histórica, podemos caracterizar que sua idealização não se deu por acaso. Analisando a cidade de Florianópolis e suas produções na área da história e em especial da medicina, podemos perceber que outros setores da sociedade, entre eles o médico, também estão discutindo em público tal questão. Nos anos 40 e 50, por exemplo, o médico, historiador e político da UDN, Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral, publica suas principais obras.²⁴⁸ Em todas as suas publicações, Cabral, como médico que era, tentava combater e desqualificar as práticas medicinais de cunho popular, divulgando e valorizando, em contrapartida, os saberes médicos considerados oficiais, científicistas e acadêmicos.

Embora Cabral não tivesse apresentado participação e aproximação com as emissoras de rádio, podemos perceber que o programa 'A Vingança do Curandeiro' nada mais é que uma apropriação ou um desdobramento de uma série de discursos e pensamentos que permearam as primeiras décadas do século XX. Este contexto histórico é marcado pela ascensão do médico como intelectual prestigiado socialmente e, principalmente, dono de um saber científico, técnico e especializado, o que acarretou aos mesmos a possibilidade de reivindicarem para si o saber e o "direito de curar."²⁴⁹

Aliado a estes fatores, podemos perceber também que o rádio, em determinado momento da sua história, passa a contribuir com os discursos provenientes da medicina positivista e científica. Na esteira destes discursos e com a maior penetração da indústria farmacológica no Brasil, as emissoras de rádio passam a divulgar e fomentar para seus ouvintes, através de uma série de locuções comerciais, o que podemos chamar de uma

²⁴⁸ Entre as várias obras de Cabral, podemos citar estas: 'Medicina, Médicos e Charlatões do Passado', datada de 1942; 'Medicina e Folclore: a medicina teológica e as benzeduras' - 1958 e 'A Medicina Caseira', obra publicada em 1952.

²⁴⁹ HERSCHMANN, Micael M & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. Op. Cit. pp. 43-46 e p. 90.

'medicalização social dos corpos', a qual ia desde o "Biotônico Fontoura, considerado o mais completo fortificante, beneficiando três gerações", passando pelo "Alicura, pois na dor de ouvido, dor de cabeça e dor de dente, só Alicura para curar instantaneamente",²⁵⁰ até o conceituado "analgésico Alouro, fabricado e encontrado na Drogaria Catarinense, sendo esta responsável em vender saúde com tranquilidade e experiência " ²⁵¹

No que diz respeito aos mecanismos de divulgação e formação de valores sociais, em muitos programas de auditório, por exemplo, era comum os radialistas e condutores do espetáculo realizarem a famosa 'brincadeira de noivado'. Nesta apresentação, "o noivo - na verdade um ator de rádio - era inquirido, perante o público, sobre sua capacidade de adquirir responsabilidades, sua conduta no dia a dia, seus sentimentos para com a noiva e, especialmente, sua condição financeira e sua posição social para formar e sustentar uma família."²⁵²

Porém, mais do que um simples entretenimento, tal 'brincadeira' carregava e discursava, nas suas entrelinhas, um conjunto de valores que permeavam esta época, e, sobretudo, tinha como intuito primordial reforçar, discutir e formar, perante um público, o modelo ideal de homem, ou seja, trabalhador, honesto, probo e, sobretudo, capaz de prover o sustento dos seus, estando apto, assim, a constituir uma família aos moldes burgueses, ou seja, nuclear, hierárquica e patriarcal.

Ainda perpassando a formação de um homem pelo viés do rádio, inúmeros programas de rádio veiculados nas grandes cidades, como, por exemplo, Rio e São Paulo,

²⁵⁰ Cláudio Alvim Barbosa. Entrevista concedida a Norberto Delpizollatti. Florianópolis, 10 de outubro de 1994. Fita K7 nº 33.

²⁵¹ **Adaptação do comercial do analgésico Alicura e da Drogaria Catarinense, a qual ainda situa-se ao lado da Praça XV de Novembro, centro de Florianópolis, sendo conhecida pelos habitantes mais antigos da cidade como Farmácia Vitória. Jingles e Comerciais do Rádio Catarinense - Fita k7 nº 15.**

²⁵² Acy Cabral Teive. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 08 de maio de 1995.

destinavam-se a construir o que podemos chamar de uma 'cultura da aparência'. A propósito desta expressão, o jornal Gazeta de Notícias, da cidade do Rio de Janeiro, costumava publicar uma série de crônicas, veiculadas também pelas emissoras, intituladas 'Rádio Dentro da Noite'.

Nestas crônicas, apesar de jocosas, porém importantes para revelar todo um conjunto de valores reinantes numa época, eram passadas aos ouvintes masculinos uma série de conselhos e regras para que um homem fosse considerado de bem, moderno, em sintonia com seu tempo, no caso, o Rio de Janeiro dos anos 50.²⁵³

Em Florianópolis, infelizmente, não conseguimos identificar a existência de crônicas deste tipo. No entanto, podemos perceber toda uma série de locuções comerciais com o objetivo de transmitir e fomentar uma imagem e um padrão de homem moderno, elegante, que seguisse os passos da moda e, sobretudo, que usasse roupas as quais refletissem e/ou pudessem contribuir para o seu sucesso social e profissional. Para estes novos homens, moldados pelos meios de comunicação de massa, fazia-se necessário, portanto, comparecer à "seção masculina das Lojas A Modelar para que pudessem adquirir, em treze facilitadíssimas mensalidades, elegantes ternos de puro linho, ideais para todos os homens e rapazes."²⁵⁴

Podemos perceber, assim, que o rádio se investe como um dispositivo que ajuda a moldar/plasmar um ideal de homem moderno através da valorização da aparência.

²⁵³ A saber, algumas delas: "Usar camisa esporte e calção de banho florido para passear no Arpoador, mesmo que costume tomar banho na praia de Ramos.", "Aparecer, de vez em quando, de automóvel, mesmo que seja emprestado de um amigo." e "Falar em comidas difíceis e em apartamento duplex, mesmo que costume comer média com pão e morar numa vaga de pensão." Ver LENHARO, Alcir. *Cantores do Rádio: a trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995, p. 132.

²⁵⁴ Adaptação do comercial das Lojas A Modelar, patrocinadora do programa de auditório 'Sequências A Modelar'. Ver MEDEIROS, Ricardo. Op. Cit. p. 117.

A aparência, portanto, tornou-se um imprescindível "cartão de visitas, representando uma aspiração destes homens aos bens e às posições sociais, pois, juventude, beleza, elegância e estilo tornaram-se requisitos necessários ao sucesso, essenciais na moderna e competitiva sociedade de massa"²⁵⁵, como podemos confirmar através de determinadas propagandas de rádio veiculadas pelas emissoras da capital:

- *Não sei que roupa eu visto! Após a reunião com a diretoria preciso ir a um cock-tail.*
- *Ora, é fácil! Vista Regência! O corte inconfundível de Regência personaliza o elegante e veste bem em todas as ocasiões.*
- *Hum!! Que elegância!*
- *Também, ele usa Regência.*
- *O tecido é maravilhoso!*
- *Claro, é Regência.*
- *O acabamento é perfeito!*
- *É Regência.*
- *Diga-me uma coisa: quem é o bonitão que está sentado no fundo da sala?*
- *É um velho amigo.*
- *Que elegância, hein!?*
- *Também, ele veste Regência!*
- *Vista Regência e conquiste a preferência!*²⁵⁶

Entretanto, podemos dizer que a cultura de massa e a indústria cultural, enquanto desdobramentos dos veículos de comunicação de massa, podem ser consideradas 'feminino-masculina'²⁵⁷, pois podemos encontrar no cinema, na imprensa escrita, na televisão e no rádio, programas, assuntos e produtos de interesse tanto dos homens quanto das mulheres. Neste sentido, nas primeiras décadas deste século, foram criados e

²⁵⁵ SEVCENKO, Nicolau. A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. Op. Cit. p. 538.

²⁵⁶ Locuções comerciais das 'Roupas Regência' as quais poderiam ser adquiridas em 05 pagamentos pelo preço de a vista nas 'Lojas A Capital', localizada, nos anos 50 e 60, na Conselheiro Mafra, esquina com Trajano, centro de Florianópolis. Jingles e Comerciais do Rádio Catarinense - Fita k7 n° 15.

²⁵⁷ Ver MORIN, Edgar. Op. Cit. p. 140.

publicados todo um conjunto de romances de teor açucarado,²⁵⁸ revistas, jornais e programas de rádio destinados ao público feminino, no intuito de formar um padrão ideal de mulher e, é claro, colocá-las em consonância com os valores burgueses.

Analisando o contexto histórico da época, podemos perceber que o Brasil, do final dos anos 40 e durante toda a década de 50, viveu uma fase de crescimento de uma classe média que assistiu, com esperança, o surto industrial, a urbanização das principais cidades e, especialmente, o aumento das possibilidades de homens e mulheres terem mais acesso à informação, ao entretenimento e aos bens de consumo. Todavia, a separação dos papéis femininos e masculinos desta mesma época continuaram, podemos assim dizer, praticamente explícitas. A família nuclear, patriarcal e hierarquizada continuou sendo o modelo predominante, com o homem sendo o provedor do lar. Já a mulher, neste caso a ideal, continuava a assumir uma série de responsabilidades tradicionais, como, por exemplo, as relativas às ocupações domésticas e aos cuidados dos filhos e do marido. Para reforçar e valorizar cada vez mais o modelo burguês de família, bem como definir com maior ênfase as distinções entre homens e mulheres, a sociedade brasileira - em especial as mulheres - recebeu uma verdadeira enxurrada de produções literárias - *Jornal das Moças*, *Querida*, *Vida Doméstica* - sendo que todas iam ao encontro dos valores dominantes deste período, difundindo e formando padrões de comportamento, sexualidade, casamento, trabalho feminino, beleza e felicidade conjugal.²⁵⁹

²⁵⁸ Muito ilustrativa desta época é a literatura endereçada às mulheres, resumidas em uma coleção intitulada *Biblioteca das Moças*, as quais mereciam propagandas tanto nos jornais como em emissoras de rádio. Ver CUNHA, Maria Teresa Santos. *Educação e Sedução: normas, condutas e valores nos romances de M. Delly*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1995. (Tese de Doutorado).

²⁵⁹ BASSANEZZI, Carla. *Mulheres do Anos Dourados*. In: DEL PRIORE, Mary. (org.). *História das Mulheres no Brasil*. Op. Cit. pp. 608-609.

Nesta perspectiva, a radiodifusão brasileira e, no nosso caso, a florianopolitana, também passou a contribuir para a divulgação dos padrões ideais de mulher, apropriando e adaptando para o microfone as produções da imprensa escrita destinadas ao público feminino. Em Florianópolis, todas as segundas-feiras, por volta das 17:30 hs, ia ao ar o programa 'Revista Feminina,' que como nos mostra o próprio nome, tinha como objetivo primordial passar "25 minutos de boa música, conselhos de moda e beleza, receitas, novidades e entretenimento para a ouvinte exigente e amiga."²⁶⁰

Através deste programa, as ouvintes florianopolitanas recebiam um conjunto infindável de conselhos e sugestões para serem consideradas mulheres ideais, aptas a cuidar do lar e dos filhos e, especialmente, capazes de assegurar um bom casamento. Senso assim, todas as mulheres que "escutavam este programa tinham a possibilidade de ficar por dentro de uma série de dicas sociais, como, por exemplo, a melhor maneira de uma moça falar e sentar em público, preparar saborosos pratos para agradar seu marido e/ou noivo, bem como combinar suas roupas e vestir-se decentemente e adequadamente para cada ocasião social."²⁶¹

De acordo com Morin, a imprensa destinada ao público feminino possui, em seu eixo, dois grandes temas que orientam - e impõem - o viver cotidiano de milhares de mulheres, ou seja, a beleza e o bem-estar da família.²⁶² Por este viés, a sociedade de consumo, fortalecida pela radiodifusão, tentava incutir no público feminino que 'a rainha do

²⁶⁰ Chamada de abertura do programa 'Revista Feminina' - produção e locução de Neide Mariarrosa, transmitido pela Rádio Diário da Manhã durante as décadas de 50 e 60. Fita K7 n° 23.

É interessante salientar, mais uma vez, a apropriação do rádio em relação à outros meios de comunicação de massa. O 'Revista Feminina' florianopolitano nada mais é que a versão radiofônica da 'Revista Feminina', publicação carioca veiculada nas primeiras décadas do Século XX. Ver MALUF, Marina & MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do Mundo Feminino. In: NOVAIS, Fernando. História da Vida Privada no Brasil - República: da Belle Époque à Era do Rádio. Op. Cit. p. 388.

²⁶¹ Maria Ana Machado. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 12 de abril de 1997.

²⁶² MORIN, Edgar. Op. Cit. p. 141.

lar' - expressão típica atribuída às mulheres - deveria ficar "atenta aos inúmeros conselhos e comparecer à Vera Lúcia, a Rainha das Lojas, a qual possuía um grande sortimento de artigos fmos para salientar a elegância da mulher."²⁶³

Ainda permeando os padrões de beleza, o rádio ordenava, imperativamente, que toda "senhora deveria sentar e escutar que a mulher, na verdade, tem a idade que parece, sendo que todas poderiam conseguir isso se usassem o método embelezador da Palmolive, pois uma pele aveludada e mais bonita só poderia ser alcançada com os produtos Palmolive."²⁶⁴

Em outras destas produções comerciais, o aspecto maternal da mulher durante os anos dourados continuava sendo imposto, pois ser dedicada aos cuidados e ao conforto geral da família era considerado o destino natural das mulheres, assumindo, assim, características de verdade, fazendo parte, portanto, da 'essência feminina':

- *Senhora, sente-se e escute! A mãe é a responsável pelo conforto do marido e dos filhos.*
- *Depois do banho, quando faz calor, use Talco Palmolive para a senhora, seu bebê, para seus filhos e para seu marido.*
- *Talco Palmolive continua com essa sensação saudável de limpeza depois do banho.*
- *Use só o Talco Palmolive, feito de propósito para toda a família!*²⁶⁵

Concomitantemente, os radialistas florianopolitanos, aproveitando-se de uma outra parcela da população, ávida em participar das novidades apresentadas pela radiodifusão, criaram programas destinados não só aos homens e mulheres, mas também ao

²⁶³ Adaptação da locução comercial das Lojas Vera Lúcia, localizada, durante os anos 50, à rua Felipe Schmidt, 48, centro de Florianópolis. Jingles e Comerciais do Rádio Catarinense - Fita k7 n° 15.

²⁶⁴ Adaptação da locução comercial dos produtos Palmolive. Ver MEDEIROS, Ricardo. Op. Cit. p. 115.

²⁶⁵ Adaptação da locução comercial dos produtos Palmolive. Ver MEDEIROS, Ricardo. Op. Cit. p. 114.

público infantil, como podemos observar na matéria publicada abaixo:

*"A Sr^a Maria Alice, cujas atividades na Rádio Guarujá vem mantendo em ritmo crescente, está atuando agora no programa "A Hora Infantil", que inicia e vai ao ar aos domingos, a partir das 14:00 hs. A Hora Infantil, programa constituído de brincadeiras no auditório reunindo a petizada florianopolitana em momentos de confraternização e divertimento, foi criação do Sr. Mozart Régis, o popular Pituca, ora na cidade do Rio de Janeiro. Agora, Maria Alice, que também é locutora da mais popular emissora catarinense, tomou para si a responsabilidade de animar as horas de riso e de brincadeiras para menores. É, nada mais, nada menos, uma das grandes revelações da Rádio Guarujá. O programa A Hora Infantil está, assim, fadado a constituir uma das grandes e populares atrações da nossa capital."*²⁶⁶

A criação de programas infantis tornou-se uma característica na radiodifusão brasileira. Já na década de 30, a Rádio Educadora Paulista, por exemplo, produzia e transmitia inúmeros programas destinados às crianças, entre eles, podemos citar, 'Quarto de Hora da Criança' e 'Contos da Tia Brasília.'²⁶⁷

Seguindo os passos e o modelo radiofônico de outras cidades brasileiras, em Florianópolis, além do programa 'A Hora Infantil', também foram "criados programas de calouros infanto-juvenis"²⁶⁸, bem como a Rádio Diário da Manhã produziu e manteve no ar, durante boa parte dos anos 50, sob o comando do radialista Tio Bona, o programa 'As Crianças se Divertem', tendo como objetivo primordial "levar alegria, descontração e educação à gente miúda,"²⁶⁹ seja através de leituras de cartas enviadas às emissoras pelos

²⁶⁶ Jornal O Estado. Florianópolis, 26 de junho de 1953, nº 11.641. p. 08.

²⁶⁷ PEDRO, Antônio. Op. Cit. pp. 89-90.

²⁶⁸ Teresa Rosa. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 10 de março de 1998.

²⁶⁹ Adaptação da chamada de abertura do Programa 'As Crianças se Divertem' - locução de Edgar Bonassis Filho, transmitido todas as Segundas-Feiras, as 17:30 hs. Fita k7 nº 26. Tal programa era produzido pela Sr^a Nivalda Jacques Severo e patrocinado pelo Laboratório Catarinense, sendo transmitido por mais 11 emissoras de rádio de Santa Catarina. Antunes Severo. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 19 de Abril de 1997.

pequenos ouvintes, bem como através de músicas infantis, palestras sobre folclore e datas cívicas da história oficial do Brasil, como, por exemplo, Independência, Descobrimento e Tiradentes.²⁷⁰

Todavia, podemos perceber que o rádio, ao caracterizar-se como um veículo que invade e atua também na esfera do lar, passa a atribuir determinadas expressões aos radialistas que comandavam os programas infantis. As expressões 'Tio Bona' e 'Tia Brasília', por exemplo, evidenciam a tentativa de se criar uma relação de intimidade e de familiaridade entre as crianças e os radialistas, sendo que estes últimos passam a ser construídos e vistos como pessoas próximas e, em última instância, como possíveis educadoras e formadoras destas mesmas crianças. O rádio, então, mais do que divertir os menores, "acabava por atribuir para si uma função que havia sido, até este momento, quase que exclusivamente dos pais."²⁷¹

A função de formar e educar dos programas infantis pode ser percebida face aos próprios conteúdos abordados e difundidos explicitamente pelas ondas do rádio. Tais assuntos tentavam reforçar aos pais e inculcar nas crianças "a necessidade e a importância, para a vida e para a saúde, da prática do banho, de comparecer ao dentista, de alimentar-se bem e na hora certa, de comportar-se à mesa, de ser educado com as outras pessoas, de tomar vacinas e remédios,"²⁷² entre outros hábitos e comportamentos considerados de cunho civilizado.

Ainda nesta perspectiva, notas encontradas nos jornais locais evidenciam claramente a tentativa do rádio em educar e civilizar as pessoas, pois a "Guarujá e Diário da

²⁷⁰ Maria Ana Machado. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 12 de abril de 1997.

²⁷¹ Ver PEDRO, Antônio. Op. Cit. pp. 89-90.

²⁷² Nivalda Severo & Maria Ana Machado. Entrevistas concedidas a Aldonei Machado. Florianópolis, 03 de maio de 1998 e 12 de abril de 1997.

Manhã, em parceria com a Rádio Difusora do MEC, passaram a veicular audições de educação pelo rádio através de cursos e palestras de cunho estritamente cultural e educacional para todas as crianças e jovens de Florianópolis.²⁷³

Neste sentido, podemos nos valer das reflexões do historiador e sociólogo alemão Norbert Elias, que nos mostra que não existem atitudes naturais do homem, ou seja, nenhum indivíduo nasce civilizado. O que ocorre é uma construção das formas que representam o que é ser um ser humano civilizado, dotado de maneiras igualmente civilizadas. Tais maneiras são construídas através de todo um processo histórico e social, o qual opera, em maior ou menor grau, com maior ou menor sucesso, em cima de todas as pessoas, desde a mais tenra idade.²⁷⁴

Além disto, analisando o contexto histórico brasileiro, este processo de civilidade, apregoado por Norbert Elias e difundido pelo rádio, vem ao encontro dos projetos de educação, higienização e cuidado com o corpo, apregoados pelas elites brasileiras - médicos, educadores e líderes políticos. Nas primeiras décadas do século XX, nas perspectivas do médico carioca Miguel Couto, por exemplo, a educação, o saneamento das cidades e a higiene eram consideradas as únicas e principais chaves que abriam para o Brasil as portas da civilização e da modernidade.²⁷⁵

Cabe aqui também mostrar as considerações de muitos educadores brasileiros, entre eles, Anísio Teixeira e Roquete Pinto, sendo que ambos criaram todo um projeto nacional de educação que tinha como objetivo primordial apregoar e valorizar,

²⁷³ Jornal A Semana, Florianópolis, 19 de março de 1958, nº 49. p. 01.

²⁷⁴ ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes - volume 01**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. pp. 14-16.

²⁷⁵ HERSCHMANN, Micael M. & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. Op. Cit. p. 53.

perante as crianças, normas de higiene, polidez e boas maneiras.²⁷⁶ No pensamento destes intelectuais, a educação seria utilizada como um instrumento civilizatório, tendo como objetivo principal atingir a mente, o corpo e a saúde da nação, a qual apresentava-se "sem eira, nem beira, sem educação e sem higiene."²⁷⁷

De acordo com estas premissas, podemos considerar que o rádio, inserido neste contexto, sendo composto em sua grande maioria por integrantes das elites brasileiras e graças a sua capacidade técnica de falar para um grande contingente de pessoas, passa a somar com estes processos e projetos de civilidade, cultura e educação. O rádio, então, tentava divulgar e inculcar nas pessoas uma série de valores e normas de higiene e saúde, através, por exemplo, do programa 'Hora da Ginástica', da Nacional do Rio de Janeiro. Comandado pelo professor e médico carioca Osvaldo Magalhães, tal programa passava aos seus interlocutores a máxima de que "não seria possível existir uma mente ativa num corpo inativo e que os exercícios físicos traziam uma importante fonte de benefícios, mantendo o Brasil e a América de pé."²⁷⁸

Finalizando, podemos pensar que o rádio, juntamente com a indústria fonográfica e com os empresários locais, nacionais e multinacionais, foi capaz de guiar, formar e circular, em Florianópolis, uma série de práticas sociais e culturais. Além disso, fomentou a divulgação e a revelação de inúmeros artistas locais, os quais tornaram-se, como um produto da indústria cultural, em objetos de desejo e de veneração de centenas de pessoas. Assim, muitas destas pessoas tentaram consumir, conhecer e se aproximar destes artistas e estrelas da cidade, pois "fazer as coisas ficarem mais próximas é uma preocupação

²⁷⁶ NUNES, Clarice. A Escola Reinventa a Cidade In: **HERSCHMANN, Micael M. & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. A Invenção do Brasil Moderno - medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30.** Op. Cit. pp. 184-186.

²⁷⁷ PINTO, Roquette. Ensaio de Antropologia Brasileira. In: **GURGUEIRA, Fernando.** Op. Cit. p. 48.

²⁷⁸ SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Op. Cit. pp. 149-150.

apaixonada das massas modernas, visto que a cada dia fica mais irresistível a necessidade de possuir o objeto tão perto quanto possível, seja na sua imagem, ou antes na sua cópia, na sua reprodução."²⁷⁹

Não obstante, mais do que criar estrelas, tal veículo, em parceria com outro meio de comunicação igualmente urbano - o jornal - discursou e serviu como interlocutor entre as elites e os segmentos restantes da cidade. Sendo constituído por setores elitizados e intelectualizados da sociedade, o rádio foi capaz de normatizar condutas, construir e projetar valores sociais, bem como plasmar o comportamento e a sensibilidade de milhares de homens, mulheres e crianças, os quais, podemos dizer, circulam e perduram até mesmo nos dias atuais.

²⁷⁹ BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica. Op. Cit. p. 170.

Considerações Finais

Optamos por realizar algumas 'considerações finais' neste trabalho na medida em que pensamos e admitimos, como já foi mostrado na introdução, que em nenhum momento possuímos o objetivo de, ao realizar a pesquisa e transformá-la numa dissertação, esgotar tão instigante tema. Além do mais, temos claro que tal temática, como qualquer outra, pode e deve ser pesquisada, analisada e interpretada de muitas outras formas. Sendo assim, de acordo com os ditames da Nova História, torna-se quase que impossível 'concluir', de maneira fechada e acabada, algum trabalho acadêmico, entendendo a expressão 'concluir' no sentido dicionarizado por Aurélio Buarque de Holanda, que significa levar a cabo, dar um fim. Neste sentido, pensamos que na produção historiográfica o pesquisador não consegue simplesmente levar a cabo, concluir. Mas sim, ao avançar sobre o seu tema de pesquisa, o historiador sente a necessidade, em algum momento, de abandonar, de colocar um ponto final no seu trabalho, porém, não no tema em si.

Imbuído das premissas anteriormente levantadas, faz-se necessário construir algumas considerações sobre o rádio e suas imbricações com os habitantes de Florianópolis durante os anos 40 e 50. Se analisarmos com atenção, podemos perceber através do rádio que a capital catarinense, durante o espaço temporal priorizado nesta pesquisa, constituía-se

como uma cidade relativamente tranqüila, possuidora de uma polifonia própria, a qual estava inserida e integrada ao cotidiano de muitos dos seus habitantes.

No entanto, a partir da iniciativa, dos desejos e da necessidade de jovens rapazes em modernizar a cidade - sentimento este já manifestado em outros momentos históricos através de outros símbolos de modernidade - quatro alto-falantes são instalados nas ruas e na praça de Florianópolis, praticamente no meio das pessoas que moravam, trabalhavam e circulavam cotidianamente por seu centro urbano. Assim, quem circulava pela Praça XV e/ou pelas ruas centrais da cidade poderia ouvir uma série de músicas, poesias, produtos, serviços e corações apaixonados, os quais passaram a ser revelados, oferecidos e transmitidos durante quase todo o dia.

Todavia, o barulho, a música, a informação, os programas e as palavras emanadas daquelas grandes caixas afixadas em alguns postes, ao quebrarem o cotidiano de Florianópolis, acabaram entrando em contraste com a sua rotina e com os seus sons próprios, ameaçando, assim, destruir e transformar o cotidiano e a vida de muitas outras pessoas, fato este que acarretou uma série de conflitos, resistências e preconceitos às primeiras ondas radiofônicas da capital catarinense.

Porém, paulatinamente, de uma simples produtora de barulho com suas 'bocas de jacaré', incomodando o sossego das pessoas nas ruas, até a inauguração de outras emissoras durante os anos 50, a radiodifusão foi assegurando e consolidando sua participação no cotidiano e na vida de muitos segmentos sociais de Florianópolis, tornando-se, com o passar do tempo, em uma conquista, em um elemento de progresso, de modernidade para a cidade.

A partir da inauguração da Guarujá e posteriormente da Diário da Manhã, outras práticas sociais e culturais foram implantadas e construídas em Florianópolis,

aumentando não só a sua polifonia urbana, mas também criando novos espaços e diferentes relações de sociabilidades, pois possibilitou para muitos de seus habitantes novos motivos para se encontrarem nas ruas e na praça, seja para escutar notícias e informativos esportivos ou para manifestarem suas crenças religiosas através do programa 'Instante da Prece'.

Além da cultura da praça, aumentada com o advento da radiodifusão em Florianópolis, podemos vislumbrar também a abertura de outros espaços de sociabilidades, como, por exemplo, os auditórios. Tais espaços possibilitaram a formação de grupos de pessoas que partilhavam, praticamente, os mesmos desejos, ou seja, estarem juntas, fazendo do auditório e, em última instância, do rádio, partes integradas às suas vidas. Diversos outros programas, como novelas, quadros cômicos e competições esportivas acabaram também por invadir os lares, acarretando, assim, numa possível ritualização dos afazeres domésticos de muitas donas de casa, bem como possibilitando a reunião de pessoas e suscitando, através da indústria do consumo, mais uma moderna forma de sociabilidade, ou seja, a troca e o envio de cartas e telefonemas entre ouvintes e radialistas.

Porém, podemos perceber também que Florianópolis, através das ondas de suas emissoras de rádio, estava inserida em contextos históricos mais amplos. Neste sentido, grupos oligárquicos de Santa Catarina e setores elitizados e intelectualizados da cidade, que formavam os quadros de radialistas e/ou eram proprietários das emissoras de rádio locais, passaram, juntamente com os jornais, a guiar determinadas práticas sociais e culturais de muitos indivíduos que se dedicavam a escuta do rádio. Assim sendo, era comum a publicação de notas jornalísticas incentivando as pessoas a comparecerem aos auditórios, ou, então, sintonizarem seus aparelhos em determinados programas para que pudessem conhecer e prestigiar o trabalho, o talento e as criações de inúmeros artistas tipicamente locais. Tais discursos jornalísticos podem ser caracterizados como tentativas

de se criar na cidade uma indústria cultural local, através da divulgação e do fomento aos seus artistas, construindo, assim, uma série de estrelas que passaram a ser veneradas por muitos habitantes de Florianópolis.

Mais uma vez com a ajuda dos jornais, muitos programas e crônicas radiofônicas tentavam discutir em público problemas, questões e embates políticos que permeavam o cotidiano da cidade de Florianópolis. Tentava-se também, principalmente através de locuções comerciais, divulgar e formar uma série de valores que tinham como objetivo civilizar e ordenar as condutas sociais de homens, mulheres e crianças, especialmente no que diz respeito à aparência, à beleza, funções e obrigações familiares e práticas de saúde, higiene e polidez, sendo que muitos destes valores, podemos assim dizer, se fazem presentes no imaginário de muitas pessoas na atualidade.

Fontes

Fontes Áudio-Visuais:

Longa-metragem *Radio Days*. Direção de Woddy Allen. Estados Unidos, 1987.

Fontes Sonoras:**Acervo da Casa da Memória - Fundação Franklin Cascaes - Florianópolis/SC**

Documentos Sonoros: 1900/1946. São Paulo: RCA/Abril Cultural, 1980/1982. Lp nº 001/69;

Jingles e Comerciais do Rádio Catarinense - Fita K7 nº 15;

Programa 'Alma Sertaneja' - Fita K7 nº 32;

Programa 'As Crianças se Divertem' - Fita k7 nº 26;

Programa 'Bar da Noite' - Fita K7 nº 11;

Programa 'Revista Feminina' - Fita K7 nº 23;

Fragmento de radionovela - Fita K7 nº 14.

Jornais:**Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina - Florianópolis/SC**

Jornal A Gazeta - 1945,1946;

Jornal A Semana - 1953, 1955,1957, 1958;

Jornal Cidade de Blumenau - 1934;

Jornal Diário Catarinense - 1996;

Jornal Diário da Manhã - 1953;

Jornal Diário da Tarde - 1953;

Jornal Ô Catarina - 1993;

Jornal O Estado - 1901,1902,1942,1943,1951,1953,1954,1998;

Jornal O Idealista - 1946.

Outros Documentos:**Acervo do DENTEL - Departamento Nacional de Telecomunicações - Agência SC**

Portaria nº 663, de 21 de Julho de 1954.

Entrevistas:

Acy Cabral Teive;

Antunes Severo;

Cláudio Alvim Barbosa;

Gustavo Neves Filho;

Maria Ana Machado;

Nivalda Severo;

Teresa Rosa.

Monografias, Dissertações e Teses:

ALBUQUERQUE, Cláudia Gomes de. **Subsídios para a História da Telefonia em Santa Catarina.** Florianópolis: Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina, 1986. (Trabalho de Conclusão de Curso).

ARAÚJO, Hermetes Reis de. **A Invenção do Litoral: Reformas Urbanas e Reajustamento Social em Florianópolis na Primeira República.** São Paulo: Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1989. (Dissertação de Mestrado).

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Educação e Sedução: normas, condutas e valores nos romances de M. Delly.** São Paulo: Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1995. (Tese de Doutorado).

GURGUEIRA, Fernando. **A Integração pelas Ondas: o rádio no Estado Novo.** São Paulo: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo, 1995. (Dissertação de Mestrado).

PEDRO, Antônio. **A Locomotiva no Ar: rádio na cidade de São Paulo – 1924/1934.** São Paulo: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo, 1987. (Tese de Doutorado).

Revistas e Coleções:

AVANCINI, Marta. No Tempo em que o Rádio era Rei. In: **História & Perspectiva – Revista do Curso de História.** Universidade Federal de Uberlândia, nº03, jul/dez de 1990.

BAUAB, Heloísa. Áudio, Ficções e Ritmos - engenharias do verbo e do som. In: **Revista da Usp - Dossiê Cidades.** São Paulo: nº 28. Mar/abr/maio de 1990.

BENAKOUCHE, Tamara. Técnica, Imaginário e Modernidade na Primeira República: o valor simbólico da Ponte Hercílio Luz. **In: Revista Catarinense de História.** Florianópolis: Insular, nº 04, 1997.

MICELI, Sérgio. Anos de Transição – as capitais brasileiras. **In: Coleção Nosso Século - 1930/1945.** São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MIRANDA, Orlando. Nas Ondas Hertz a Sociedade de Massas. **In: Coleção Nosso Século - 1930/1945.** São Paulo: Abril Cultural, 1980.

NODARI, Eunice Sueli & SERPA, Élio Cantalício. Laguna e Lages: reformulação das condutas e sociabilidades na Primeira República. **In: Revista Catarinense de História.** Florianópolis: Insular, nº 03, 1995.

STONE, Laurence. O Renascimento da Narrativa: reflexões sobre uma nova velha História. **In: Past and Present.** nº 85, Novembro de 1979. (Texto Datilografado).

Livros:

ANDRADE, Mário de. **Obra Imatura.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

_____. **O Empalhador de Passarinhos – Contos.** Brasília: Livraria Martins Fontes/Instituto Nacional do Livro, 1972.

ARNHEIN, Rudolf. **Estética Radiofônica.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1980.

BACHELARD, Gaston. **O Direito de Sonhar.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

BARBOSA, Renato. **O Garoto e a Cidade: Florianópolis dos anos 20.** Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina/Secretaria de Comunicação Social, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Obras Escolhidas III.** São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 24.

_____. **Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie.** São Paulo: Cultrix/Edusp, 1986.

_____. **Histórias e Contos.** Lisboa: Editorial Teorema, 1995.

_____. **Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas I.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. **Tudo Que É Sólido Desmancha no Ar: a aventura da modernidade.** São Paulo: Cia das Letras, 1986.

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da Metrópole Moderna.** São Paulo: Edusp, 1994.

- BURKE, Peter. **A Cultura Popular na Idade Média - Europa, 1500-1800**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- CANEVACCI, Massimo. **A Cidade Polifônica – ensaio sobre a Antropologia da Comunicação Urbana**. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- CANNETTI, Elias. **Massa e Poder**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília/Melhoramentos, 1983.
- CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de Massa Sem Massa**. São Paulo: Summus Editorial, 1986.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.
- CORADINI, Lisabete. **Praça XV: espaço e sociabilidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1995.
- DEL PRIORE, Mary. (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto/Unesp, 1997.
- DRUMMOND, Roberto. **Hilda Furacão**. São Paulo: Editora Siciliano, 1991.
- DUBY, Georges & LARDREAU, Guy. **Diálogos Sobre a Nova História**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes - Volume 01**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- FILHO, Ciro Marcondes. **A Linguagem da Sedução**. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- FILHO, Raul Caldas. **Delirante Desterro - Crônicas**. Florianópolis: Lunardelli, 1980.
- _____. **ÓH: Que Delícia de Ilha - Crônicas**. Florianópolis: Paralelo 27, 1995.
- _____. **Zininho - Jamais algum poeta teve tanto pra cantar**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- HABERMAS, Jurgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

- HAUSSEM, Dóris Fagundes. **Rádio e Política: tempos de Vargas e Perón.** Porto Alegre: Edipucrs, 1997.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- HERSCHMANN, Micael & PEREIRA, Carlos A. Messeder. **A Invenção do Brasil Moderno – medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve Século XX: 1914-1991.** São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LAGO, Mário. **Bagaço de Beira de Estrada.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- _____. **Na Rolança do Tempo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- LENHARO, Alcir. **Cantores do Rádio: a trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo.** Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- LORENZO, Helena Carvalho de. (et. al.). **A Década de 20 e as Origens do Brasil Moderno.** São Paulo: Editora da Unesp, 1997.
- MACHADO, Antônio de Alcântara. **Novelas Paulistanas: Brás, Bexiga e Barra Funda.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- MACLUAN, Marshal. **Visão, Som e Fúria - Teorias da Cultura de Massa.** São Paulo: Editora Saga, 1969.
- _____. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem.** São Paulo: Cultrix, 1964.
- MAFFESOLI, Michel. **A Conquista do Presente.** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- _____. **No Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- MEDEIROS, Ricardo. **Dramas no Rádio: A radionovela em Florianópolis nas décadas de 50 e 60.** Florianópolis: Editora Insular, 1998.
- MELLO, Zuzi Homem de & SEVERIANO, Jairo. **A Canção no Tempo – 85 Anos de Músicas Brasileiras. 1901/1957. Volume 01.** São Paulo: Editora 34, 1997.
- MOREIRA, Sônia Virgínia. **O Rádio no Brasil.** Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX – Neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

_____. **As Estrelas: Mito e Sedução no Cinema**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989.

MURCE, Renato. **Bastidores do Rádio**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

NOVAIS, Fernando. (org.). **História da Vida Privada no Brasil - República: da Belle Époque à Era do Rádio. Volume 03**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

ORLANDI, Eni. P. (org.). **O Discurso Fundador: a construção do país e a formação da identidade nacional**. Campinas: Pontes, 1993.

ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira – Cultura Brasileira e Indústria Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAZ, Octávio. **Signos em Rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

PEREIRA, Moacir. **Imprensa e Poder - a comunicação em Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli/FCC Edições, 1992.

PINTO, Virgílio Noya. **Comunicação e Cultura Brasileira**. São Paulo: Ática, 1986.

RAMOS, Sebastião. **No Tempo do Miramar - Poesias**. Florianópolis: Papa Livro, 1993.

RAMOS, Sérgio da Costa. **Os Civis Precisam Voltar aos Quartéis – Crônicas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1986.

REBÊLO, Marques. **A Estrela Sobe**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Feliz 1958: o ano que não devia terminar**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

SAROLDI, Luiz & VÍRGÍNIA, Sônia Moreira. **Rádio Nacional: o Brasil em Sintonia**. Rio de Janeiro: Funarte, 1984.

SILVA, Osmar. **Coquetel de Crônicas**. Florianópolis: Editora do Autor, 1962.

SOARES, Iaponan. **Estreito: Vida e Memória**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1990.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole – sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

SIMÕES, Aldírio. **Domingueiras: sou ilhéu graças a Deus – Crônicas**. Florianópolis: Papa Livro Editora, 1990.

Retratos à Luz de Pomboca. Florianópolis: ANCapital/Banco do Estado de Santa Catarina, 1997.

SUSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de Letras – literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

TINHORÃO, José Ramos. **Música Popular – do gramofone ao rádio e TV**. São Paulo: Ática, 1981.

História Social da Música Popular Brasileira. Lisboa: Caminhos da Música, 1990.

THOMPSON, Paul. **História Oral - a voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VAMPRÉ, Otávio Augusto. **Raízes e Evolução do Rádio e da TV**. Porto Alegre: Feplan/RBS TV, 1979.

VEYNE, Paul. **Como se Escreve a História**. Lisboa: Edições 70, 1987.

VIEIRA, Alcino. **O Município de Florianópolis nas Constituições Brasileiras**. Florianópolis: Câmara Municipal de Florianópolis, 1995.